

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Atitude Autónoma No Campo Interdisciplinar do Urbanismo

André Pereira da Costa

M
2021



André Pereira da Costa.
Atitude Autónoma
No Campo Interdisciplinar do Urbanismo



M.FAUP 2021

Atitude Autónoma
No Campo Interdisciplinar do Urbanismo
André Pereira da Costa





ATITUDE AUTÓNOMA

.

No Campo Interdisciplinar do Urbanismo

André Pereira da Costa

Orientação: Prof. Dr. Álvaro António Gomes Domingues

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Porto 2021

À minha família por todo o apoio
Aos meus amigos pela motivação
Ao professor Álvaro Domingues por tudo o que me deu a conhecer.

Nota prévia

A presente dissertação segue as regras preconizadas pelo novo Acordo Ortográfico.

O itálico é utilizado para destacar as palavras fortes no contexto do capítulo e/ou para palavras cujo significado é contencioso ou polissémico.

As aspas são utilizadas para citações e para menções, como nomes de colectividades ou títulos de obras.

Índice

Resumo/Abstract	9
Introdução	13
Capítulo 1 - SABER REPRESENTAR E SABER REPRESENTAÇÕES	17
Do Conhecimento e da Competência	
1.1 Estruturas de conhecimento, Atitude Autônoma, Mapeamento cognitivo	21
1.2 Dados, Informação e Conhecimento	22
1.3 Competência, Representações Comunicáveis	23
1.4 Saber Representar a Realidade	24
1.5 Modelação Analítica	28
1.6 Saber Representar a Sociedade	29
Capítulo 2 - LAÇO SOCIAL	33
Dos Modos de Representação Social Narrativos e Científicos	
2.1 Metodologia Interpretativa, Lyotard	41
2.1.1 Pragmáticas do Conhecimento	46
2.1.2 Uma Analogia Esclarecedora	49
2.1.3 Pragmática Científica e Narrativa	51
2.1.3.1 Pragmática Narrativa	53
2.1.3.2 Pragmática Científica	54
2.1.4 Metanarrativas, a Afirmação de Poder Político	57
2.4.1 Deslegitimação das Metanarrativas	61
2.2 Pragmática Performativa	67
2.2.1 Multiplicação de Métodos de Argumentação	67
2.2.1.1 Investigação	67
2.2.1.1.1 Deslegitimação Formal	68
2.1.1.1.1 Incompletude de Gödel	68
2.2.1.1.2 Deslegitimação Histórica	71
2.2.1.1.2.1 Incomensurabilidade entre Paradigmas	71
2.2.1.1.2.2 Revoluções Científicas	75
2.2.2 Maior Complexidade do Processo de Estabelecer Prova	80
2.2.2.1 Educação, o Critério Performativo da Eficiência	83
2.2.2.2 Ciência Pós-moderna e a Investigação Performativa	86
2.2.2.2.1 Crítica Prática	88
2.2.2.2.2 Crítica Conceptual	90
2.3 Pragmática Paralógica	95
2.3.1 Introdução a Modos de Consenso	96
2.3.1.1 Consenso enquanto Função Performativa	96
2.3.1.2 Consenso enquanto Função Dialética	101
2.3.2 Representações da Sociedade	102
2.3.2.1 Introdução à Ideia	104
2.3.2.2 Habermas, Controle	105
2.3.2.3 Lyotard, Persuasão	107
2.3.2.4 Apelo Ético	108

Capítulo 3 - CONSIDERAÇÕES INTERMÉDIAS	113
3.1 Antinomia	115
1.1 Ironia	117
3.2 Urbanismo	123
3.2.1 Ideologia Urbanizada	124
3.2.2 Cidade como Representação do Processo Urbano	125
3.2.3 Teorização Estrutural e Empirismo Metodológico	129
Capítulo 4 - DA ESTÉTICA À ÉTICA (PÓS)MODERNA	133
Da Cultura e da Função Pedagógica da Arte	
4.1 Metodologia Interpretativa, Jameson	139
4.1.1 Autonomia e distância crítica	141
4.1.2 Simulacra e Sublime	142
4.1.3 Mapear	149
4.1.3.1 Modelo de Kevin Lynch	149
4.1.3.2 Modelo de Fredric Jameson	151
4.2 Teoria Crítica	155
4.2.1 Teoria Urbana Crítica e Mapeamento Cognitivo	156
4.3. Disjunção Metodológica	161
4.3.1 Classe Social	162
4.3.2 História, Modo de Produção do Momento Pós-moderno	164
4.3.3 Ciência e Ideologia, a Economia do Conhecimento	165
4.3.4 Estética (Pós)Moderna	168
4.3.5 Do Senso Estético ao Apelo Ético	173
Capítulo 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
5.1 Mapeamento Cognitivo	180
Bibliografia	185

Resumo

O clima político vivido no início do séc. XXI tem sido tumultuoso e a denotação daquilo que é do *espaço material* e do *espaço simbólico* tem sofrido as deslocações *epistemológicas* e *fenomenológicas* mais acentuadas de que há memória. Para a ordenação do *território* e planeamento do *espaço público*, está o *urbanismo*, uma área de saber cuja componente de investigação acaba por agregar um espectro de contributos interdisciplinares em linguagens ora de alusão contextual, ora de denotação teórica, das políticas espaciais. As linguagens do urbano proporcionam orientações para o concreto, o urbanismo caracteriza-se por uma função prática muito vinculada. Onde a *ideologia* política encontra meios para *representação* social no espaço surge algo próprio da condição humana, o conflito.

Hoje, muita da incerteza herdada pelo urbanismo, vai sendo atribuída a uma explosão que afetou tudo o que à sociedade diz respeito, a cultural, a economia, a ciência, a política, etc. e que é conceptualizada numa polissemia de sentidos atribuída ao termo *(pós)modernismo*. Quanto maior a incerteza que rodeia o campo de interesse do sujeito, mais ele fica entregue a si mesmo. É nesse espírito que a presente tese aponta a reflexão menos para o contacto com o que é concreto do urbanismo e mais para o *senso* a partir do qual as linguagens urbanas se vão constituindo. O tipo de saber que constitui o momento de atuação sobre o território, com os seus instrumentos de avaliação, operacionalização e estratégia, é antecedido por metodologias de interpretação do espaço social e pressuposições quanto a valores, ideias, verdades, etc.

O objectivo da tese será explorar os contornos do que constitui uma atitude autónoma como ideal de formação, numa época onde as denominações de autonomia são contestadas dentro das próprias tradições intelectuais que as conceberam. O exercício de *mapeamento cognitivo* será o tema mais forte dessa exploração. A natureza da tarefa não permite a adoção de uma metodologia unitária ou constante, visto que o próprio método interpretativo é motivo de tensão e vai sendo transformado à medida que novas ideias são abordadas e novo conhecimento é adquirido.

Os modos de produção e reprodução social são alimentados de modos de construção de sentido, compreender o que *sabemos* e o que *podemos saber* a propósito da sociedade no espaço é compreender os *imaginários* colectivos que moldamos, que nos moldam parcialmente e dos quais somos responsáveis.

Abstract

The political climate experienced at the beginning of the XXI century has been tumultuous and the denotation of *material space* and *symbolic space* has suffered the most accentuated *epistemological* and *phenomenological* dislocations in memory. Urbanism is stands for *territorial* organization and *public space* planning, an area of knowledge whose research component ends up adding a spectrum of interdisciplinary contributions in languages, sometimes of contextual allusion, sometimes of theoretical denotation, of spatial policies. The urban languages provide guidelines for the concrete, urbanism is characterized by a very linked practical function. Where political *ideology* finds means for social *representation* in space, something specific to the human condition emerges, conflict.

Today, much of the uncertainty inherited by urbanism is being attributed to an explosion that affected everything that concerns society, culture, economy, science, politics, etc. and which is conceptualized in a polysemy of meanings attributed to the term *(post)modernism*. The greater the uncertainty surrounding the subject's field of interest, the more he is left to himself. It is in this spirit that the present thesis points the reflection less towards the contact with what is concrete about urbanism and more towards the *sense* from which urban languages are constituted. The type of knowledge that constitutes the moment of action on the territory, with its instruments of assessment, operationalization and strategy, is preceded by methodologies for interpreting the social space and assumptions about values, ideas, truths, etc.

The objective of the thesis will be to explore the contours of what constitutes an autonomous attitude as an educational ideal, in a time where the denominations of autonomy are contested within the very intellectual traditions that conceived them. The exercise of *cognitive mapping* will be the strongest theme of this exploration. The nature of the task does not allow for the adoption of a unitary or constant methodology, since the interpretive method itself is a source of tension and will be being transformed as new ideas are approached and new knowledge is acquired.

The modes of social production and reproduction are fed by constructions of meaning, understanding what we *know* and what we *can know* about society in space is to understand the collective *imaginaries* that we shape, that partially shape us and for which we are responsible.

Introdução

“La vida política está unida a formas de espacialidad. Hay una correspondencia estructural entre la disposición física de las cosas en el orden espacial y las prácticas políticas asociadas, entre el espacio físico y el espacio cívico.”¹

Urbanismo enquanto campo disciplinar oferece uma perspectiva privilegiada para a forma incomensurável como a maior parte das estruturas de conhecimento produzido pela sociedade se relacionam. Privilegiada pela pouca resistência perante o escrutínio analítico de quem inquirir quanto à estabilidade subjacente do(s) paradigma(s) e compromissos epistemológicos assentidos. Tanto para a investigação como para a prática disciplinar não é fácil discriminar validade ou prioridade entre enunciados conflituosos, o problema não se resume a ocorrências isoladas, mas a um alargado conjunto de factores.

Certas metodologias de análise que têm conquistado a preferência dos investigadores nas ciências sociais, naturais e não só, rejeitam critérios unitotalizantes quanto ao propósito do conhecimento e são suficientes para inspirar grande incerteza quanto ao que se pensa sobre o campo disciplinar do urbanismo. Entendo que essa instabilidade paradigmática, numa primeira instância, possa ser problematizada a partir de duas premissas complementares: em primeiro lugar, o debate quanto à forma de representação social no espaço envolve todos os agentes que lhe pertencem, que por sua vez argumentam segundo conhecimento assente nas mais variadas convicções, logo a própria constituição do Laço Social tem que assumir uma representação; em segundo lugar, devido à incalculável abrangência do objecto de estudo é necessária uma abordagem interdisciplinar que recolha contributos de todas as áreas de estudo pertinentes à descrição dos fenómenos urbanos.

“O território constrói-se socialmente: porque resulta da acção constante da sociedade, dos seus actores e da sua estabilidade ou convulsão; e porque a sua representação - o modo como é ficcionada a sua “realidade”, como é difundida, convencionada, representada, narrada, etc. - é igualmente social.”²

A problematização das questões enunciadas tem a intenção de esboçar princípios para um mapeamento cognitivo que oriente a interpretação, para posterior desenvolvimento de modelos de análise da condição urbana. O foco no desenvolvimento da atitude autónoma do urbanista contraria a noção exclusiva de formação para a competência, que pressupõe a aceitação da legitimidade ideológica de certas interpretações da sociedade

1 INNERARITY, Daniel (2008). *Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadanía*. Comunicação apresentada na Conferência Inaugural, XII Encuentro Ibérico de Directores de Planes Estratégicos Urbanos y Territoriales, Ebropolis, Saragoça, p. 2

2 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p.28

e desvaloriza a sua problematização como irrelevante e improdutiva. A argumentação produzida terá sempre subjacente o objectivo de esclarecer os motivos pelos quais a conquista de autonomia do urbanista é precisamente a atitude mais necessária para que os ditos modelos de análise - instrumentos orientadores das práticas de planeamento e ordenamento urbano, desde as figuras legais que consultamos aos projetos que fazemos - sejam concebidos com consciência das lições do passado e superem as dificuldades herdadas numa perspectiva renovada sobre os contornos do papel do urbanista. Serão argumentados princípios para uma atitude capaz de produzir decisões responsáveis na prática urbanística e na análise urbana.

O panorama geral da tese comprime cinco grupos de Capítulos. A bagagem conceptual e os princípios interpretativos que a análise vai conquistando vertem para o(s) Capítulo(s) seguinte(s). A tese é marcada por três obras principais: numa fase inicial “Território: Casa Comum”, do grupo Morfologias e Dinâmicas do Território, que nos textos iniciais condensa um conjunto de problemáticas que estimularam a investigação; numa segunda fase “The Postmodern Condition: A Report on Knowledge”, Jean-François Lyotard, que providencia uma metodologia interpretativa e introduz uma perspectiva sobre os temas que protagonizam o corpo do texto; e numa terceira fase “Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism”, de Fredric Jameson, que completa o espectro das temáticas abordadas, oferece um contraponto metodológico e propõe uma definição para o conceito de mapa cognitivo. A tese culmina na proposta de uma concepção pessoal de mapeamento cognitivo e respetiva relevância para o campo interdisciplinar do urbanismo.

SABER REPRESENTAR E SABER REPRESENTAÇÕES

Do Conhecimento e da Competência

Capítulo 01

Este primeiro Capítulo serve para avançar teses, muito curtas, que têm como único objectivo introduzir uma perspectiva mais livre sobre o valor e o significado de palavras-chave para a leitura dos próximos dois Capítulos. Quando as faculdades analíticas são dedicadas a modelos de inquérito especializados e estritamente técnicos, as características heterogénicas do autor pouco, ou nada ressaltam no discurso resultante. Ao contrário, a tentativa de abordar temas derrapantes - fundamentalmente contenciosos -, a partir do ponto de vista de primeira pessoa, significa sempre verter fragmentos de um retrato autobiográfico para o texto. É no interesse da transparência que avanço uma articulação de compromissos substantivos e postulados que irão, mutuamente: afetar a fidelidade da análise dos próximos Capítulos e justificar a escolha dessa matéria de reflexão. Um dos maiores consenso pedagógicos de hoje passa pela valorização da autorreflexão como propriedade fundamental da competência de saber refletir. Com isso em mente estas teses expõe princípios que não se referem a um sistema metodológico concreto, mas servem a narrativa da tese como uma espécie de *cold open* composta de alguns postulados e orientações, algum senso, que trago comigo e poderá esclarecer quanto a possíveis tendências da atitude interpretativa que vou assumindo.

A tese tem por objectivo fornecer algum conhecimento e condições para a conceptualização de: *mapeamento cognitivo*. Não será apresentada a concretização de um mapa cognitivo, este exercício antecede esse processo, antes de fazer mapas é necessário reter, nem que temporariamente, esclarecimentos quanto a duas perguntas preliminares: Para quê mapear? Como se pode mapear?

Duas perguntas cuja resposta poderá constituir *teoria*, no entanto, a posição a partir da qual as perguntas são enunciadas não me parece ainda pertencer ao domínio teórico. São perguntas que uma postura filosófica faz da teoria, uma postura que pode e deve ser assumida pelo próprio urbanista, mas que, por isso mesmo, exige o envolvimento ativo com temas que excedem qualquer circunscrição conservadora do domínio das questões teóricas.

Quanto à primeira pergunta - uma que inquire quanto ao propósito do conceito -, a resposta é dada pela própria comunidade associada pelo saber social e humano. O apelo frequente por mais e melhores mapas cognitivos, vem associado ao apelo pelo desenvolvimento de competências criativas na: maior produção ao abrigo desses modelos - criar dentro do que já é possível -, mas também no estímulo de novas possibilidades de mapear cognitivamente - ace-

der e tornar possíveis potenciais ainda inexplorados. É a urgência e frequência desse apelo que permite estabelecer a relevância do conceito, com alguma segurança, na condição de premissa autoevidente.

A segunda pergunta é aquela que a tese se esforça mais por desenvolver, não no sentido de apresentar uma resolução final, mas de criar uma perspectiva com condições para enunciar respostas possíveis. Condições de enunciação significam qualquer coisa como compromissos lexicais, visto que os significantes tratados correspondem a significados muito polissêmicos. Com tudo isto em mente, o que está em causa ao mapear cognitivamente não será esclarecido diretamente e compreensivamente nesta fase da tese, mas será progressivamente mais claro, à medida que a leitura se aproximar do fim.

As teses que se seguem pretendem introduzir esclarecimentos revisórios quanto:

- A elementos básicos do processo de comunicação.
- A condicionantes cognitivas e linguísticas do processo reflexivo.
- Àquilo que está envolvido no processo de representação.
- À noção de atitude autónoma através da valorização de um sentimento de responsabilidade.
- À possibilidade do conceito: *verdade*.
- A implicações do carácter interdisciplinar do urbanismo.
- A características constitutivas de estruturas de conhecimento e modelos analíticos.

1.1 Estruturas de conhecimento, Atitude Autônoma, Mapeamento cognitivo

A multitude de discursos e argumentações que se constroem no âmbito dos temas do território acusam a diversidade de estruturas de conhecimento presentes no debate.

“Destas possibilidades de aceder ao real, podemos assinalar pelo menos três, que nos podem esclarecer acerca da polissemia e instabilidade do território, e, sobretudo, acerca da importância de reflectirmos como é que as nossas formas de construção do conhecimento delimitam os conteúdos desse conhecimento, a produção de sentido, os modos de objectivar e argumentar, de fazer prova da verdade dos “factos”: são elas a retórica científica, a retórica normativa e a retórica narrativa.”³

A construção de um modelo de análise faz-se da problematização de uma rede de informações que transcende um único referente seja ele uma significado ou conceptualização - como o território - proveniente das ciências sociais, naturais, fontes espirituais, ideológicas, que por muito abrangentes que sejam ou possam parecer, nunca conseguem abranger em si toda a informação relevante explícita ou implícita à análise urbana.

O processo de análise da condição urbana implica um debate permanente e alargado no qual o urbanista é por vezes participante, expectador ou decisor e cujos compromissos ideológicos - assumir de uma posição - serão potenciais orientadores de atuações ao nível do território e terão efeitos práticos na vida de outras pessoas. A atitude autónoma é necessária para superar a reclusão da construção de sentido no seguimento da deslegitimação das narrativas prescritivas e mecanicistas a que a sociedade ocidental foi, em grande parte, sujeita até à segunda metade do séc. XX. A noção de responsabilidade deve estar à altura da tarefa, é fundamental desenvolver a competência de *saber interpretar* retóricas provenientes de perspectivas que, a maior parte das vezes, não se associam originalmente por concordância ou complementaridade. Por natureza a dialéctica coloca ideias em confronto e não objectiva necessariamente o consenso⁴ definitivo, a competência analítica da interpretação implica a capacidade de rastrear os valores que legitimam os critérios de relevância das estruturas de conhecimento intervenientes no debate, para que possam ser avaliadas posteriormente segundo critérios autónomos. Um mapeamento cognitivo consciente dos compromissos ideológicos que assente, está dependente da capacidade de saber identificar e interpretar os compromissos ideológicos

3 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 29

4 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 65

do conhecimento em consideração.

*“Para eso están los “mapas cognitivos” (Axelrod 1976) y cabe suponer que la demanda de tales mapas del conocimiento aumentará en el futuro. La mayor capacidad del ser humano será su capacidad de selección. Lo que necesitamos son reducciones significativas de la complejidad, ...”*⁵

O termo mapas cognitivos, aqui empregue, é mais abrangente que o explorado por Kevin Lynch⁶, excedendo as categorias de representação imagética consideradas pelo autor e incluindo na sua constituição todas as formas de representação mental que influenciam o pensamento do sujeito. Não estimo sucesso ou pertinência na tentativa de enumerar todas até porque apenas interessam para a argumentação aquelas que são comunicáveis nas diferentes formas de linguagem - gráfica, escrita, etc. São as representações comunicáveis que se conseguem propagar e exercer maior influência além do sujeito e que se assumem determinantes nas formas de pensamento colectivo. Saber interpretar o conhecimento e saber refletir sobre a sua representação são duas competências fundamentais para discernir de forma autónoma e responsável.

1.2 Dados, Informação e Conhecimento

Passo a clarificar alguns conceitos necessários à compreensão do que entendo por representações comunicáveis. Começo pela distinção entre dados, informação e conhecimento⁷, em primeiro lugar estão os dados, produtos dos instrumentos de observação como indicadores económicos e fotografias, apenas se convertem em informação quando são submetidos a um contexto de relevância. A comunicação de dados e de informação é por vezes difícil de distinguir especialmente para quem nunca tenha problematizado a diferença que existe no seu efeito, a mera exposição de dados por norma é um obstáculo à sua interpretação num sentido específico e raramente é esclarecedora, já a exposição de informação, especialmente a que se faz acompanhar de critérios de relevância permite a interpretação dos dados no sentido originalmente pretendido. É particularmente importante nas formas de comunicação das instituições que os dados sejam convertidos em informação, a transparência institucional só é conseguida quando é dada

5 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa., p. 21

6 LYNCH, Kevin (1960). *The Image Of The City*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2011

7 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa., p. 16-19

a oportunidade ao sujeito de saber a forma como a instituição interpreta os dados a que tem acesso, de outra forma o efeito comunicativo não é um de transparência, mas de opacidade. A informação resulta de critérios de relevância que proporcionam a seleção, rastreio e organização de dados em padrões, mas não conferem valor, surgem apenas de uma avaliação de conformidade e, por si só, não constituem conhecimento. Uma característica importante do conhecimento é que se gera ativamente, não é transmissível, a apropriação de informação pelo sujeito exige um esforço cognitivo reduzido em comparação com a apropriação de conhecimento e isso é constatável durante percurso acadêmico de todos nós, apreender significações implica sobretudo memorização, já construir sentido implica reflexividade na relação estabelecida entre significações, implica valoração, juízo, experiências que resultam desse processo reflexivo.

Informações conferem significado aos dados, mas é a partir da construção de sentido - de conhecimento - que cada um faz o seu referencial⁸, a sua forma de funcionar, pensar e interpretar o mundo, conhecimento exige reflexão.

1.3 Competência, Representações Comunicáveis

O Saber não se resume apenas a uma instância, até agora foi exposta apenas uma, *o que se sabe*, o conhecimento, mas importa destacar uma outra instância do saber que vai ser objecto de análise frequente na argumentação que se segue, *o saber fazer*, a competência. As competências são uma componente fundamental do nosso aparelho cognitivo, se conhecer é construir sentido e se para construir sentido é necessário refletir, então a competência de saber refletir é condição obrigatória para gerar conhecimento. Saber refletir é apenas uma de muitas competências que podem ser desenvolvidas pelo sujeito e existirão tantas quantas as que possam ser remetidas a um propósito, a competência existe em função de um determinado propósito que pode ser fisiológico - saber caçar -, comunicativo - saber falar -, cognitivo - saber raciocinar -, etc. O interesse pelo desenvolvimento de competências refere-se aos propósitos, a que cada sujeito, dá prioridade e essa avaliação depende da sua atitude. No caso da Arquitetura saber desenhar - manualmente e digitalmente - é uma competência fundamental para a empregabilidade do arquitecto e a versatilidade nesse campo é uma grande vantagem no mercado de trabalho, essa competência é procurada e desenvolvida pelos arquitetos autonomamente ou com recurso a assistência profissional com um propósito utilitário, imediatista - neste caso conseguir emprego ou melhorar o desempenho profissional -, por outras palavras, a motivação para a aquisição dessa competência vem da expectativa de que seja útil num período de tempo estimável. A formação do sujeito dependerá da sua atitude e

8 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 18

uma atitude exclusivamente utilitarista procura uma aprendizagem que não satisfaz todos os propósitos definidos por uma atitude autónoma, porque a autonomia implica um outro nível de reflexividade, uma abordagem crítica perante os pressupostos do conhecimento aprendido, enquanto que o utilitarismo assente, sem reflexão, esses pressupostos e ambiciona apenas funcionar dentro dos paradigmas estabelecidos.

O enquadramento terminológico anterior é necessário para avançar o conceito de representação comunicável, porque só compreendendo que o conhecimento não se transmite, mas gera ativamente, é que é possível compreender que a única forma de se propagar é através de informação codificada numa linguagem comum, saber traduzir um objecto mental para informação organizada e codificada numa linguagem é *saber imaginar* a sua representação, é desenvolver a competência de *saber representar*.

1.4 Saber Representar a Realidade

“Mais do que a realidade, é a representação e aquilo que ela simplifica, que de facto conduz o modo de problematizar o real. É talvez esta a questão mais complicada e apaixonante que caracteriza hoje as polémicas da passagem da cidade para o urbano, como referia François Choay.”⁹

O uso da palavra *realidade* é frequente na linguagem de análise da condição urbana. Voltando à segunda citação da introdução, a propósito do território: “...a sua representação - o modo como é ficcionada a sua “realidade”, (...) é igualmente social.”¹⁰. A *realidade* do território, as *realidades urbanas* ou *realidades sociais* são apenas parte da representação da realidade como um todo, mas a extensão total do conceito não é um desafio que normalmente seja explorado na literatura do urbanismo, no entanto considero ser uma representação meritória de análise, mesmo que sintáctica, pela facilidade com que expõe problemas que são menos evidentes na representação de conceitos familiares ao campo de estudo embora de menor abrangência.

Uma reflexão sobre a representação da realidade tem que simultaneamente ponderar os limites da própria capacidade de produzir representações, por outras palavras da especificidade da condição humana. A problematização destes temas é feita segundo abordagens diferentes - teológicas, científicas, hermenêuticas - mas no seu fundamento há sempre especulação - pressupostos filosóficos - com diferentes graus de reflexão e com qualidades persuasivas diferentes, mesmo nos modelos de representação mais acei-

9 DOMINGUES, Álvaro; PORTAS, Nuno; CABRAL, João (2011). *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 24

10 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p.28

tes da ciência moderna:

*“Gostaria de frisar que esta ideia de que o espaço e o tempo devem ser finitos, mas ilimitados, não passa de uma proposta: não pode ser deduzida de qualquer outro princípio. Tal como qualquer outra teoria científica, pode ser inicialmente proposta por razões estéticas ou metafísicas, mas a prova real reside em saber se faz previsões que concordam com a observação. Isto, porém, no caso da gravidade quântica, é difícil de determinar (...). Portanto, temos de fazer suposições e aproximações simplificativas e, mesmo assim, o problema de extrair previsões mantém-se.”*¹¹

Há que confrontar a tarefa de esquematizar pelo menos algumas das condições que influenciam o sucesso de representar colectivamente o conceito mais abrangente da linguagem, a *realidade*. Nesse sentido serão consideradas três fases que afetam a qualidade de uma representação colectiva: a fase de concepção, a fase comunicativa e a fase de assimilação.

A primeira contingência deste raciocínio está naquilo a que pode corresponder uma representação da realidade: será possível conceber uma representação que corresponda ao que a realidade é? Por outras palavras: é possível conceber uma descrição *verdadeira* da realidade? A postura que adoto é fundamentalmente pragmatista, considero que verdade só existe quando predicada num propósito.

*“If truth is defined as what works relative to human purposes, then the phrase ‘true description of reality’ must logically be dependent on the phrase ‘what works best for a certain purpose’. In short: “The vocabulary that works best for a certain purpose can legitimately be regarded as the truest description of reality for that purpose.”*¹²

Esta reflexão coloca a representação do que é *verdade* numa posição permanentemente condicionada pelo propósito a que se remete e tal como exposto anteriormente na análise da competência, o propósito depende dos interesses e da atitude de cada sujeito, por outras palavras a *verdade* e consequentemente a *realidade* são determinadas socialmente. Posta assim a conceptualização da realidade é algo relativista, perde-se a ilusão de uma concepção platónica, naturalista, e a sua representação colectiva entra em grande instabilidade, sem critérios inequívocos de verdade para regularem a legitimidade de um propósito. Uma interpretação cínica, mas possível, é considerar que a persuasão é o único critério relevante para a construção e propagação de conhecimento e é nestas imediações que se alicerçam posturas niilistas e desencantadas com o mundo em geral. É possível ultrapassar o pessimismo de tais posições e desenvolver uma atitude que encare

11 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 162

12 FULLER, Mike (1996). *Is Science an Ideology?*. Philosophy Now, n.º 15

a realidade e a sociedade contemporânea com maior entusiasmo como iremos ver mais à frente¹³.

Voltando às condicionantes da capacidade de representação, quero introduzir a problemática da *conceptualização* a partir de um exemplo: quando feita a comparação das definições de uma mesma palavra em dois dicionários diferentes raramente constatamos a mesma formulação linguística, por outras palavras, as definições são provavelmente muito semelhantes, mas não são iguais. Isto acontece porque a representação linguística de um conceito é variável de pessoa para pessoa e esse fenómeno no meu entendimento vai além da simples competência vocabular entre os redatores, é um fenómeno que não ocorre apenas na fase de tradução do objecto mental para o objecto escrito, é um fenómeno que se deve ao facto da conceptualização mental do objecto diferir entre pessoas. É empiricamente verificável que conseguimos comunicar ideias, o que indica que muito do que conceptualizamos é extremamente semelhante, mas nunca completamente igual e normalmente quanto mais vago for o conceito, abrangente ou sensível à temática em que é utilizado, maior a discrepância potencial da sua representação mental e no apogeu da abrangência está o conceito de *realidade*.

Este fenómeno de concepções discrepantes verte na própria especificidade das representações comunicáveis, que correspondem sempre a uma abstracção, um processo cognitivo de redução, simplificação, no fundo de conversão de algo que não é perceptível em algo inteligível.

*“... aquilo que a cada momento designamos por realidade corresponde, sempre, a uma representação parcial. Uma interpretação que se constitui a partir de uma redução do existente ...”*¹⁴

*“Representation is a cognitive shorthand, a way of rendering conceivable aspects of social reality that exceed our ability to perceive them.”*¹⁵

A fase da comunicação ocorre na tradução do objecto mental para uma representação comunicável modelada numa linguagem e é precisamente nessa tradução que é exposta outra limitação da capacidade de representação, que facilmente se ilustra na esfera da linguística pelo constante aumento do léxico das diferentes línguas. O surgimento de *neologismos* é um sintoma da necessidade de recursos linguísticos diferentes dos existentes para representar novo conhecimento, outro sintoma é a redefinição constante de terminologias técnicas ou criação de novos modelos poéticos que enunciem concepções particulares de emoções ou sensações, a disseminação de representações que se reme-

13 Cf. Subcapítulo 2.3.3.4 - Lyotard, Persuasão

14 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 18

15 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90. p. 77

tem ao mesmo conceito e por vezes a sua falta de rigor deve-se à dificuldade de traduzir conhecimento em informação que seja fielmente representativa. Conceitos como *realidade*, que excedem a nossa capacidade de percepção são particularmente vulneráveis a esta limitação e, por isso, são incontornavelmente esquematizados em reduções grotescas ou enunciados com remissão para múltiplas formas de representação normalmente associadas a áreas do conhecimento diferentes ou, em última instância, no caso particular de *realidade*, compactados em artifícios linguísticos como tautologias e autorreferências - por exemplo: *realidade* contém tudo e apenas o que é *real*. A compreensão deste limite é particularmente importante na análise das representações colectivas com que os urbanistas se confrontam regularmente como *território*, *cidade*, *urbano*, porque ajuda a criar uma distinção entre o *conceito* e a forma como diferentes autores o representam - significativo e significado no caso da linguagem escrita, conceito e imagem na linguagem gráfica, etc.

Por último importa analisar a fase de assimilação e para isso resgato uma ideia já partilhada anteriormente: o conhecimento gera-se ativamente, não é transmissível. Como tal, a assimilação de conhecimento está dependente da capacidade de interpretação de representações. Novamente, com referência à linguística, podemos considerar a literacia como uma instância da competência a que me refiro, tem sempre níveis de desenvolvimento diferentes consoante o sujeito. Ao contrário da conceptualização que pode ocorrer a partir de vários tipos de estímulos e se refere à representação de um conceito particular, por assimilação de conhecimento refiro-me particularmente à modelação das relações que criamos entre conceitos representados numa forma de linguagem, estruturas de conceitos. O sucesso da propagação fiel de uma representação colectiva é condicionado pelo sucesso da interpretação dessa mesma representação, pelos agentes da rede comunicativa, por onde se propaga e a capacidade de interpretação de cada agente é limitada e diferente.

Nas ciências da linguagem há uma distinção importante entre pensamento e linguagem que postula que a memória a longo prazo retém o significado ou conteúdo do que é comunicado e não a formulação linguística original do enunciado, por outras palavras, ao contrário de um computador nós não retemos as palavras que representam linguisticamente conhecimento, retemos a ideia geral do que nos foi comunicado - poucas serão as pessoas capazes de reproduzir palavra por palavra o que foi dito numa aula de noventa minutos, mas com a devida atenção serão capazes de reter uma representação mental do que foi dito. Este fenómeno de assimilação de informação deve-se aos imensos processos inconscientes, não-linguísticos, que são necessários à interpretação da própria linguagem, a capacidade de interpretação da linguagem constrói-se a partir de conhecimento tácito.

Mesmo que esta análise seja algo superficial, é possível compreender as dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem e concepção de representações colectivas e avançar uma problemática consequente: como podemos gerir a confiança depositada em representações colectivas, ponderando o risco de distorção a que estão sujeitas nas três

fases da sua propagação? Não há receitas mágicas, a melhor atitude é fazer um esforço para ser metódico sem valorizar o método acima do objecto de estudo, o aperfeiçoamento da capacidade interpretativa passa pelo desenvolvimento ou aquisição crítica de metodologias interpretativas.

1.5 Modelação analítica

Garantir orientações teóricas e metodológicas que permitam diferenciar, sem ambiguidades tipos de conhecimento - senso comum, conhecimento analítico - é o que nos permite clarificar princípios que sustentam a construção de sentido para o real. Em jeito de esquema e recuperando uma questão epistemológica tratada anteriormente, a identificação do propósito do conhecimento, a sua aquisição, produção, propagação, constitui um conjunto de pressuposições que parametrizam aquilo que pode ser *verdade*. As orientações teóricas, por sua vez, objectivam fundamentalmente a denotação do que se pressupõe ser verdadeiro, antes que haja um juízo de valor, ou qualificação de algo, tem que estar estabelecido para o sujeito um certo estatuto de verdade, quanto ao conhecimento em causa, que sustenta esse juízo ou qualificação - por exemplo, a prescrição de uma atitude sustenta-se naquilo que o sujeito pensa ser a atitude desejável, o que implica que a denotação da atitude exista antes da sua prescrição -, é portanto nas orientações teóricas que são estabelecidos os conceitos e as relações a que o sujeito recorre para a observação. É nas orientações teóricas que é estabelecido o referencial para a interpretação metodológica do *real*.

*“A observação é, pois, sempre condicionada a uma procura pré-determinada e, portanto a um pré-conceito, mais ou menos informado, que se estabelece como referencial da selecção produzida.”*¹⁶

Uma noção que não foi fácil de conceber durante este estudo foi, que um método interpretativo nunca vem sozinho quando o objecto de estudo é a condição urbana. Na construção de um modelo de análise para o estudo da condição urbana há mais, muito mais, do que um método de interpretação envolvido e isso deve-se ao facto de ser um objecto de estudo cuja apropriação só é possível com uma abordagem analítica multiescalar e interdisciplinar. Dependendo da escala, os temas em análise mudam quanto à natureza e relevância e, além disso, consoante o tema em estudo, a metodologia interpretativa muda também. Se pensarmos numa análise que pondere a interferência de fenómenos ambientais nos ciclos de comutação ou numa análise que confronte políti-

16 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 18

cas urbanas locais com índices de precariedade social compreendemos que os temas em análise socorrem-se de orientações teóricas provenientes de estruturas de conhecimento diferentes e consequentemente de métodos interpretativos diferentes tanto em termos escalares como substantivos.

Este nível de complexidade é um pesadelo para a representação competente do que é *urbano*, porque exige que o urbanista aprenda a problematizar a legitimidade de conhecimentos além dos que compõem tradicionalmente a sua área de formação. O que muitas vezes aparece redigido na literatura do urbanismo como crise epistemológica, faz-se acompanhar de uma crise de legitimidade que tem implicações profundas no valor atribuído às diferentes metodologias de interpretação e, portanto, na especificidade da competência do saber representar.

1.6 Saber Representar a Sociedade

Sem *civitas* não há *urbis* e sem pressupostos substantivos quanto ao que a sociedade é, não há representação da especificidade urbana. Orientações teóricas de uma determinada ideia de urbanidade estão explicitamente ou implicitamente integradas num conjunto de pressupostos quanto a uma ideia de sociedade. Quanto mais abrangente a temática, mais necessário é ganhar consciência do valor desses pressupostos - podem valer pela sua utilidade, verosimilhança, apelo estético, estimulação da imaginação, etc. Um exemplo claro deste princípio pode ser aplicado às várias instâncias de teoria crítica: “*I have argued (...) that all isolated or discrete cultural analysis always involves a buried or repressed theory of historical periodization ...*”¹⁷

A construção de um modelo de análise urbana pressupõe a estabilização, ainda que temporária, de um modelo de representação social que pode derivar de uma tradição ideológica particular ou de uma composição de ideias heterogênea, sob critérios de relevância que lhe confirmam sentido. A correspondência desse sentido com uma ideia realista de verdade, não pode ser garantida exclusivamente pela operacionalização de uma linguagem formal, pela conformidade do conhecimento produzido com um itinerário especulativo, pela instrumentalização do conhecimento objectivando a prescrição de uma ideologia política ou outros quaisquer pressupostos de consenso totalizante e universal como irei expor posteriormente¹⁸. No entanto a coerência é uma característica fundamental da construção de sentido e a exploração dos seus limites é um dos atributos primários da atitude analítica de qualquer preconizador de uma prática crítica em toda a extensão do campo disciplinar do urbanismo. Uma das hipóteses que será analisada é

17 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92. p. 55

18 Cf. Subcapítulo 2.4.1 - Deslegitimação das Metanarrativa

que o grande poder persuasivo da interpretação análoga, que gera pressupostos de coerência inexaminados e potencialmente falidos à partida.

O estatuto do referido modelo de representação social não deve assumir precedência relativamente ao modelo de análise urbana, ambos devem estar sujeitos a uma reconfiguração intercondicionada pelo desenvolvimento do conhecimento, as experiências falhadas na fixação de paradigmas estão bem documentadas. De forma simplificada quero deixar assente que um dos postulados da presente tese afirma-se na ideia de que uma análise, estudo, teoria, ou qualquer outro contributo para construção de significado no campo interdisciplinar do urbanismo implica, invariavelmente, compromissos ideológicos com uma representação da realidade e necessariamente, pela natureza do objecto de estudo, com uma representação da sociedade. Cabe ao sujeito, dentro das suas capacidades, ganhar consciência das implicações da argumentação que produz e construí-la a partir de uma fundamentação compreensiva.

*“If we wish to discuss knowledge in the most highly developed contemporary society, we must answer the preliminary question of what methodological representation to apply to that society”*¹⁹

*“And today more than ever, knowing about that society involves first of all choosing what approach the inquiry will take, and that necessarily means choosing how society can answer”*²⁰

19 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 11

20 Ibidem, p. 13

LAÇO SOCIAL

Dos Modos de Representação Social Narrativos e Científicos

Capítulo 02

Filosofia é uma palavra peculiar. Enquanto significante parece existir apenas para invocar um significado que não quer ser concebido, porque no momento em que é concebido, estabiliza algo que é da filosofia e deixa de ser a filosofia. A concepção pessoal que mantenho do termo é inevitavelmente abstrata, o que implica redução/imprecisão, mas sem a qual não seria possível discursar sobre esse tema. Para definição proponho o seguinte: filosofia é o domínio, do qual são extraídas/descobertas possibilidades de sentido a partir de um potencial ilimitado de senso.

No urbanismo, o sentido que se vai conquistando constitui-se de conhecimento. O modo de inquérito que inaugurou os estudos urbanos enquanto campo de investigação aconteceu dentro do espectro das ciências sociais e humanas e foi declaradamente epistemológico na sua origem. Epistemologia é parte integrante da filosofia e tradicionalmente, o tipo de conhecimento que daí se extrai é primariamente - senão exclusivamente - mediado por faculdades associadas à razão. Um perfil mais epistemológico do saber acaba geralmente por simbolizar qualquer coisa como teoria - aquilo que origina da epistemologia apresenta-se quase sempre como teórico.

Hoje no urbanismo vai-se detectando a sensação fatídica da influência do tempo - Cronos devora tudo - e os modos de construção de sentido que eram largamente consensuais entraram em profunda turbulência. Os sintomas de tudo isso, são carregados nas costas da asserção de uma *crise epistemológica* com tanta frequência, que a frase parece ter ganho a dimensão de aforismo. No entanto, proclamar uma crise no urbanismo pela falta de estabilidade dos seus construtos epistemológicos, é já pressupôr que o urbanismo necessita de uma formalização epistemológica estável para construir sentido. A asserção pode ser posta de forma mais simplificada - menos precisa - e mais direta como uma crise das teorias: dos modelos sociológicos antigos que afirmaram a pertinência do urbanismo como área de saber, dos modelos contestatários que surgiram de uma ambição de reforma e os modelos atuais inspirados numa e noutra herança, que vão assumindo uma diversidade estonteante e integrando novos métodos e saberes de uma riqueza sem precedentes.

A tríade clássica *civitas*, *polis* e *urbis* coloca tradicionalmente a questão do urbanismo em relação direta com uma ideia de sociedade e de política. Aliás o seu surgimento no seio das ciências sociais e humanas já acusa o espaço onde são gerados muitos dos princípios que acabam por enquadrar a investigação ur-

bana. A natureza dos fenómenos socioeconómicos e culturais que vão afetando e exigindo permanente reformulação do imaginário urbano têm sido tutelados por construtos interdisciplinares que também abrangem aquilo que é da sociedade e aquilo que é do político.

“The Postmodern Condition: A Report on Knowledge” de Jean-François Lyotard oferece uma perspectiva de grande valor para a tese, porque embora não explore diretamente o tema do urbanismo, trata o elemento constitutivo mais fundamental de qualquer construto teórico, o conhecimento. Lyotard acentua o facto das funções do conhecimento, serem permanentemente turvadas e instrumentalizadas por uma neblina política que esbate intenções e decalca o tecido social. O discurso é avançado de acordo com uma certa tradição linguística pós-estruturalista francesa, que já de si, guarda uma distância grande para teorias políticas neoliberais ou tecnocráticas canonizadas em aparatos estruturalistas/sistematizantes, mas além disso, resguarda alguma distância das tradições de teoria crítica que exercem uma enorme influência numa esquerda socialista para a qual Lyotard - a pesar de tudo - gravita mais. Os conceitos elementares dessa metodologia interpretativa são posteriormente lançados sobre as estruturas de pensamento ocidental mais dominantes no início do século XX - Metanarrativas -, num esforço *desconstrutivista* de revelar os modos de produção de conhecimento que legitimavam poder político e as falências dos respetivos protocolos de legitimação nos termos dos próprios modos. Uma particularidade desta empreitada deslegitimadora é não atribuir a tutela da legitimação de certos saberes exclusivamente a faculdades racionais, mas considerar que parte integrante do processo de assentimento vem da demanda por identidade, que verte parcialmente num senso comunitário.

Ao explorar as teses que compõem este Capítulo, vão sendo estabelecidas relações com as premissas avançadas no Capítulo anterior.

Nota: Este Capítulo baseia o discurso nos temas fortes da obra de Lyotard, mas expande a análise para os trabalhos de outros autores que serão progressivamente incluídos de modo a enriquecer os temas abordados.

As teses que se seguem dizem respeito ao subcapítulo Metodologia Interpretativa e pretendem esclarecer quanto:

- Às premissas para uma representação social, que interpreta a constituição do Laço Social como relação fundamentalmente agónica.
- Aos conceitos, propriedades e princípios de referência que possibilitam a leitura daquilo que é da linguagem e do relacionamento social.
- Às duas principais metanarrativas, herdadas no início do séc. XX que determinaram os principais: modos de produção de conhecimento científico, modelos de representação da sociedade e tendências ideológicas das políticas Ocidentais até finais do período moderno.
- Às valências e objetivos da análise das *pragmáticas* do conhecimento.
- A uma interpretação auxiliar - revista superficialmente - com o objectivo de esquematizar a relação entre agência, memorização e replicação de ideias através da comunicação.
- Às propriedades da dimensão pragmática da comunicação e conceitos constitutivos de uma metodologia interpretativa correspondente.
- À relação entre legitimidade, assentimento e pressuposição ideológica.
- Às diferenças fundamentais entre a pragmática tradicional científica e narrativa.
- À natureza contraditória das duas metanarrativas, nos termos da própria pragmática, ao integrarem a esfera científica com a esfera política.

Com a liberalização dos mercados ao nível internacional, o consumo e usufruto individual assumiram precedente relativamente à recollecção comunitária em ideologias hegemónicas e conservadoras - *mitos nacionais*. Lyotard explica essa transição política e social em paralelo com outra transição. Na “*sociedad del conocimiento*”²¹, a produção de conhecimento, especialmente de qualidade científica, é o maior modo de produção económica, sucedendo à pro-

21 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 38

dução industrial e alterando as necessidades/demandas individuais e modelos de organização colectiva/comunitária por todo o mundo. Este conjunto de transições, somado a outras áreas ainda não tratadas - nomeadamente a cultura - é muitas vezes atribuído a uma noção prismática de pós-modernismo que assume uma infinidade de significados. Lyotard retrata as características do momento em que a própria pragmática da ciência se vai adaptando a novas lógicas de mercantilização - ao abrigo do conceito de performatividade - e vai fornecendo simultaneamente esclarecimentos quanto à sua própria noção de *pós-modernismo*.

As formações sociais e representações espaciais acompanham esse profundo deslocamento, as geografias económicas e organizações institucionais adaptam-se e o urbanismo enquanto área de prática e de investigação profundamente política é afetado por tudo isso. Leituras que ajudam a conceber o valor do conhecimento científico enquanto recurso, ajudam a situar o urbanista nas coordenadas de um mundo globalizado e a recuperar alguma clareza quanto às forças que exercem influência no assentimento político, a todas as escalas. Com isso em mente a reflexão que se segue soma contributos de várias fontes e vai tecendo uma espécie de filosofia da ciência com uma representação de progresso e legitimação científica pós-moderna. Este retrato da ciência, ora crítico quanto às tendências *performativas*, ora entusiasmado com a possibilidade de uma pragmática diferente, vai sugerindo premissas e princípios analíticos que excedem o campo científico em análise. No segundo subcapítulo são avançados princípios que sugerem um novo modo para a pragmática da ciência, um que vem associado a considerações que já começam a esboçar a filosofia política do autor.

As teses que se seguem dizem respeito ao subcapítulo Pragmática Performativa e pretendem esclarecer quanto:

- À função performativa que condiciona o desenvolvimento do conhecimento científico e o propósito sociopolítico a que é submetido.
- À possibilidade de afirmar modelos axiomáticos de legitimação científica, na ausência das narrativas tradicionais de legitimação.
- Às características de uma perspectiva positivista para o conhecimento.

- Aos limites da formalização lógica de um procedimento de verificação.
- Ao comportamento histórico das estruturas de conhecimento científico ou paradigmas.
- À natureza normativa da prática em regime de ciência normal e condições de investigação que orientam o assentimento de paradigmas.
- À permanente tensão das pragmáticas científicas com o valor de verdade e de progresso.
- Aos motivos da canalização dos recursos da investigação para o desenvolvimento tecnológico.
- À primazia da narrativa do poder na pragmática performativa.
- À maior orientação didática para competências funcionais e as carências resultantes do sistema social que justifica essa orientação.
- Às falências do pensamento análogo que importa taxonomias dos sistemas naturais para a compreensão de sistemas sociais.
- À legitimidade do determinismo enquanto filosofia científica.

No terceiro subcapítulo, a análise torna para a crítica de modelos de *consenso*. O modelo performativo é tratado inicialmente na linha do subcapítulo anterior, mas mais orientado para a forma de narrativa política própria das teorias de sistemas. Segue-se uma análise mais extensiva de um modelo de consenso dialético, que assume uma posição central na filosofia política de Lyotard:

*“Lyotard is, after all, writing in the wake of a certain French “post-Marxism,” that is, an enormous reaction on all levels against various Marxist and Communist traditions in France, whose prime target on the philosophical level is the Hegel/Lukacs concept of “totality” ...”*²²

Dialética é a figura que centra a crítica de Lyotard à filosofia política de Habermas. É no confronto com o último que a narrativa de Lyotard ganha uma dimensão *ética* mais clara e revela um conjunto de propriedades *retóricas* que constituem alguns dos aspetos mais urgentes para a pragmática do pensamento

22 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. X

pós-moderno.

As teses que se seguem dizem respeito ao subcapítulo Pragmática Paralógica e pretendem introduzir esclarecimentos revisórios quanto:

- À possibilidade de um modelo de progresso *paralógico*.
- Ao valor de consenso social ao abrigo de ideologias políticas.
- À transposição de propriedades performativas para teoria de sistemas sociais.
- Às aparentes virtudes e insuficiências de controlo de contexto ao serviço dos interesses comuns.
- À persistência anacrónica de características das Metanarrativas, na perspectiva crítica de consenso dialéctico de Habermas.
- Ao confronto entre a estética de representação social de Lyotard e Habermas.
- À problematização retórica da metodologia discursiva de ambos.
- Ao reduto ético onde os autores encontram sustentação e orientação para a respetiva visão política.

2.1 Metodologia Interpretativa, Lyotard

Na influente obra da literatura filosófica do final séc. XX, “The Post-Modern Condition: A Report on Knowledge” Jean-François Lyotard elabora um relatório sobre as alterações no *status* do conhecimento nas sociedades *computorizadas*, à medida que entram numa era tida como pós-industrial e que a cultura entra na era tida como pós-moderna. O facto da obra perspectivar uma ideia de Laço Social a partir da problematização de fenómenos associados ao conhecimento é especialmente pertinente para a exploração de princípios de um mapeamento cognitivo que se confronte com a colaboração interdisciplinar e que legitime o poder de produção de conhecimento a partir de uma atitude autónoma, em vez de uma conformada com a produção de conhecimento segundo narrativas institucionalizadas. Assentir a hipótese avançada por Lyotard, como referência principal para a construção de uma representação da sociedade, é assumir uma atitude seletiva, mas consciente de que *saber interpretar* é reconhecer que haverá sempre uma relação conversiva entre completude e coerência, em função da abrangência do objecto de estudo.

Lyotard define uma abordagem metodológica para a problemática do conhecimento que enfatiza os factos da linguagem, especialmente o seu aspecto pragmático²³ relevando os tipos de discurso e seus efeitos em relação ao significado dos seus enunciados. Quanto aos modos de discurso grande parte da terminologia é usada com a mesma intenção que Wittgenstein, nos seus estudos de linguagem²⁴. São chamadas de *jogos de linguagem*, as várias categorias de enunciados separadas consoante as regras que especificam as suas propriedades e os usos a que podem ser submetidas. Nesta perspectiva, podemos identificar três postos na comunicação de um enunciado, cuja expectativa de desempenho varia consoante o tipo: é posicionado o emissor - aquele que comunica o enunciado -, o receptor - aquele que recebe o enunciado - e o referente - aquilo a que o enunciado se refere -, para o propósito da presente reflexão, importa saber distinguir três enunciados, os denotativos, os performativos e os prescritivos.

No caso da denotação, o enunciado afeta o receptor provocando um assentimento ou recusa quanto ao que o emissor enuncia a propósito do referente, como tal há uma regra particular à denotação: o referente deve ser corretamente identificado e expresso no enunciado. A condição não é a compreensão do significado do enunciado, isso é uma condição geral de toda a comunicação, mas, que aquilo que se diz sobre o referente, corresponda ao que ele é. No caso da performatividade, o efeito no referente é coinci-

23 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 119

24 Ibidem, p. 9

dente com o enunciado correspondente à ação comunicativa - por exemplo, declarar ou constatar - não há apelo ao assentimento do receptor por estar pressuposta a autoridade do emissor sobre o referente. Finalmente, no caso da prescrição o emissor assume uma posição de autoridade e enuncia com a expectativa que o receptor cumpra com o enunciado - pode ser modelada como ordem, prece, instrução, pedido, etc.

Três observações devem estar presentes ao analisar *jogos de linguagem*: as regras não contêm a sua própria legitimação, cada enunciado deve ser pensado como um movimento num jogo de linguagem e alterações nas regras resultam num jogo novo, distinto do original - um movimento que não satisfaça as regras de um determinado jogo não lhe pertence.

Estabelecidos alguns dos conceitos fundamentais do método de representação da função do conhecimento na sociedade, importa expressar dois princípios que lhe são transversais. O primeiro princípio propõe que o ato de comunicar é jogar e encontra-se sob o domínio do agonismo²⁵ geral e o segundo complementa propondo que o Laço Social é composto por movimentos de linguagem.

*“It should now be clear from which perspective I chose language games as my general methodological approach. I am not claiming that the entirety of social relations is of this nature - that will remain an open question.”*²⁶

Esta abordagem surge como alternativa às formas dominantes de representação do início do séc. XX, que Lyotard simplifica numa partição metodológica em dois modelos de representação: a sociedade vista como um todo funcional, ou dividida em duas partes²⁷.

A propósito da representação da sociedade como um todo, o autor refere-se, em primeiro lugar, ao pensamento dos fundadores da Escola Francesa que na tentativa de definir um método sociológico, construíram o objecto de estudo - sociedade - a partir de ideias mecanicistas e organicistas que são instâncias metafóricas de uma representação mais geral de *sistema*. A generalização deste modelo é particularmente relevante no urbanismo, porque muitas destas ideias relacionadas com morfologia social foram integradas no trabalho de um influente movimento científico que viria a ser chamado Escola de Chicago na tentativa de definir um objecto de estudo capaz de explicar os processos de urbanização no espaço - por exemplo Park usa a metáfora de *mecanismo* e Burgess de *organismo* para descrever as propriedades sistémicas da cidade²⁸. Lyotard ilustra posteriormente a ideia da sociedade como sistema autorregulado a partir do trabalho de

25 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 10

26 Ibidem, p. 15

27 Ibidem, p. 11

28 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90. p. 83

Talcott Parsons, aqui o modelo teórico e até material é providenciado pela cibernética e é propenso a uma postura radicalmente racionalista:

*““The most essential condition of successful dynamic analysis is a continual and systematic reference of every problem to the state of the system as a whole. . . . A process or set of conditions either ‘contributes’ to the maintenance (or development) of the system or it is ‘dysfunctional’ in that it detracts from the integration, effectiveness, etc., of the system.””*²⁹

Este realismo otimista que continuou na versão da teoria de sistemas dos teóricos germânicos contemporâneos de Lyotard, como Luhmann, é fundamentalmente tecnocrática na medida em que considera a harmonia entre as necessidades de grupos ou indivíduos e as funções providenciadas pelo sistema como secundárias:

*“The true goal of the system, the reason it programs itself like a computer, is the optimization of the global relationship between input and output - in other words performativity.”*³⁰

O discurso é montado sempre com recurso à ideia de um sistema composto por uma dinâmica, que no caso do sistema autorregulado, respeita uma racionalidade interna, uma lógica funcional e a representação resultante deste todo unitário é a de um sistema dotado de funções que são racionalmente interpretáveis, por outras palavras, o mapeamento cognitivo da dinâmica social é possível através de uma análise estritamente racional, o desafio é estabelecer uma metodologia capaz de sistematizar essa racionalidade e de produzir conhecimento útil para a constante otimização do funcionamento do sistema - conhecimento funcional. O problema, segundo Lyotard, é que se o Laço Social for descrito nos termos das teorias da comunicação dois aspectos são negligenciados: as mensagens não podem ser reduzidas à função de transmitir informação, esquecendo que têm formas e efeitos diferentes, além disso, a versão cibernética destas teorias trivializa-se por não considerar o aspecto agonista da sociedade³¹.

Contra esta representação tradicional da sociedade existem abordagens ditas críticas sustentadas na tradição Marxista de materialismo dialético e luta de classes, que perspectiva a interpretação da sociedade sob generalização do capitalismo num princípio de oposição e dualidade. Na prática o modelo teórico acabou por perder o seu radicalismo e foi instrumentalizado como programador e regulador do sistema em países de gestão liberal e integrado como legitimação de narrativas totalitárias de países comunistas onde as ditas lutas não tinham oportunidade de ocorrer. Alguns grupos mantiveram

29 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 12

30 Ibidem, p. 11

31 Ibidem, p. 16

o espírito crítico do modelo Marxista e refinaram-no - como a Escola de Frankfurt - mas a popularização de reduções e instrumentalizações do modelo descredibilizaram-no para um estado de utopia ou como símbolo de protesto para certas organizações sociais. O objectivo original do modelo crítico é o de produzir conhecimento crítico, reflexivo, que não objective a optimização de uma função particular, mas sim novas perspectivas que mantenham as pressuposições sobre o sistema e suas funções sob problematização e é esta a distinção principal do papel crítico e funcional do conhecimento - leia-se hermenêutico e positivista. Esta partição quanto ao propósito do conhecimento é uma representação de natureza epistemológica, uma parte importante de uma modelação cognitiva generalizada que interpreta a sociedade ora como um sistema funcional cujo funcionamento é alimentado por conhecimento funcional, ora segundo um princípio de dualidade no qual o papel do conhecimento é combater o privilégio de uma classe em detrimento de outras. A dificuldade surge quando se parte para a tentativa de encontrar uma formalização legítima do conhecimento pretendido, no fundo resolver as questões: como se garante a produção de conhecimento legítimo? Como dotar as pessoas da competência de saber desenvolver esse conhecimento?

Se resgataremos algumas ideias partilhadas anteriormente podemos relacionar esta partição entre representações com uma partição entre atitudes, porque a própria atitude do sujeito quanto aos critérios relevantes para a produção de conhecimento varia entre o assentimento e dissentimento, consoante a representação em causa e consequentemente determina aquilo que cada um defende como verdade e no urbanismo, a polarização entre atitudes foi notória e ainda hoje resiste nas várias vertentes do campo disciplinar. A legitimidade do conhecimento depende daquilo que cada um pressupõe ser ideologicamente verdadeiro.

A maioria das teorias urbanas e espaciais, tanto nas versões mais tradicionais como críticas, estão familiarizadas com esta partição quanto à forma de representar a sociedade, mais concretamente quanto à forma como a sociedade se organiza e representa no espaço. A interpretação da relação entre cidade e urbanização tem sido feita pensando a urbanização como um processo, uma transformação no tempo e no espaço - da população, de formas de vida, da forma dos assentamentos espaciais correspondentes, das relações de acumulação e reprodução social ou combinação dos anteriores - e cidade como momento, instância discreta do processo de urbanização num determinado período temporal³². Aqui existe uma ambição realista, equivalente à do trabalho de Parsons, de tratar o objecto de estudo como um objecto real, a expectativa de qualificar a cidade pelo que ela é, quase como uma abstracção científica representativa de uma morfologia geográfica delimitável analiticamente.

32 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90. p. 78

*“Apesar destas diferenças, a verdade é que ainda hoje é muito comum associarem-se estas palavras (supostos conceitos) para designar a realidade e a sua representação: cidade seria a designação de um território edificado e com limites precisos, espécie de contentor da sociedade que o produz, organiza, usa, regula e transforma.”*³³

Embora a generalização deste consenso metateórico não exista sem contestação quanto à pertinência da cidade como objecto de análise, a relação entre processo e momento como premissa da observação na análise urbana permaneceu incontestada até muito recentemente e a própria dicotomia cidade-rural permanece no imaginário dos agentes de práticas urbanas.

*“No entanto o que persiste é a dicotomia e não a hibridação. No confronto com o real, esta dicotomia produz opacidade em vez de clareza constituindo-se como verdadeiro obstáculo epistemológico.”*³⁴

A versão totalizante de sociedade dos autores da Escola Francesa de Sociologia foi parcialmente apropriada para o campo do urbanismo pelos fundadores da Escola de Chicago, nomeadamente as propostas de morfologia social³⁵ de Durkheim, e embora existissem divergências substantivas quanto à constituição analítica de cidade - a remissão da observação para a tríade conceptual dimensão-densidade-heterogeneidade³⁶ de Wirth, consiste numa metodologia interpretativa distinta da sucessão ecológica de Park -, existe uma abordagem epistemológica comum sumariada em três partes, a cidade como sistema autocontido, a dicotomia cidade-rural e a cidade como tipo ideal³⁷. É a pressuposição da cidade enquanto sistema autocontido, que legitima a procura da enunciação das dinâmicas inerentes a esse sistema.

*“The organicist idea is a dynamic one ... A preoccupation of the Chicago School’s investigation of the urban organism search for its laws: the rules of the city system. This preoccupation was in fact widespread throughout geography and urban studies in the 20th century, including within the neo-Marxist revival, as Castells’s (1977) search for the functional specificity of the urban (Brenner, 2000) demonstrates.”*³⁸

A representação de um sistema está dependente da capacidade de denotação do

33 DOMINGUES, Álvaro; PORTAS, Nuno; CABRAL, João (2011). *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 21

34 Ibidem, p. 23

35 SILVANO, Filomena (2001). *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Celta Editora Lda, p. 28

36 Ibidem, p. 32

37 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90. p. 78

38 Ibidem, p. 83

seu funcionamento, da sua dinâmica. A representação da dinâmica do sistema emerge de uma construção de sentido ou, por outras palavras, estruturação de conhecimento - estética ou racional - e é fundamental saber problematizar o que legitima o seu método de produção.

Embora estes conceitos tenham perdido muita da credibilidade analítica que tinham, permanecem subjacentes a práticas e discursos urbanos contemporâneos não necessariamente pelo seu valor enquanto ferramentas analíticas, mas pela evidência e credibilização que a experiência quotidiana urbana lhes confere. A tenacidade do conceito da cidade tradicional já não se deve aos seus méritos analíticos numa visão académica sobre a condição urbana, essa atitude realista está ultrapassada nas ciências sociais, o que acontece é a sua permanência nas representações partilhadas por vários agentes ligados a práticas no espaço urbano, a cidade já não é vista como um objecto real, mas como um objecto mental, não é uma categoria de análise, mas uma categoria de prática e para conseguir problematizar o seu papel na sociedade contemporânea e impacto é necessário numa primeira fase compreender que a legitimidade de uma representação não está na sua conformidade com a realidade propriamente dita, mas na qualidade com que serve um propósito. A renovação epistemológica do campo interdisciplinar do urbanismo só é possível através da promoção pedagógica da distinção entre o que é conhecimento funcional e conhecimento crítico e da reconciliação da pertinência de cada um numa visão geral de sociedade, - por oposição à aceitação de que são duas formas distintas de produzir conhecimento desarticuladas e sem reconciliação possível - e da problematização dos critérios que determinam a sua pertinência. Esta problematização dotará o urbanista da capacidade de *saber representar*, consciente do propósito inerente à representação e consciente da forma como modela, ou poderia modelar, cognitivamente os diferentes tipos de conhecimento em jogo nas decisões que toma.

2.1.1 Pragmáticas do Conhecimento

Voltando à obra de Lyotard, montada a partir de uma representação da sociedade feita segundo uma metodologia que enfatiza os efeitos da linguagem, quero deixar assente a minha convicção quanto ao propósito maior do seu discurso, que está alinhado com o espírito da tradição crítica *pós-estruturalista* - Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, etc. Mencionei mais que uma vez, que estimo, que a verdade está sempre condicionada a um propósito e no caso desta obra é fazer emergir as relações de poder, que envolvem indivíduos e instituições, implícitas numa rede de comunicação cuja especificidade é turvada pelas metanarrativas dominantes herdadas até ao tempo da obra. Se pensarmos que a sociedade é um imenso sistema e que as suas instituições são

ocorrências naturais das funções exigidas pelo sistema, o protocolo pragmático dessas instituições - regras para o assentimento da comunicação de conhecimento dentro/com a instituição - permanece blindado por uma racionalidade mistificada do funcionamento geral do sistema; um sistema autorregulado trabalha através dos agentes e instituições sociais para se reconfigurar e adaptar num processo de melhoria contínua - consoante a emergência de novos contextos económicos, tecnológicos, sociais, etc. -, o progresso não é o produto da iniciativa criativa espontânea dos agentes sociais. A inovação e a criatividade são consequência da própria racionalidade do sistema que instiga e cria condições para a sua ocorrência. A generalização desta crença faz com que o sujeito interprete o seu potencial comunicativo fora da pragmática dos jogos de linguagem institucionalizados, que o envolvem, como uma espécie de *non sequitur*, inconsequente, sem sentido, inútil, o que resulta no abdicar do poder individual de causar disrupções com potencial performativo benéfico para o próprio sistema. Como os paradigmas em vigor não conseguem perspectivar o potencial performativo de discursos alternativos a uma determinada lógica institucionalizada, rejeitam formas de comunicação que, ironicamente, têm o potencial para cumprir esse objectivo. E não é coincidência que uma falácia lógica sirva para ilustrar este ponto de vista, porque a própria lógica - ou aquilo que alguns ainda acreditam que a lógica possa ser - tem grande influência na opressão da liberdade comunicativa do sujeito como veremos mais à frente.

*“... an institution differs from a conversation in that it always requires supplementary constraints for statements to be declared admissible within its bounds. The constraints function to filter discursive potentials, interrupting possible connections in the communication network: there are things that should not be said. They also privilege certain classes of statements (sometimes only one) whose predominance characterizes the discourse of a particular institution: there are things that should be said, and there are ways of saying them... Bureaucratization is the outer limit of this tendency.”*³⁹

Lyotard pretende reafirmar o poder latente em cada indivíduo pelo simples facto de ocupar um posto comunicativo que exerce influência numa enorme rede de jogos de linguagem que constituem o Laço Social. O urbanista não é excepção, ocupa constantemente postos comunicativos no exercício da sua função quando está envolvido de alguma forma em análises ou práticas urbanísticas e a informação que por ele é comunicada depende em grande parte da sua atitude perante a informação que assimila. Como vimos anteriormente a construção de sentido faz-se a partir de metodologias interpretativas que estão assentes em certos pressupostos e a assimilação de conhecimento é um processo ativo, o assentimento passivo ou reflexivo depende do valor que se atribui à informação em consideração e é neste ponto que, a meu ver, a atitude do urbanista se

39 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 17

torna ponto central de contenção. Ao aceitar a proposição de Lyotard quanto ao poder latente no sujeito pela simples participação na ação comunicativa, o exercício do urbanismo enquanto prática comunicativa é necessariamente visto como um exercício de poder e com ele deve existir uma autoavaliação sobre a responsabilidade no exercício desse mesmo poder. Uma atitude autónoma implica responsabilidade na ocupação do posto de emissor - ganhando consciência da especificidade da informação a comunicar e partilha transparente não só do produto, mas também do método da sua produção e dos pressupostos inerentes - e no posto de receptor - estando consciente que a responsabilidade é função do nível de reflexividade quanto à especificidade da informação em consideração. Há que conhecer a pragmática do jogo de linguagem do qual a informação é quota, qual o propósito do jogo e qual o conteúdo do discurso pelo qual o jogo se legitima.

*“Esses modos de problematização serão sempre compósitos, não só porque a análise territorial articula uma enorme diversidade de temáticas que terão distintos modos de argumentação, como também porque inclui informação e conhecimento que varia entre a ciência e a tecnologia, a estética, a ideologia, as normativas legais, o senso comum, etc., etc. Seria impossível encontrar um operador meta-argumentativo que fosse capaz de organizar este labirinto.”*⁴⁰

Como a citação anterior refere, a solução para a moderação dos vários modos de argumentação - jogos de linguagem - não passa pela operacionalização de uma meta-argumentação - como a história nos ensina - mas isso não pode ser conducente a atitudes despreocupadas, desinteressadas ou irrefletidas em detrimento do sentido de responsabilidade. A predisposição para a reflexão é uma questão de atitude e a predisposição para aceitar que a reflexão nunca trará respostas conclusivas também⁴¹, mas o progresso do conhecimento humano não se deve à estabilização de respostas que invariavelmente se revelam efémeras, mas a novas formas de problematização. Para que esse modelo de progresso se concretize no urbanismo é necessário que o urbanista desenvolva uma atitude receptiva à aprendizagem e reaprendizagem de métodos de interpretação do real e que consiga moderar a cacofonia de informações a que é sujeito referenciando-se pela pragmática dos jogos de linguagem dominantes no debate multidisciplinar sobre o território.

“Destas possibilidades de aceder ao real, podemos assinalar pelo menos três, que nos podem esclarecer acerca da polissemia e instabilidade do território, e, sobretudo, acerca da importância de reflectirmos como é que as nossas formas de construção de conhecimento delimitam os conteúdos desse conhecimento, a produção de sentido, os modos de objectivar e argumentar, de fazer prova da verdade dos factos: são elas a retórica científica, a retórica

40 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 28

41 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 24

*normativa e a retórica narrativa.”*⁴²

2.1.2 Uma Analogia Esclarecedora

Neste subcapítulo, é feito um parêntesis metodológico provisório para reforçar e aprofundar a representação anteriormente introduzida da comunicação de informação e suas fragilidades⁴³. Recorrendo a uma analogia celebrizada por Richard Dawkins entre a reprodução de *genes* e de *memes* torna-se mais fácil numa primeira fase compreender alguns dos princípios comunicativos do método de Lyotard, com uma terminologia mais familiar. O aprofundamento da análise acusaria disjunções substantivas implícitas aos dois métodos - memética é usada popularmente por filósofos afetos às ciências cognitivas, ocorre-me Daniel Dennet, das quais Lyotard mantém muita suspeita -, mas o objectivo aqui é reter a superfície apenas, um esquema mental montado rapidamente.

A pesar da prosa bastante especulativa - reconhecido pelo autor -, a teoria avançada nos anos 70 sobre a evolução da cultura teve, meritoriamente, uma boa recepção pelo público geral e influência no trabalho de académicos mesmo fora da biologia Darwiniana.

*“Cultural transmission is analogous to genetic transmission in that, although basically conservative, it can give rise to a form of evolution.”*⁴⁴

Fazendo uma síntese um pouco simplista, a ideia avançada por Dawkins descreve a cultura como uma composição extremamente variegada de estruturas unitárias ou complexas de informação chamadas *memes*, que tal como os *genes*, são vistos como replicadores cuja sobrevivência depende da sua persistência ao longo do tempo nas mentes que os acolhem e transmitem.

“Examples of memes are tunes, ideas, catch-phrases, clothes fashions, ways of making pots or of building arches. Just as genes propagate themselves in the gene pool by leaping from body to body via sperms or eggs, so memes propagate themselves in the meme pool by leaping from brain to brain via a process which, in the broad sense, can be called imitation.”

⁴⁵

Esta ideia de replicação através de um processo de imitação ajuda a ilustrar prin-

42 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 29

43 Cf. Subcapítulo 1.4 - Saber Representar a Realidade

44 DAWKINS, Richard (1976). *The Selfish Gene*. Nova York: Oxford University Press, 2006, p. 189

45 Ibidem, p. 192

cópias comunicativos avançados anteriormente a propósito das representações comunicáveis:

- *Memes* replicam-se por um processo de *mimesis*, o que implica *saber interpretar* a codificação linguística na qual são transmitidos, para que a réplica do original se concretize.
- Representação comunicável e *meme*, são conceitos próximos na medida em que ambos são desígnios amplos, vagamente definidos, que se referem a objetos mentais unitários ou compostos representativos de algo comunicável.
- O princípio: o sucesso da propagação de uma representação colectiva está condicionado à capacidade de interpretação limitada e diferente de cada um; é consistente com a ideia de *fidelidade* da replicação por imitação: “*At first sight it looks as if memes are not high-fidelity replicators at all. Every time a scientist hears an idea and passes it on to somebody else, he is likely to change it somewhat.*”⁴⁶; no entanto, posteriormente Dawkins afirma que o conceito de *meme* limita-se à “*base essencial da ideia*”⁴⁷, excluindo essas variações da definição em si.
- O princípio: em certos jogos de linguagem - como o denotativo -, o assentimento é uma condição fundamental para a propagação de uma representação; é consistente com a ideia de *fecundidade* da replicação por imitação: “*If the meme is a scientific idea, its spread will depend on how acceptable it is to the population of individual scientists.*”⁴⁸

O principal motivo para as demonstrações de consistência anteriores é que nos permite chegar a um ponto que Dawkins ilustra particularmente bem com recurso a esta analogia: a propagação de *memes* dá-se através de um processo de competição por espaço na memória de cada indivíduo é um processo análogo à *seleção natural*.⁴⁹

*“Imitation, in the broad sense, is how memes can replicate. But just as not all genes that can replicate do so successfully, so some memes are more successful in the meme-pool than others. This is the analogue of natural selection.”*⁵⁰

Esta ideia tem uma aproximação grande com o princípio da sociedade comunicativa agonista de Lyotard. A evolução da cultura e consequentemente da identidade colectiva de todos é análoga a um processo de seleção natural, no entanto as estruturas

46 DAWKINS, Richard (1976). *The Selfish Gene*. Nova York: Oxford University Press, 2006, p. 194

47 Ibidem, p. 196

48 Ibidem, p. 194

49 Ibidem, p. 195

50 Ibidem, p. 194

de memes tal como as representações colectivas, não têm vontade própria, nem propósitos próprios, pensar nesses termos é antropomorfizar: “... *purpose is only a metaphor*.”⁵¹. A replicação do *meme* é prerrogativa do sujeito, ao qual cabe decidir se deve replicar e com que propósito. O poder quanto ao contexto em que é transmitido e ao valor a que é associado está no sujeito. É fundamental ser autónomo para que doutrinas ideológicas e narrativas estreitas não se continuem a replicar acriticamente às custas dos valores que são colectivamente desejáveis, mas aparentemente *não instituíveis*.

*“The point I am making now is that, even if we look on the dark side and assume that individual man is fundamentally selfish, our conscious foresight—our capacity to simulate the future in imagination—could save us from the worst selfish excesses of the blind replicators...We have the power to defy the selfish genes of our birth and, if necessary, the selfish memes of our indoctrination. We can even discuss ways of deliberately cultivating and nurturing pure, disinterested altruism...”*⁵²

Um urbanista pode adquirir autonomia na reflexão sobre a pragmática dos jogos de linguagem em que participa e isso conduz a uma prática profissional consciente dos valores que reproduz.

2.1.3 Pragmática Científica e Narrativa

A partir do trabalho de Charles Sanders Peirce - um dos fundadores do pragmatismo -, Charles W. Morris desenvolveu uma teoria de signos - semiótica - que perspectivava a sua relação com objetos, sujeitos e outros símbolos, estas perspectivas formaram as três categorias linguísticas que o próprio viria mais tarde a chamar semântica, pragmática e sintaxe. A semiótica foi uma área de interesse para uma quantidade impressionante de autores que desenvolveram e mudaram bastante o que se pensa hoje sobre cada uma destas teorias - Umberto Eco, John Austin, etc. -, portanto, consoante o tema tratado e o contexto da argumentação a definição de cada uma varia substancialmente. Para a presente argumentação é pouco importante desenvolver a noção de sintaxe, por se referir à disposição formal dos signos, o que é importante é problematizar o significado, que é alvo de estudo tanto da semântica como da pragmática, mas perspectivado de formas distintas. A semântica analisa o significado incondicional dos signos, a sua denotação, aquilo que representam, enquanto que a pragmática estuda o significado condicional dos signos na sua relação com participantes da ação comunicativa e o contexto,

51 DAWKINS, Richard (1976). *The Selfish Gene*. Nova York: Oxford University Press, 2006, p. 196

52 Ibidem, p. 200

a capacidade de compreender a intenção do emissor implícita no enunciado é chamada de competência pragmática. Para que um enunciado, num determinado contexto tenha o efeito comunicativo pretendido, é necessário que o receptor saiba interpretar o sentido explícito e implícito do enunciado, é uma questão de competência, é fundamental saber produzir e interpretar *bons enunciados* de acordo com o protocolo pragmático do respectivo jogo de linguagem - a capacidade de produzir bons enunciados prescritivos, denotativos e performativos envolve competências e conhecimento diferentes.

O conhecimento admissível num determinado jogo de linguagem está subordinado ao propósito do próprio jogo, e é na noção, por vezes vaga, de como se deve jogar - pragmática - que se decide entre o assentimento ou recusa dos diferentes tipos de conhecimento.

Um enunciado é qualificado como *bom* ou adequado por se conformar com os critérios relevantes, que regulam a performance do enunciado relativamente ao propósito do discurso - o propósito do discurso denotativo, por exemplo, é produzir enunciações correspondentes à verdade, a avaliação de correspondência é regulada por critérios que garantem a relevância do enunciado quanto a esse propósito, o que implica que os critérios não são transponíveis entre jogos de linguagem.

A maioria dos critérios de relevância podem estar perfeitamente identificados e descritos como no caso das instituições reguladas pela burocracia, mas quando pensamos em parâmetros de agregação mais abstratos, como a cultura de um determinado povo, percebemos que se trata de um grande jogo de linguagem extremamente variegado impossível de delimitar ao pormenor, no entanto, identificável pelo substrato consensual difuso de critérios de identificação com essa cultura e consequentemente com esse povo. Arrisco afirmar que é da experiência de todos nós que a sobrevivência e replicação de conhecimento tradicional - dentro da cultura partilhada por indivíduos pertencentes a determinados grupos identitários como etnia, género ou classe social, por exemplo - aponta para a generalização de um assentimento transgeracional que não se deve necessariamente a reflexão metódica estabilizada por critérios de relevância escrutinosamente pensados. Essa replicação é mais facilmente compreendida pelo desenvolvimento da competência individual nas práticas comunicativas que garantem correspondência entre a identidade do indivíduo e a cultura a que pertence. É no jogo afetivo da pertença a uma comunidade - que não é necessariamente étnica, estão sempre a surgir novas formas de agrupar pessoas por relação com a cultura *digital*, *consumista*, *verde*, etc. - que está o solo fértil para a propagação de ideias, *memes*, representações, que não são produtos de reflexão pessoal, mas de pragmáticas que perspectivam a sensação de pertença a jogos culturais. Replicação ideológica nem sempre é reflexiva, por vezes é motivada por algo tão simples como a necessidade individual de encontrar um *ethos*.

2.1.3.1 Pragmática Narrativa

Ser afeto a uma comunidade é certamente um dos principais motivadores para o desenvolvimento de competências pragmáticas - não é preciso fazer uma reflexão histórica extensiva sobre as vantagens evolutivas do agrupamento de indivíduos e partilha de valores - mas não é o único e não explica a sobrevivência da totalidade do conhecimento tradicional, serve apenas para ilustrar um dos motivos que leva o conhecimento narrativo a ter quota dominante no total da cultura, porque quando falamos de conhecimento tradicional falamos de uma instância, de um tipo de conhecimento, cuja forma é fundamentalmente narrativa. Histórias populares, por exemplo, estão enraizadas na tradição e têm a função de fazer a separação moral entre o que é aprendizagem positiva e negativa:

*“Thus narratives allow the society in which they are told, on the one hand, to define its criteria of competence and, on the other, to evaluate according to those criteria what is performed or can be performed within it.”*⁵³

Esta função é uma de regulação social, uma outra propriedade do conhecimento narrativo é que abrange uma grande variedade de jogos de linguagem (denotação, prescrição, etc.), a sua característica unificadora agrega as várias áreas de competência porque, à partida, o seu protocolo pragmático não restringe o que é dito quanto ao propósito, mas quanto à forma de comunicação. O que confere identidade teórica à comunicação narrativa tradicional é um protocolo pragmático requisitante de uma competência tripartida: *saber fazer*, *saber dizer* e *saber ouvir*⁵⁴. O domínio deste protocolo dota o emissor - narrador - e o receptor da capacidade de dizer “...o que se deve dizer para ser escutado, o que há que escutar para se poder falar, o que deve ser jogado para ser objecto de um relato.”⁵⁵.

Embora a transmissão de uma ideia moral exija uma certa fidelidade ao recontar uma narrativa, esta nunca é feita de réplicas precisas, já foi apontado anteriormente que a capacidade de interpretação condiciona o processo de replicação exata, o que acontece é a retenção da *ideia geral*, ou na linguagem de Dawkins a *essência* do que aprendemos, especialmente no caso do conhecimento tradicional onde a fidelidade do conhecimento só é necessária quanto à sua *essência*, admitindo uma variação infundável de formas de enunciá-lo. A referência diacrónica é desnecessária, o momento e contexto de concepção é mero adereço, não existe uma atitude analítica que releve essas questões nos postos de comunicação, a temporalidade do conhecimento narrativo é imemorial⁵⁶.

53 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 20

54 Ibidem, p. 21

55 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 33

56 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 22

A afinidade do sujeito com uma determinada cultura é a motivação para a aquisição e desenvolvimento de competências que lhe permitam corresponder ao respectivo protocolo pragmático. É nessa correspondência que a legitimação narrativa se dá e não um metadiscurso que a problematize. No caso da pragmática narrativa, é já na competência que está a própria legitimação.

“Narratives, as we have seen, determine criteria of competence and/or illustrate how they are to be applied. They thus define what has the right to be said and done in the culture in question, and since they are themselves a part of that culture, they are legitimated by the simple fact that they do what they do.”⁵⁷.

2.1.3.2 Pragmática Científica

A atitude que conduz à aculturação tendencialmente científica ou narrativa do sujeito é mediada numa primeira instância pela apreciação estética. A conjectura anterior assera que a perpetuação das formas de cultura tradicionais dá-se devido à afinidade de conjuntos de indivíduos com essas culturas - por questões principalmente identitárias - e considero que esse sentimento se estende à cultura científica, até porque a própria concepção do discurso científico é construída contra o senso comum⁵⁸, mas a forma de legitimação científica, até aos tempos do positivismo, sempre foi narrativa - o discurso platónico que inaugura a ciência não é científico, legitima-se numa parábola - a alegoria da caverna -, outros exemplos podem ser encontrados ao longo da história. O grande sucesso na propagação e desenvolvimento da cultura científica deve-se, em parte, à especificidade da pragmática em que se insere, altamente apelativa às atitudes mais analíticas pela intencionalidade subjacente na regulação dos procedimentos do discurso pela epistemologia⁵⁹.

A pragmática científica, na sua concepção clássica, distingue o jogo da investigação do jogo do ensino, no caso da investigação podemos reduzir o conjunto de prescrições que regulam a admissão de um enunciado como científico a três princípios sucedidos de duas regras suplementares⁶⁰:

- A sentença produzida pelo emissor sobre o referente deve ser verdadeira. Isto

57 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p.23

58 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 29

59 Ibidem, p. 29

60 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 23-24

implica que o emissor deve ser capaz de apresentar prova de verdade e refutar todas sentenças contrárias relacionadas com o referente.

- Deve ser possível ao receptor assentir a sentença de forma válida. Concretizado este passo o receptor atinge igual autoridade sobre o referente - paridade - e torna-se num potencial emissor.
- A sentença deve expressar o referente em conformidade com o que efetivamente é.

Os métodos de prova de verdade, que determinam a veracidade da correspondência entre o que referente é e a forma como ele é expresso, segundo o primeiro princípio devem também eles ser submetidos a prova de verdade e é aqui que a problemática da legitimação ocorre. Como resposta a ciência fornece um par de regras suplementares, a primeira dialéctica, ou até mesmo retórica e a segunda metafísica:

- É referente tudo o que é susceptível a prova e pode ser usado como evidência numa argumentação. Enquanto for possível produzir prova, é admissível pensar que a realidade é tal como expresso. Assim que a prova for refutada, a condição não mais é satisfeita.
- O mesmo referente não pode produzir uma pluralidade de provas contraditórias ou inconsistentes.

Este par de regras determinam o que no séc. XIX era chamado de verificação e no séc. XX de falsificação - é possível presumir que uma proposição seja verdadeira a partir do momento em que seja apresentada prova e enquanto não for refutada -, juntas presumem um horizonte de consenso quanto ao que é admissível na argumentação entre pares e que um enunciado verdadeiro atrairá invariavelmente o consenso⁶¹ - precisamente porque, por definição, a verdade é irrefutável, portanto na conclusão do debate poderá apenas resultar o consenso. O propósito do discurso científico é precisamente esse, desenvolver uma argumentação que retenha no final a denotação de fenómenos comprovados como verdadeiros. O valor único da ciência pré-moderna é a verdade, na sua concepção clássica, absoluta, *realista*.

O papel do ensino é complementar ao da investigação, para que a verificação possa ocorrer são necessários pares, logo, a formação de cientistas é essencial. Os enunciados que se pretendem transmitir através do ensino científico pressupõem algo importante: “... *there are statements for which the exchange of arguments and the production of proof constituting the pragmatics of research are considered to have been sufficient and therefore can be transmitted as*

61 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 24

*they stand, in the guise of indisputable truths.”*⁶²

O aluno é introduzido no jogo da investigação científica assim que completada a sua formação e que toma consciência do trabalho que pode desenvolver, no sentido de contribuir para a produção de conhecimento científico⁶³.

Comparadas as pragmáticas do conhecimento científico e narrativo destacam-se as seguintes propriedades:

- Conhecimento científico retém apenas o jogo da denotação, os restantes tipos são apenas parte da argumentação. O critério de relevância que legitima o assentimento de um enunciado é o valor-de-verdade. A pragmática narrativa não discrimina entre jogos.
- Conhecimento científico não pertence à qualidade de jogos que constituem o Laço Social. É componente social indireto, por criar profissões que por sua vez formam instituições, onde se consolidam os jogos de linguagem.
- Investigação científica requer apenas competência no posto de emissor, a transmissão está ao encargo da didática, já no caso da pragmática narrativa não existe essa divisão, é necessária a competência tripartida - fazer, contar e ouvir - contando e recontando para que o jogo exista.
- Conhecimento científico está sempre sujeito a falsificação e o referente não é válido apenas pela sua reprodução, como é caso do conhecimento narrativo.
- O conhecimento científico implica uma diacronia temporal - evolução, momentos de desenvolvimento. Há uma bibliografia que reporta o desenvolvimento do referente. No caso do conhecimento narrativo referências diacrónicas não são relevantes.

Estas propriedades levam a concluir que é impossível validar conhecimento narrativo a partir de científico e vice-versa, os critérios relevantes são diferentes, são discursos incomensuráveis⁶⁴. Conhecimento narrativo é, no entanto, mais tolerante quanto à apropriação de conhecimento científico, na medida em que o aborda como uma variante da família das narrativas, sem lhe questionar a legitimidade. O oposto não acontece e essa desigualdade quanto à tolerância entre um e outro é reflectida nas relações entre os agentes de um e outro, resultando na discrepância de legitimidade putativa entre ideologias políticas e consequente opressão entre grupos e culturas que privilegiam um ou outro tipo de conhecimento - países desenvolvidos e subdesenvolvidos por exemplo.

62 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 25

63 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

64 Ibidem

2.1.4 Metanarrativas, a Afirmação de Poder Político

Com a ciência moderna a problemática da legitimação é reformulada e introduz dois novos princípios que terão implicações na pragmática científica: o primeiro é o abandono da procura metafísica da primeira prova transcendental legitimadora das regras do jogo denotativo científico, portanto, as condições de verdade só podem ser determinadas por um debate já científico de natureza e o segundo é que a condição de legitimidade dessas regras apenas pode ser satisfeita pelo consenso entre os especialistas acreditados para participar no debate.

Esta nova atitude científica, consciente de que as regras pragmáticas do discurso científico são construídas a partir de um metadiscurso legitimador atribui um novo estatuto ao conhecimento narrativo, precisamente por reconhecer que o produto desse metadiscurso é uma narrativa epistemológica sobre a qual os especialistas debatem a especificidade substantiva. Concomitante com a renovação da forma de legitimar conhecimento científico surgem movimentos sociais de contestação da legitimidade das autoridades tradicionais, dos quais resulta uma nova figura de autoridade incorporada num sujeito abstrato, o *povo*. A legitimação sociopolítica das novas autoridades alinha-se com a nova atitude científica: povo debate sobre justiça e cientistas sobre verdade, povo acumula leis civis e cientistas *leis* científicas, povo define consenso político e cientistas paradigmas⁶⁵. Como foi mencionado anteriormente esta forma de narrativa não é a tradicional, porque inclui na sua pragmática operadores científicos reflexivos como acumulação progressiva de conhecimento - valoração diacrónica - e pretensão à universalidade, o que cria uma relação de maior compatibilidade e até de complementaridade entre os dois jogos. A partir do momento em que o Estado se configura em torno deste novo espírito político, a questão da governação entrelaça-se com a questão da legitimidade do conhecimento científico. Instituições políticas não se satisfazem apenas com enunciados denotativos. Na argumentação política, a denotação é apenas um meio discursivo para chegar a um produto final: enunciados prescritivos, normas, leis, regulamentos, artigos, etc. Com a maior compatibilidade entre este jogo político narrativo e o jogo científico, os enunciados científicos ganham um papel altamente privilegiado em matéria de legitimação de políticas de governação da sociedade.

Lyotard problematiza a reintrodução da narrativa como forma de legitimação de conhecimento na história moderna - em particular na sua relação com as instituições - a partir de dois tipos de representação do *povo*, enquanto sujeito da narração: como prático e como cognitivo - “... *a hero of knowledge and a hero of liberty*.”⁶⁶. Prossegue ilustrando os

65 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 30

66 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 31

dois tipos de representação através do que considera serem as duas metanarrativas mais importantes da história do conhecimento moderno e suas instituições, uma de natureza política e outra de natureza filosófica:

A primeira versão consiste no modelo idealista germânico iniciado com a fundação da Universidade de Berlim entre 1807 e 1810, o seu impacto fez-se sentir um pouco por todo o mundo especialmente como modelo de referência para a formação e reformulação programática das Universidades. À partida, neste modelo, a pragmática da instituição científica parece ser pensada segundo uma perspectiva positivista. A finalidade do jogo da investigação é produzir conhecimento científico, independente do jogo social e político, o propósito da investigação aponta a um valor cognitivo, a verdade, inerente ao conhecimento que produz por virtude das regras pragmáticas que o regulam. No entanto, no que diz respeito ao propósito do jogo da didática científica, tutelado pela Universidade, o ideal da formação, *Bildung*⁶⁷, remete-se à concretização de uma ideia de *Espírito* referente à conceptualização de um metasujeito que narra o carácter intelectual da nação germânica, sintetizado numa aspiração tripartida:

*“... ‘that of deriving everything from an original principle’ (corresponding to scientific activity), ‘that of relating everything to an ideal’ (governing ethical and social practice), and ‘that of unifying this principal and this ideal in a single Idea’ (ensuring that the scientific search for true causes always coincides with the pursuit of just ends in moral and political life).”*⁶⁸

Nesta perspectiva o conhecimento encontra legitimidade numa primeira instância em si - é positivista, na medida em que não tem outro propósito além de denotar a verdade e não tem outra legitimação além de ser produto da pragmática científica. As universidades são responsáveis pelo desenvolvimento e transmissão desse conhecimento, mas em termos didáticos a ideia exclusivamente positivista é rompida pela introdução de um novo objectivo, *“... moral training of the nation.”*⁶⁹ A ideia de *Espírito*, no modelo idealista germânico, só é plenamente concretizada com a formação de um metasujeito que unifique o discurso prescritivo - ético, político, moral - e denotativo - científico, verdadeiro - na metanarrativa especulativa que legitima o sujeito prático e cognitivo.

*“In this perspective, knowledge first finds legitimacy within itself, and it is knowledge that is entitled to say what the State and Society are.”*⁷⁰

67 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 33

68 Ibidem, p. 33

69 Ibidem, p. 32

70 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 34

Uma implicação desta perspectiva é que as sentenças avaliadas segundo o critério de verdade são legítimas apenas aos olhos da instituição científica, em termos sociais a sua valoração ocorre por virtude do lugar que ocupam no itinerário do *Espírito*. Conhecimento só pode ser verdadeiro indiretamente, intermediado pela narrativa filosófica que cita os enunciados científicos dentro si, uma metanarrativa especulativa que garante a sua legitimidade.

O *povo* neste caso não tem autoridade por si, mas pela correspondência da atitude dos seus agentes com a atitude idealizada na narração de um sujeito abstrato de referência - *Espírito* - para toda a nação - *povo* -, este sujeito unifica a pragmática que legitima o conhecimento numa narrativa da qual é simultaneamente referente e narrador. O *povo* não tem autoridade sobre o conhecimento - nem enunciados denotativos, nem enunciados prescritivos - a metanarrativa especulativa é que determina o sujeito legítimo ao qual os elementos do *povo* devem aspirar e do qual são meras instâncias imperfeitas e incompletas, desde os mais poderosos decisores políticos ao proletário comum. Uma implicação do modelo idealista é que o conjunto dos valores e das normas para a *vida* e para o *ser* formam um ciclo fechado do qual os indivíduos e as instituições são meros elementos cuja aspiração e responsabilidade é executar as funções exigidas pelo Sistema especulativo, seja na atitude que o indivíduo deve ter perante o desenvolvimento e aquisição de conhecimento, seja na institucionalização de uma conduta moral e prática política para a governação da sociedade.

“The only valid way for the nation-state itself to bring the people to expression is through the mediation of speculative knowledge.”⁷¹

Com o aparato especulativo, a universidade assume o papel de legitimação de todo o conhecimento e consequentemente das instituições de poder por intermédio da filosofia, anulando a possibilidade dos indivíduos ou das facções tradicionais de poder, instrumentalizarem ideologias para proveitos próprios míopes - defesa contra a manipulação. É uma narrativa que nasce da suspeição quanto à intenção e atitude individual ou de algumas colectividades, especialmente os que ocupam posições de influência nas instituições de maior poder, desde os líderes religiosos, aos membros do governo, até mesmo aos elementos da comunidade científica. A solução que o idealismo germânico oferece para contornar as tendências ideológicas instrumentalistas é a sobreposição de uma narrativa filosófica, com pretensão à universalidade, em relação a todos os outros modelos de legitimação, garantindo a transversalidade de valores, princípios e propósitos estabelecido no exercício do poder.

71 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 34

A segunda narrativa tem como sujeito a *Humanidade* e o propósito da narrativa é a conquista da liberdade. Para esse efeito a instrução científica do *povo* é vista como o meio para atingir esse fim. O obscurantismo das narrativas tiranas e teológicas do passado que mantinham uma relação de opressão entre a classe governadora e as restantes deve-se às restrições impostas ao *povo*, quanto ao direito à educação e consequentemente produção de conhecimento científico.

O Estado legitima-se na vontade dos seus constituintes, que neste contexto liberal, são representantes da vontade do *povo* - democracia representativa -, portanto, o Estado não passa da expressão governativa do próprio *povo*, um metasujeito prático que incorpora em si o interesse/vontade comum de liberdade e é precisamente à narrativa da liberdade que o Estado recorre quando se constitui ou assume o controlo de instituições de produção e educação científica, legitimando-se no facto do seu interesse ser necessariamente o interesse comum de conquista e consolidação da liberdade do *povo*. Uma consequência desta narrativa é que a valoração do conhecimento científico não é intrínseca, os critérios de relevância que regulam a pragmática científica perspectivam a verdade, mas o positivismo científico, por si só, não serve o propósito de conquista da justa liberdade do *povo*, portanto, a putativa verdade científica é legitimada e integrada na metanarrativa humanista apenas servir o propósito da liberdade/emancipação, que são valores do domínio da ética. Tendo em conta que a narrativa humanista tem como propósito a liberdade, o jogo de linguagem relevante para esse efeito é o prescritivo, os enunciados denotativos integram a argumentação - deliberação do sujeito prático - como contextualização da realidade relevante à finalidade de produzir um discurso prescritivo.

É importante destacar, que nesta narrativa, embora as instituições científicas joguem um jogo de linguagem independente e desinteressado do jogo prescritivo político, os cientistas são constituintes do *povo* como todos os outros cidadãos, logo têm interesse direto na conquista ou conservação dos ideais comuns de liberdade e justiça. Isso leva a que a instituição científica desempenhe um papel indireto - através dos agentes científicos -, complementar ao de reportar a realidade, que é garantir a fidedignidade da interpretação e reprodução dos seus enunciados na argumentação política, por outras palavras, os cientistas querem justiça e liberdade como todos os outros e fornecem informação para esse efeito, logo é do seu interesse e dos demais manterem-se vigilantes quanto a possíveis distorções da informação que fornecem para evitar vieses e falsos pressupostos na argumentação que prescreverá essa justiça.

As relações de poder estabelecidas em ambos os modelos apresentaram-se como território altamente fértil para disseminação de interpretações sociopolíticas e de metodologias de análise derivadas do marxismo clássico. A marcha em direção ao socialismo faz-se paralelamente a partir do posicionamento do Estado e da Universidade em relação ao *povo*, intermediados pela narrativa da emancipação e pela narrativa especulativa respectivamente. Em ambos os casos a cultura científica é basilar para a sociedade, porque fornece a matéria prima - conhecimento denotativo positivo - que será posteriormente

convertida e divulgada, tendo em vista o propósito de cada metanarrativa. Existe a intenção de manter uma certa autonomia da instituição científica em relação às restantes instituições que compõem o tecido sociopolítico, mas o que permite a sua integração no *ethos* da sociedade é a especificidade da legitimação, do conhecimento que produz, pela própria sociedade. Num cenário em que estas metanarrativas deixam de ser assentidas pelo público geral, a cultura científica é novamente confrontada com o desafio da sua legitimidade perante a sociedade, paralelo ao desafio que sempre enfrentou e continua a enfrentar - a pesar dos momentos de maior estabilidade - de se legitimar a si própria.

2.1.4.1 Deslegitimação das metanarrativas

Com o relançamento do capitalismo liberal, a preponderância e credibilidade das grandes narrativas do séc. XIX estão ultrapassadas em matéria de legitimação, a ocorrência da transição é apontada ao período subsequente ao desfecho da Segunda Guerra mundial, embora estes fenómenos não possam ser rigorosamente precisados em termos cronológicos e geográficos, nem sejam simultâneos no mundo todo, existe um certo consenso entre autores quanto ao motivo e período de transição⁷². O desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias acompanhado pela conexão mais autónoma entre mercados liberais e os consumidores colocou maior ênfase no usufruto individual de bens e serviços e mudou o foco da finalidade da ação para os meios.

Como já foi mencionado anteriormente, o sucesso da afirmação de uma narrativa de legitimação deve-se em grande parte à capacidade agregadora dos vários indivíduos numa ideia unificada de cultura e identidade, a leitura que faço relativamente à narrativa especulativa é que a aspiração ao *Esprito* reforçava-se na necessidade identitária de recolção numa cultura comum. Da mesma forma podemos estabelecer um paralelismo com a grande atratividade da narrativa emancipadora ao estabelecer uma cultura defensora da liberdade, valor com o qual muitos se podiam identificar. Com o lançamento do liberalismo económico há uma reformulação na atitude do sujeito, uma oscilação do assentimento geral que favorecia as grandes narrativas para a vontade de contra-argumentar a partir de indícios de ilegitimidade que estas apresentavam desde a sua concepção. As perturbações políticas que resultaram nesta oscilação de atitude fizeram-se sentir no status do conhecimento, então destituído de legitimidade na figura do Estado-nação e da Universidade. Em ambos os casos o problema existe na codependência entre o discurso narrativo legitimador e o discurso científico.

72 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 37

No caso da deslegitimação da narrativa especulativa podemos esquematizar os motivos da seguinte forma: O conhecimento científico é reconhecido como legítimo - fonte pura de aculturação a partir da qual tudo o resto é derivado -, no entanto, este reconhecimento é produzido dentro do discurso especulativo, portanto a legitimidade do conhecimento científico é concretizada pela sua citação num outro discurso de legitimação, por outras palavras, pressuposta. Por sua vez, a pragmática do conhecimento científico não admite pressuposições, requer sempre argumentação associada a demonstração, requer prova e a especulação filosófica não constitui prova aos olhos da ciência. A ambiguidade causada pelo facto do metasujeito cognitivo precisar da ciência - por ser composto fundamentalmente conhecimento científico - e da ciência precisar de legitimação a partir de um discurso já científico de natureza, acusa a incompatibilidade inerente à apropriação de um pelo outro.

Este efeito causa a deterioração da organização hierárquica das diversas disciplinas do conhecimento na rede enciclopédica do sistema idealista, a posição relativa que cada uma assumia em relação ao sistema global de ensino deixa de existir quando a própria Universidade perde a capacidade de legitimar a finalidade e consequentemente a organização do *curriculum*.

Os motivos para a deslegitimação da narrativa de emancipação já foram introduzidos anteriormente: a legitimidade da ciência é garantida por fornecer o conhecimento em bruto - denotativo - que sustentará a argumentação prescritiva dos representantes do *povo*, em defesa dos interesses do *povo*. A procura da verdade será honesta porque, se não for, contaminará as prescrições que dele resultam e consequentemente os efeitos serão sentidos por todos, incluindo pelos produtores de conhecimento tido como verdadeiro. No entanto, isto funciona apenas se for pressuposta a existência de um processo de tradução direta entre conhecimento verdadeiro e conhecimento justo e é novamente numa pressuposição que está a raiz para a deslegitimação da narrativa de emancipação. A relação descrita não se verifica devido à incomensurabilidade⁷³ entre jogos de linguagem, que recorrem a propósitos, critérios de relevância e competências diferentes, por isso não é possível legitimar o jogo prescritivo a partir do jogo denotativo.

Seja por referência a um metasujeito cognitivo ou a um metasujeito prático a unificação do conhecimento sob uma metanarrativa legitimadora totalizante é um exercício descredibilizado e intelectualmente ultrapassado. A problemática da legitimação é abordada de forma diferente nas diversas correntes da cultura pós-moderna, Lyotard adota terminologias e metodologias interpretativas de vários autores pós-modernos - Thomas Khun, Karl Popper, Austin, etc. -, ancorado pela metodologia dos jogos de linguagem de Wittgenstein que lhe permite concluir a partir da experiência das metanarrativas que: *"... science plays its own game ; it is incapable of legitimating the other language games... But above all, it*

73 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

*is incapable of legitimating itself, as speculation assumed it could.”*⁷⁴

O contexto neocapitalista vem associado a uma sensação geral de perda de sentido, com a disseminação das áreas do saber e com a ausência de uma representação colectiva do sujeito social como referência para a construção da atitude individual, o realismo do que se pensava ser a própria sociedade entra em contestação. Devido à crescente especialização nas áreas do saber e à deslegitimação da experiência especulativa, a filosofia foi desprovida dos seus deveres de legitimação e estreitou o seu campo de ação:

*“Até agora a maior parte dos cientistas têm estado demasiado ocupados com o desenvolvimento de novas teorias que descrevem o que é o universo para perguntarem porquê. Por outro lado, as pessoas que deviam perguntar porquê, os filósofos, não foram capazes de acompanhar o avanço das teorias científicas. No século XVIII, os filósofos consideravam todo o conhecimento humano, incluindo a ciência, como campo seu e discutiam questões como: terá o universo tido um princípio? No entanto, nos séculos XIX e XX a ciência tornou-se demasiado técnica e matemática para os filósofos ou para qualquer outra pessoa, com excepção de alguns especialistas. Os filósofos reduziram o objectivo das suas pesquisas de tal modo que Wittgenstein, o filósofo mais famoso deste século afirmou: «A única tarefa que resta à filosofia é a análise da linguagem.» Que queda para a grande tradição da filosofia desde Aristóteles até Kant!”*⁷⁵

A contemplação desta realidade foi interpretada de formas distintas, as consequências da deslegitimação no estatuto do conhecimento científico refletiram-se no pessimismo inerente ao objectivo do movimento apelidado de Circulo de Viena que procurou a sua legitimidade num positivismo lógico de capaz supervisionar a legitimidade do crescente número de métodos de interpretação científica, uma legitimação por performatividade. Na obra de Wittgenstein as tentativas reclusas de definir um sistema axiomático lógico capaz de conferir sentido aos enunciados científicos foi abandonada numa segunda fase em detrimento de uma das posturas filosóficas que mais marcou o pensamento pós-moderno. É na própria prática linguística e interação comunicativa que se forma o Laço Social, um tecido resultante do entrelaçamento de jogos de linguagem, com propósitos distintos, que nos fazem permanecer relacionados numa ideia de colectividade.

*““Our language can be seen as an ancient city: a maze of little streets and squares, of old and new houses, and of houses with additions from various periods; and this surrounded by a multitude of new boroughs with strait regular streets and uniform houses.””*⁷⁶

74 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 40

75 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 213

76 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 40

Esta ideia de *cidade de jogos de linguagem* traz a novidade de não se identificar como uma representação metalinguística totalizante por ser submetida ao paradoxo sorites bastante familiar para os estudos urbanos: “*how many houses or streets does it take before a town begins to be a town?*”⁷⁷. As pretensões passadas de conseguir uma representação coerente e completa da *sociedade do conhecimento* são aqui abandonadas pela ideia de construção contínua e constantemente reconfigurável.

⁷⁷ LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 40

2.2 Pragmática Performativa

Compreender o modelo de legitimação performativa descrito por Lyotard, requer uma abordagem em duas partes: compreender o momento de produção de conhecimento - investigação - e o momento de transmissão de conhecimento - didática. Quanto à produção o autor toma como ponto de partida a atitude racionalista e o esforço de legitimar o conhecimento positivo levado a cabo por vários grupos de investigação, um dos quais o Círculo de Viena. Com a disseminação das áreas do saber dois mecanismos da pragmática de investigação científica sofreram profundas transformações: multiplicação dos métodos de argumentação e maior complexidade no processo de estabelecer prova.

2.2.1 Multiplicação de métodos de argumentação

2.2.1.1 Investigação

A multiplicação de métodos de argumentação não implica uma total dissonância na concepção desses métodos, o método científico mantém como requisito critérios de demonstração definidos, a pragmática da investigação mesmo neste cenário de grande variedade mantém três características necessárias à definição da axiomática de uma linguagem científica: enunciar a simbologia da linguagem - regras propositivas formais para codificação de signos -, descrever a forma que as expressões devem respeitar para serem aceites - as relações possíveis entre símbolos para que a expressão seja *bem* formulada - enumerar o conjunto de operações, possíveis, a desempenhar pelas expressões - regras para o que delas pode resultar.

As regras listadas são de natureza formal mas o que regula em termos substantivos o que é permissível numa estrutura axiomática é uma metalinguagem transversal a todas as linguagens científicas e o principal recurso da *razão* clássica, a lógica. É na lógica que os procedimentos de validação científica se tornam concretos, independentemente da concepção da axiomática ser feita a partir da observação dos fenómenos naturais - empirismo - ou de hipótese/conjectura teórica. À partida parece existir a oportunidade de criar um modelo de legitimação a partir da metalinguagem lógica, que sirva de referência à concepção da pragmática das várias linguagens científicas - próprias de cada área científica - moderando a conjunção e a afinação de todas elas numa pragmática comum, que garanta a consistência de todo o conhecimento científico sob critérios lógicos - que se ocupam da verificação da *verdade*.

Na perspectiva do positivismo lógico, para que o sistema axiomático de uma

linguagem seja cientificamente legítimo tem que cumprir geralmente quatro requisitos⁷⁸: consistência - na linha da regra metafísica já falada, no mesmo sistema não pode ser admitida uma proposição e, simultaneamente, a sua negação -, completude sintáctica - enquanto for possível adicionar um novo axioma, a consistência da estrutura axiomática está comprometida, um sistema axiomático deve ser fechado -, decidibilidade - existência de um procedimento efetivo que regule a inclusão e avalie a pertença de uma sentença ao sistema axiomático - e a independência entre axiomas - não devem coincidir em termos substantivos. Um episódio particularmente marcante que inspirou desde cedo desconfiança quanto à credibilidade do positivismo lógico foi a demonstração metamatemática desenvolvida por Kurt Gödel.

2.2.1.1.1 Deslegitimação Formal

2.2.1.1.1.1 Incompletude de Gödel

É pertinente fazer uma revisão deste episódio na história da matemática de grande importância para melhor compreensão da argumentação subsequente.

A história da matemática modernista é quase inteiramente focada no paradoxo da autorreferenciação. No séc. XIX o objectivo maior dos matemáticos era encontrar definições rigorosas dos conceitos como provabilidade, verdade e números. A solução passou por tratar a matemática mediante a lógica referenciando todas as provas a um conjunto de axiomas nas condições anteriormente descritas. Cantor, Dedekind, Hilbert e Peano são alguns dos nomes mais notáveis entre os envolvidos nesse projeto, mas é a partir do trabalho de Frege - responsável pela criação do que na altura se acreditava ser um sistema de lógica formal rigoroso para as fundações da matemática - que o problema da autorreferenciação se começa a evidenciar. O sistema lógico de Frege era composto de objetos chamados *Sets* - conjuntos de axiomas - que podiam existir isolados ou conter outros *Sets*, Bertrand Russell encontrou um problema ao considerar a expressão máxima deste objecto: um *Set* que contenha todos os *Sets* não isolados - que não estejam validados em si próprios -, por outras palavras, o sistema axiomático completo que inclui todos princípios fundamentais da matemática e do qual possam ser derivadas todas as provas de verdade. O tratado lógico “Principia Mathematica” de Russell e Whitehead tinha o objectivo de realizar o trabalho de Frege removendo por completo o problema da autorreferenciação.

⁷⁸ LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 42

O problema pode ser pensado na seguinte proposição disjuntiva: Ou todos os *Sets* são validados (por si próprios) ou (pelo *Set* de todos os *Sets*). Chamemos à primeira frase (A) e à segunda (B). Se optarmos por (A) então chegamos a uma contradição ao considerar que, tal como todos os outros *Sets*, o (*Set* todos os *Sets*) teria que ser provado por si mesmo e isso satisfaria também a condição (B), o que não respeita a propriedade disjuntiva da proposição - “ou”. Se considerarmos a opção (B) então há um *Set* que permanece por validar, o próprio *Set* de todos os *Sets*. Este é o paradoxo da autorreferenciação.

A solução apresentada no trabalho de Russel foi por sua vez desacreditada pelo trabalho do matemático austríaco Kurt Gödel que concebeu o primeiro e segundo teorema da incompletude. Estes teoremas provaram que qualquer sistema axiomático formal consistente - coerente, com respeito à negação - que inclua a teoria elementar dos números naturais é necessariamente incompleto⁷⁹. É uma prova altamente técnica que essencialmente asserta que dentro de um sistema axiomático formal - à imagem do desenvolvido por Russel - podem sempre ser encontradas proposições que serão verdadeiras, mas indecidíveis segundo a estrutura axiomática desse sistema - não é possível decidir o seu valor de verdade -, o que implica que a estrutura axiomática original não é completa.

Gödel provou que, mesmo que o sistema axiomático original fosse revisto e a abrangência dos seus axiomas aumentasse de forma a tornar a proposição decidível, no sistema axiomático resultante seria possível encontrar novamente uma proposição indecidível. O sistema é remendado indefinidamente nunca ficando efetivamente completo.

A importância do teorema da incompletude transcende o campo da matemática por ser diretamente aplicável a qualquer sistema formal - sistemas com um conjunto finito de regras que permitem deduzir provas de verdade, o que tem repercussões em todos os campos de base matemática, como por exemplo, a física:

“Tem-se procurado esta teoria fundamental, mas sem êxito até agora. Acredito que não há uma formulação única da teoria fundamental, do mesmo modo que Gödel mostrou que não podia formular-se a aritmética em termos de um conjunto finito de axiomas. Em vez disso, deve ser como mapas - não pode usar-se um único mapa para descrever a superfície da terra ou uma âncora: para cobrir todos os pontos são necessários, pelo menos, dois mapas no caso da terra e quatro no caso da âncora. Cada mapa é apenas válido numa região limitada, mas diferentes mapas podem sobrepor-se em determinadas regiões. A coleção dos mapas fornece uma descrição completa da superfície. De modo análogo, em física pode ser necessário usar diferentes formulações em situações diversas, mas duas formulações diferentes concordarão em todas as situações em que podem ser ambas aplicadas. Um con-

79 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 42

*junto de formulações diferentes pode ser considerado uma teoria unificada, embora não possa ser expressa em termos de um único conjunto de postulados.”*⁸⁰

Além disso, é indiretamente aplicável a todas as teorias cujo propósito seja este género de síntese - completude e coerência -, inclusivamente daquelas cujo trabalho necessário à concretização desse potencial de síntese axiomática esteja em falta.

*“... analogous observations can be made for the other sciences: they owe their status to the existence of a language whose rules of functioning cannot themselves be demonstrated but are the object of a consensus among experts. These rules, or at least some of them, are requests. The request is a modality of prescription.”*⁸¹

O caso do teorema da incompletude ilustra bem a transição de um período desde Descartes cujo projeto maior era integrar a matemática - tida como instrumento de denotação da realidade - com a filosofia da matemática - tida como legitimadora dessa denotação - num único modelo completo e coerente. No século XX a mudança de foco da filosofia epistemológica ocidental transita para a lógica e o significado. A pergunta “O que tem sentido?” deu lugar a “Como fazemos sentido?” e uma das referências maiores dessa transição é um dos pupilos de Russel, o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, por escrutinar a linguagem e os sistemas de significação.

Não pretendo dar a entender que a deslegitimação do positivismo lógico se resume à demonstração matemática da incompletude de sistemas aritméticos esticada ao ponto de ser aplicável a tudo que a lógica toca, encontrei com frequência este teorema transformado numa arma de arremesso contra a razão em discursos sobre temáticas distantes da sua concepção original, que me deixam bastantes dúvidas quanto à proporção efetiva das conclusões de Gödel e aquilo que delas é, por vezes, assumido. Outros autores contribuíram de forma mais extensiva e direta para essa deslegitimação e há quem reveja na obra de Quine “Two Dogmas of Empiricism” o final efetivo das aspirações do positivismo lógico, ao destacar a falta de fundamentação em duas das suas crenças basilares: separação entre verdades analíticas e sintéticas; relação de equivalência entre qualquer enunciado significativo e uma construção lógica referida à experiência imediata - reducionismo.

Karl Popper e Feyerabend são também críticos notáveis do positivismo lógico, mas no interesse transversal desta secção da tese - clarificação dos conceitos e da terminologia das reflexões da segunda - importa repescar o trabalho de Thomas Kuhn. Penso que existe uma relação de consequência expectável entre o fenómeno destacado por Gö-

80 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 203

81 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 43

del e algumas das ideias desenvolvidas por Kuhn - em particular a incomensurabilidade - mas a maior abrangência crítica e a linguagem utilizada são mais adequadas em matéria de discussões sobre legitimidade.

2.2.1.1.2 Deslegitimação Histórica

2.2.1.1.2.1 Incomensurabilidade entre paradigmas

A interpretação historicista de Thomas Kuhn contesta a interpretação tradicional do desenvolvimento cumulativo gradual do conhecimento científico, propondo uma sucessão de permutações entre períodos de ciência *normal* - ciência assente num paradigma - e períodos de *revolução científica* - momentos em que um novo paradigma é assentido em detrimento do anterior.

*“In the sciences most discoveries of unexpected fact and all fundamental innovations of theory are responses to a prior breakdown in the rules of the previously established game.”*⁸²

Se aceitarmos esta frase não se conclui necessariamente que a mudança das regras tenha implicações pragmáticas, poderia ser uma questão meramente substantiva, mas as ideias de Kuhn parecem pressupor que há mudanças que são de facto pragmáticas, que deslocam questões tão fundamentais como os critérios que determinam a legitimidade dos problemas e soluções propostas, o que está diretamente relacionado com a natureza dos jogos de linguagem já abordada: novas regras implicam novo jogo o que, por sua vez, implica que a ciência não será o resultado de um progresso tão coeso como se possa eventualmente pensar.

A representação ideal do cientista, enquanto explorador descomprometido em busca da verdade, não está de acordo com a realidade vivida dentro desta área do saber, muitas das convicções de um investigador quanto aos fenómenos naturais que estuda são fruto da sua confiança no consenso geral da comunidade científica e muitos dos desafios e problemas que se compromete a resolver têm uma solução, em certa medida, conjecturada, expectável, o que não é sintoma de uma atitude completamente descomprometida, mas o resultado de um compromisso com o cânon do respectivo campo de investigação.

Mesmo em termos da educação científica pré-profissional o modelo de ensino

82 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 302

padronizado desde o séc. XIX é o uso recorrente de manuais escolares - pressupondo um consenso sobre o que deve ser aprendido pelo estudante - em vez de um compêndio eclético de amostras de investigação que não sejam necessariamente concordantes entre si. Isto reflete um certo dogmatismo na educação científica, no papel de iniciação a uma tradição de resolução de problemas pré-estabelecidos que o estudante não está equipado, nem é incentivado a avaliar⁸³, como já foi oportunamente explicado anteriormente a propósito da pragmática do ensino.

Um dos requisitos fundamentais para a integração no jogo da investigação das diversas áreas científicas é o conhecimento íntimo das obras de referência, que consistem no relato de feitos científicos, a partir dos quais o investigador irá modelar a sua investigação e segundo os quais poderá avaliar o seu progresso - “Physica” de Aristóteles, “Almagesto” de Ptolomeu, “Principia Mathematica” de Newton, são alguns dos exemplos apresentados por Kuhn⁸⁴. Estas e outras obras, durante o período em que beneficiam da aceitação generalizada da comunidade científica, desempenham o papel de paradigmas, definindo implicitamente a legitimidade das problemáticas e métodos de investigação para as gerações sucessivas de investigadores. Os paradigmas determinam padrões de desenvolvimento para as ciências maduras.

Paradigmas são, portanto, conquistas científicas que incluem orientações teóricas e suas aplicações, resultado da experiência e da observação, são no entanto conquistas abertas, que requerem investigação posterior no sentido de expandir a sua abrangência para fenómenos que se apresentem problemáticos ou simplesmente inexplorados. A partir do momento em que o investigador assente um paradigma, está a comprometer-se, conscientemente ou não, com a ideia de que os problemas fundamentais reportados como resolvidos estão, de facto, resolvidos e a sua atenção deve ser direcionada para o desenvolvimento cumulativo do conhecimento científico ao abrigo desses princípios, estabelecendo para si uma ideia concreta e desejável de progresso científico. É importante reparar, que como já foi mencionado, cientificamente, um referente deve ser descrito pelo que *é*⁸⁵ e uma pluralidade de descrições pressupõe um conflito, o que implica que um paradigma, ao representar um referente, fá-lo, à exclusão de todos os outros que ambicionem o mesmo⁸⁶, a pluralidade de representações não é permissível.

Esta imagem da investigação científica que Kuhn chama de *ciência normal*⁸⁷ - por outras palavras, ciência dependente de um paradigma - é parte integrante da realidade

83 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 304

84 Ibidem, p. 304

85 Cf. Subcapítulo - 2.1.3.2 Pragmática Científica

86 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 18

87 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 310

científica, assumindo um papel fundamental na motivação do trabalho de investigação. Ao comprometer-se com um paradigma, o investigador estabelece uma relação paralela a um contrato: ao assentir certas premissas fundamentais, estabelece-se um regime claro de identificação de problemas cuja legitimidade está garantida, o que liberta o investigador de dúvidas quanto à pertinência do seu trabalho, ao mesmo tempo, alimenta uma expectativa convicta quanto à resolução do problema em questão, assegura, por outras palavras, há a expectativa de que o problema seja resolúvel mediante uma reflexão dentro do enquadramento estabelecido pelo paradigma, o que afasta dúvidas quanto à possibilidade do trabalho de investigação estar condenado ao fracasso logo à partida, o que Innerarity qualifica como expectativas normativas⁸⁸. Este *milieu* onde a antecipação de resultados serve de motivação ao compromisso com ideias pré-estabelecidas reflete uma imagem do cientista oposta ao explorador descomprometido do desconhecido, mais consistente com o confirmador do expectável. A exclusividade desta perspectiva excluiria o benefício de movimentos disruptivos no jogo das linguagens científicas e constrangeria a imaginação do investigador a automatismos num jogo de *problem-solving*.

*“The paradigm he has acquired through prior training provides him with the rules of the game, describes the pieces with which it must be played, and indicates the nature of the required outcome. His task is to manipulate those pieces within the rules in such a way that the required outcome is produced. If he fails, as most scientists do in at least their first attacks upon any given problem, that failure speaks only to his lack of skill. It cannot call into question the rules that his paradigm has supplied, for without those rules there would have been no puzzle with which to wrestle in the first place. No wonder, then, that the problems (or puzzles) which the practitioner of a mature science normally undertakes presuppose a deep commitment to a paradigm.”*⁸⁹

Estas características da *ciência normal* não implicam a obsolescência da sua prática, antes pelo contrário, é absolutamente fundamental que se estabeleçam paradigmas no interesse do progresso científico, porque apenas em condições de redução e restrição de enquadramento se conseguem aprofundar leituras da enorme complexidade do mundo natural. O aprofundamento do conhecimento especializado e denotação minuciosa dos fenómenos naturais é apenas possível à condição da estabilização de alguns parâmetros que orientem esse aprofundamento - ainda que momentânea. Outra constatação da importância dos paradigmas é que além de identificarem os problemas, cuja resolução será tarefa da investigação, estabelecem uma expectativa quanto à natureza dos resulta-

88 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 27

89 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. *Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present*, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 310

dos e quando essa expectativa não é correspondida pela observação de forma consistente surge algo de grande importância para a ciência, uma anomalia. Só é possível identificar o resultado de uma observação como anômalo se existir um termo de comparação, uma noção do que seria um resultado normal, uma noção ou pré-concepção que só tem realmente força quando predicada numa expectativa consensual, generalizada, por outras palavras, o que dá força à noção de um resultado normal é o poder conciliador da expectativa dos especialistas vivido em ambiente de *ciência normal*. A existência de um paradigma é, inclusivamente, pré-requisito para o desenvolvimento dos instrumentos pelos quais a anomalia é observada, conduzindo a algo inesperado, desconhecido, ocorre um momento de descoberta científica, que é o primeiro passo para a forma mais impactante de inovação científica.

Por vezes as descobertas disruptivas são conciliadas com as teorias que vigoram e de certa forma contornadas com o acrescento de aparato teórico aplicado a casos excepcionais, mas quando as tentativas de fazer conciliar os *factos* da observação - cuja relevância é admitida pela comunidade - com as teorias existentes falham de forma consistente isso indica a aproximação de um período que Kuhn chama de *crise científica*⁹⁰, marcado pelo reconhecimento generalizado por uma determinada comunidade científica de que algo está fundamentalmente errado com as teorias edificantes dessa área - um sintoma notório das crises científicas é o aparecimento de múltiplas versões de um paradigma. Habitualmente estes períodos de contestação não ocorrem sem alguma resistência à mudança que se antecipa, porque por um lado a atitude ponderada da própria comunidade científica exige alguma diligência na alteração de matérias teóricas resistentes à prova do tempo, mas principalmente pelo sentimento de desestabilização que se faz sentir nos investigadores cujo trabalho está legitimado pelo paradigma em contestação.

*“Cuando hablamos de ... reformulación de problemas, de auténtica creatividad ... hemos de saber que estamos invitando a un tipo de vida que carece de las seguridades en las que cómodamente solemos instalarnos. Quien quiera ser creativo lo primero que ha de aprender es a vivir en la inestabilidad, en el cambio...”*⁹¹

Os privilégios de que o investigador beneficia em regime de *ciência normal* - por exemplo, acesso a problemas cuja legitimidade está aparentemente assegurada bem como a expectativa e natureza da sua resolução mediante, apenas, a competência do investigador - entram em risco de se perderem, bem como a relevância do trabalho que desenvolveu até então. Estes factores estão relacionados com o sujeito, mais concretamente com a

90 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 312

91 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 24

atitude do sujeito, perante um cenário de insegurança, cuja gestão emocional se confronta com a decepção das próprias expectativas⁹² e não com a ideia abstrata e imparcial do imaculado projeto comum da instituição ciência. A reformulação paradigmática de uma área de saber é marcada pela transição de uma certa zona de conforto para um tipo de reflexão onde o especulativo e o científico se confundem e o acolhimento dessa transição é repleto de conflito e obstruções ideológicas.

2.2.1.1.2.2 Revoluções Científicas

Demonstrado o que Kuhn entende por *crise científica* importa agora compreender o conceito de *revolução científica* começando por clarificar que a concepção do termo se dá por analogia com a revolução política.

*“Scientific revolutions are here taken to be those non-cumulative developmental episodes in which an older paradigm is replaced in whole or in part by an incompatible new one.”*⁹³

A analogia é feita em dois pontos, em primeiro lugar, a sensação crescente de um segmento da população quanto ao mal funcionamento de um regime político - com respeito à incapacidade de resposta perante um ambiente sociopolítico problemático que é da sua responsabilidade - é comparável à sensação de uma parte da comunidade científica quanto ao motivo para a falta de correspondência entre o enquadramento propositivo de um paradigma e a novas observações - que se começa a suspeitar estrutural e não apenas devido à incapacidade dos cientistas aplicarem devidamente o paradigma. Em ambos os casos o que está em causa é a eficiência: um governo tão ineficiente a servir as necessidades, desejos e aspirações da população que motiva uma mudança de regime e um paradigma tão ineficiente ao denotar a realidade que motiva uma mudança de paradigma. A constatação da falta de eficiência gera uma crise que precede a revolução.

O segundo paralelismo consiste no processo de mudança. As revoluções políticas implicam mudança no *status quo* institucional: *“Political revolutions aim to change political institutions in ways that those institutions themselves prohibit ...”*⁹⁴. O conjunto de instituições políticas no seu estado original é abandonado por um novo conjunto e no processo de tran-

92 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 26

93 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 316

94 Ibidem, p. 317

sição ambas as partes em conflito remetem-se à sua própria ideologia, não reconhecem um enquadramento suprainstitucional a partir do qual possam adjudicar a legitimidade da sua ideologia. Nenhuma das partes consegue fazer vigorar a sua matriz institucional e portanto o exercício de governação não se dá completamente através das instituições, deixando a resolução do conflito ao encargo de técnicas de persuasão massiva e inclusivamente força⁹⁵. A revolução política é um evento cuja metodologia de resolução é extrapolítica, extrainstitucional e a análise histórica da transição de paradigmas revela características semelhantes quanto à revolução científica.

O que motiva o conflito entre ideologias é a sua incompatibilidade, também no caso de paradigmas científicos em conflito se verifica essa característica, uma consequência notável é que a argumentação produzida em defesa de um ou de outro torna-se circular. Só se pode falar em paradigmas diferentes se existir incompatibilidade entre ambos - de outra forma seriam apenas versões diferentes do mesmo paradigma -, além disso a legitimidade da argumentação produzida em defesa de um paradigma está predicada nos princípios desse mesmo paradigma - da mesma forma que uma ideologia política que defenda ideais de liberdade tem por referência o valor intrínseco que essa mesma ideologia atribui à liberdade -, por último, como ambos os paradigmas se autolegitimam, não reconhecem critérios de legitimidade comuns que decidam o conflito, o papel da argumentação é circular.

*“As in political revolutions, so in paradigm choice - there is no standard higher than the assent of the relevant community.”*⁹⁶

A implicação de todas estas características é que a observação/experiência e a lógica não desempenham um papel exclusivo na validação de um paradigma, em cenário de conflito o critério que mais influencia a escolha é a persuasão.

*“The application of rules is an aesthetic activity to the extent that no rule contains the method of its application within itself.”*⁹⁷

Uma teoria construída no interesse de explicar uma anomalia incluirá previsões necessariamente diferentes daquelas que podem ser derivadas da anterior, essa diferença entre o que é logicamente derivável de uma e de outra é sintomático de uma incompatibilidade lógica. A inclusividade lógica inerente à perspectiva cumulativa da evolução da ciência defendida pelo positivismo lógico e sucessoras correntes epistemológicas é

95 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 317

96 Ibidem, p. 317

97 INNERARITY, Daniel (2015). *Order and Disorder: A Poetics of Exception*. Telos, Politics and Values: The Middle East and China, n° 171, p. 175-188, p. 182

uma implausibilidade histórica, o assentimento de um novo paradigma não significa um acrescento à meta-estrutura lógica científica, mas o deslocamento de um sistema lógico relativamente a outro.

Ainda quanto ao ponto anterior, a forma de viabilizar a ideia de evolução cumulativa na interpretação positivista era restringir o significado e abrangência de uma teoria, de forma a não permitir o seu conflito com teorias posteriores que representem os mesmos fenómenos naturais, por outras palavras, as teorias são logicamente conciliáveis na medida em que a anterior integra o sistema propositivo da nova mediante a redução da sua aplicação, reveja-se o exemplo mais falado a propósito desta matéria: “... *the relation between contemporary Einsteinian dynamics and the older dynamical equations that descend from Newton's Principia.*”⁹⁸

A teoria da relatividade de Einstein pode ser utilizada para demonstrar que as previsões das equações de Newton são tão precisas quanto as observações dos nossos instrumentos de observação em todas as aplicações que satisfaçam um conjunto restrito de condições. Recuperando a linguagem usada a propósito do teorema de Gödel, o que isto parece indicar é que o *Set* de sentenças Newtonianas pode ser derivado a partir do *Set* Einsteiniano - mais abrangente - o que implicaria adequação lógica, mas para isso é necessário adicionar uma sentença que restrinja a abrangência dos parâmetros e variáveis no *Set* Einsteiniano e a partir do qual é possível derivar as sentenças do *Set* Newtoniano. A dinâmica de Newton torna-se assim compatível, enquanto caso especial, com a dinâmica de Einstein.

Esta restrição conceptual é necessária para avançar o argumento cumulativo, no entanto, traz consigo um obstáculo à investigação: por limitar a legitimidade de uma teoria a uma determinada área e escala de previsão, limita a expectativa de resposta dessa mesma teoria fora dessas condições, o que, como vimos anteriormente, é o principal motivador de evolução da *ciência normal*, que decairia por completo sem espaço para exploração legítima além dos limites conhecidos e sem espaço para momentos de descoberta científica inesperada.

*“If positivistic restrictions on the range of a theory's legitimate applicability are taken literally, the mechanism that tells the scientific community what problems may lead to fundamental change must cease to function.”*⁹⁹

É importante ressaltar também, que no anterior exercício de derivação, aparentemente bem sucedido, os conceitos comuns utilizados por Einstein e Newton têm

98 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 319

99 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 321

referentes físicos distintos, são coincidentes apenas em significante, não em significado. Esta necessidade de redefinir conceitos para que um paradigma antigo seja incluído na estrutura lógica que compõe o novo ilustra a inconsequência dessa ação e a natureza destrutiva das revoluções científicas.

*“Just because it did not involve the introduction of additional objects or concepts, the transition from Newtonian to Einsteinian mechanics illustrates with particular clarity the scientific revolution as a displacement of the conceptual network through which scientists view the world.”*¹⁰⁰

Partindo da aceitação da leitura anterior podemos então identificar duas divergências fundamentais que acusam a incomensurabilidade de paradigmas sucessivos, em primeiro lugar as diferenças substantivas, a representação da realidade faz-se a partir de interpretações diferentes quanto aos objetos reais e em segundo lugar, essa interpretação será referência para a adequabilidade dos métodos, problematizações e expectativa de resultado que vigoram no corrente regime científico da respectiva área, por outras palavras redefine-se o que são ideias/tarefas científicas e *não-científicas*. A tradição de *ciência normal* que emerge de uma *revolução científica*, por tudo isto, não só é incompatível com as anteriores, mas habitualmente, incomensurável - não há uma linguagem comum para a qual possam ser traduzidas mantendo os significados de ambas inalterados.

Mesmo que, hipoteticamente, o objectivo epistemológico maior da comunidade científica fosse a integração do conhecimento numa única estrutura à imagem do “*Set* de todos os *Sets*”, regulada e legitimada por uma metalinguagem lógica, o projeto nunca seria satisfeito porque por um lado, como demonstrou Gödel, essa estrutura nunca poderia corresponder simultaneamente aos critérios de completude e coerência que são condição basilar da lógica e por outro lado, como Kuhn demonstrou historicamente, a natureza da evolução do conhecimento não se dá por integração cumulativa numa estrutura unitotalizante que se vai ajustando sem compromisso da integridade estrutural, nem se poderia dar por virtude da dupla função de consolidação e autodestruição do processo de *ciência normal* que produz uma sucessão de paradigmas incomensuráveis. O status do conhecimento científico não está instituído de uma autoridade transcendental, a sua legitimidade só pode ser avaliada consoante o enquadramento pragmático vivido sob determinado regime científico que tem um valor normativo.

“By shifting emphasis from the cognitive to the normative functions of paradigms, the preceding examples enlarge our understanding of the ways in which paradigms give form to

100 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 322

*the scientific life.”*¹⁰¹

A pragmática científica não é constante, transforma-se, multiplica-se, revoluciona-se à medida que se procura construir sentido e as suas instâncias não podem ser comparadas por critérios próprios de uma linguagem científica, porque a própria noção do que uma linguagem científica *é* acompanha a transição do paradigma assentido pela comunidade.

O que se imagina ser progresso científico encontra alguma instabilidade também. Neste enquadramento podemos pensar o progresso de duas formas¹⁰². Cada paradigma constitui um jogo de linguagem - uma linguagem científica neste caso - com regras e critérios de relevância próprios - “*petit récit*”¹⁰³ - e todos os movimentos - novos enunciados - que acrescentem algo ao paradigma - aumentando a sua abrangência denotativa do mundo natural - são entendidos como progresso, mas esse progresso não é absoluto, porque quem não assente as regras desse jogo não considerará o seu desenvolvimento relevante e portanto não reconhecerá essa ocorrência como progresso. Como vimos não há uma linguagem comum reconhecida por ambas as partes em conflito, as tentativas de resolução são, em última análise, de natureza persuasiva, *não-científica*, portanto movimentos internos de um jogo em regime equivalente a *ciência normal* produzem progresso relativista. A denotação da realidade - propósito maior do jogo científico - avalia-se segundo os critérios do que se imagina ser verdade científica e esse imaginário não permanece estável entre paradigmas. Se o progresso científico é perspectivado por um alvo instável parece esbater um pouco a relevância da ideia de progresso e desinspirar a pressuposição de que novos paradigmas estejam mais próximos da verdade - no sentido realista da palavra.

*“Undoubtedly the research work that any given paradigm permits results in lasting contributions to the body of scientific knowledge and technique, but paradigms themselves are very often swept aside and replaced by others that are quite incompatible with them. We can have no recourse to notions like the “truth” or “validity” of paradigms in our attempt to understand the special efficacy of the research which their reception permits.”*¹⁰⁴

A natureza é extremamente complexa, os paradigmas têm a função de providenciar orientações teóricas para que metodologias de observação e investigação possam

101 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 325

102 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 43

103 Ibidem, p. 60

104 KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325, p. 307

existir, como mapas cuja representação será progressivamente detalhada pela investigação, mas além disso por virtude da sua concepção, o paradigma tem a função de informar sobre a competência de *saber conceber* mapas. Diferentes concepções de mapas legitimam problemas e soluções sob critérios diferentes e a argumentação de ambos será circular, na medida em que os méritos avançados por ambas as partes se remetem aos critérios que cada uma define para si. Este *facto* é agravado pela incompletude lógica que caracteriza quaisquer critérios externos que possam ser encontrados ao serviço de uma escolha. A competição entre critérios de identificação de problemas é paralela à competição entre o propósito de cada paradigma - ambos servem finalidades diferentes porque procuram soluções para problemas diferentes, mesmo que em última instância, ambos procurem a verdade, esta compatibilidade existe apenas em signifiante, não em significado e a escolha do propósito mais desejável a perseguir é determinada pelo consenso da comunidade científica pelos motivos mais diversos, mas invariavelmente a apreciação é de natureza estética - tal como na política -, o que faz da sucessão de paradigmas algo revolucionário.

A consequência da deslegitimação do projeto da metalinguagem universal dá lugar a um ambiente onde os métodos de argumentação se multiplicam, agregam e desagregam consoante o objecto de estudo e não por comunhão epistemológica¹⁰⁵. As linguagens científicas ainda são descritas por uma metalinguagem universal, mas a consciência da sua inconsistência não lhe permite adjudicar legitimidade, abrindo as fronteiras do saber científico para uma quantidade exponencial de formas de construir sentido. O que antes se interpretava como paradoxo ou raciocínio paralógico agora integra novas metodologias interpretativas da realidade, abrindo o caminho a um ciclo de ciência pós-moderna¹⁰⁶.

2.2.2 Maior Complexidade do Processo de Estabelecer Prova

A legitimidade da prova científica respeita critérios diferentes, envolve metodologias e varia relativamente ao tempo e disciplina, tudo isto é problemático, mas em paralelo com esta instabilidade epistemológica surge uma segunda problemática.

A propósito da pragmática científica foi referido que um dos requisitos para a prova científica é que exista observação do fenómeno denotado e que seja possível repetir a observação em condições equivalentes. Sem confirmação empírica um enunciado científico é apenas cognitivo - uma conjectura ou hipótese - que poderá ser altamente

105 MITHÁ Ribeiro, Gabriel (2018). *Novo Manual de Investigação*. Lisboa: Contaponto, p. 28

106 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 58

persuasivo e largamente aceite pela comunidade, mas haverá sempre a expectativa de um dia vir a ser verificado empiricamente e consagrado como facto. Os nossos sentidos têm um alcance limitado e são por vezes decetivos, a tecnologia suprime esses limites, ampliando a nossa capacidade natural de observação. Tecnologia e prova científica tornam-se indissociáveis à medida que as exigências de observação se tornam mais complexas.

No desenvolvimento tecnológico, a optimização de performance é o propósito maior e para que seja conseguido, a competência necessária é técnica. A eficiência é o valor de referência para o jogo tecnológico. O princípio de optimização de performance sintetiza-se em dois requisitos: “...*maximizing output (the information or modifications obtained) minimizing input (the energy expended in the process).*”¹⁰⁷. Esta pragmática para o jogo da eficiência é bastante diferente da alusiva ao jogo da verdade ou ao jogo prescritivo.

Com a elevação do status do conhecimento científico relativamente ao tradicional, em matéria de legitimação, a demanda pela prova científica aumenta e com ela a demanda pela tecnologia, o acesso à tecnologia é tanto maior quanto mais dinheiro estiver envolvido no processo, associando o jogo das linguagens científicas ao jogo da riqueza e ao jogo da eficiência, numa relação suplante entre a pragmática do capital e a verdade. Com a intersecção de propósitos torna-se difícil discriminar se o desenvolvimento do conhecimento técnico é em última instância ao serviço da verdade científica, ao serviço de interesses capitalistas, ou de ambos. Parece-me claro, que o cepticismo gerado quanto à possibilidade de alcançar cientificamente a verdade, contribui para que instituições privadas e públicas se tenham orientado para um ideal mais *palpável*, a performatividade é o candidato mais forte para esse papel. O interesse pelo transcendental cede perante o interesse pela melhor qualidade de vida e posição social, segundo critérios de eficiência numa espécie de exorcismo do caos.

Na primeira revolução industrial - final do séc. XVIII -, a reciprocidade entre tecnologia e riqueza tornou-se aparente. Riqueza gera tecnologia que por sua vez gera riqueza, num sistema descrito em três passos: investimento em tecnologias que optimizem a tarefa; optimização da tarefa consequentemente optimiza a mais-valia - realizada na venda do produto da tarefa; reciclar uma parte da mais-valia num fundo de investigação e desenvolvimento de tecnologia que optimize a tarefa. Assim se encerra o sistema.

A mentalidade capitalista penetra o *core* da própria instituição científica na forma de fundos de investigação de duas formas: directa, no financiamento de departamentos de investigação do sector privado, com a expectativa de performatividade e recomercialização de aplicações tecnológicas a curto e médio prazo; indirecta, no financiamento de fundos de investigação destinados ao sector público, privado ou mistura, que subsidiam projetos de departamentos universitários, laboratórios de investigação, grupos independentes, etc. Esta modalidade não tem expectativa de retorno imediato, mas de que a

107 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 44

perda momentânea estimule a longo prazo inovações com grande potencial de lucro.

A predominância da linguagem corporativa nas equipes de investigação das ciências aplicadas acusa uma mudança de paradigma, uma mudança no jogo científico, uma mudança na pragmática - “... *hierarchy, centralized decision making, teamwork, calculation of individual and collective returns, development of saleable programs, market research and so on.*”¹⁰⁸ -, a produção de prova já não conquista o assentimento do receptor segundo critérios referentes à verdade, uma nova pragmática é construída em torno de um novo propósito: a performatividade. Abandonadas as narrativas idealistas e humanistas a nova narrativa dominante na sociedade é a da performatividade, os critérios de eficiência salvaguardam o princípio da otimização de performance e para encerrar o jogo, falta apenas uma forma de valorar a performance, um valor que discrimine o que é performativo ou não, um valor à semelhança da *verdade* e da *justiça* e neste caso é o *poder*. Na mesma linha de raciocínio da análise feita às narrativas anteriores, importa agora inquirir quanto à legitimidade da narrativa do poder. Fazendo um ponto prévio, é necessário enfatizar a necessidade da associar à performatividade a uma narrativa de poder para que haja a pressuposição de legitimidade; assentindo aquilo que foi dito anteriormente quanto à incomensurabilidade dos jogos de linguagem, o jogo denotativo, prescritivo e técnico estão assentes em pressuposições diferentes e qualquer valoração das relações que estabelecem entre si cairá na argumentação circular a menos que se defina uma linguagem comum para a qual possam ser traduzidos e relacionados com coerência. É esse papel que a narrativa do poder desempenha.

Em jeito de síntese pode ser entendida num princípio tripartido¹⁰⁹: a *realidade* - referente - providencia evidências usadas como prova na argumentação científica; maior conhecimento da *realidade* conduz a enunciados prescritivos mais informados e consequentemente a um sistema mais justo, ético e com melhores resultados políticos; o domínio da *realidade* implica o domínio de todos esses jogos. Assim se imagina a performatividade com relação à verdade, aumenta a capacidade de produzir prova e consequentemente de estar certo, e à justiça, quanto mais implementável uma norma for, maior a probabilidade de ser declarada justa, o que se reflete na *boa* competência performativa do prescritor. Isto desloca o método de discriminação do jogo prescritivo, de um debate argumentado segundo critérios estéticos/éticos para a operacionalidade dos procedimentos, eficiência, um critério técnico e promotor de uma política tecnocrática.

A tecnologia aumenta exponencialmente o acesso à realidade e é combustível para o sistema propositivo predicado no princípio anterior. Ao reforçar a tecnologia o sujeito reforça a sua competência de *saber denotar* e *prescrever*; adicionalmente, para aumentar a performance de uma tecnologia, é necessário conhecimento científico e investimento e para que o sujeito possa reunir essas condições precisa de autoridade - poder.

108 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 46

109 Ibidem, p. 47

A busca pelo poder é justificada porque aumenta a performance para a adjudicação de justiça e verdade.

*“Power is not only good performativity, but also effective verification and good verdicts. It legitimates science and the law on the basis of their efficiency and legitimates this efficiency on the basis of science and law. It is self-legitimizing in the same way a system organized around performance maximization seems to be.”*¹¹⁰

Neste enquadramento em que a sociedade é perspectivada à semelhança de um sistema computadorizado o principal desígnio é a acumulação e operacionalidade de informação, a relação entre conhecimento científico e tecnologia inverte-se. Quanto mais avançada a tecnologia, maior o domínio sobre a realidade e melhor a performance geral da sociedade-sistema, a subsidiação da investigação científica guia-se consoante a expectativa, não de conhecer a verdade, mas de recuperar meios, recursos - informação - para a produção e reprodução de poder. Empreitadas científicas que não consigam justificar a sua pertinência para esse fim terão o seu progresso comprometido à partida pela dificuldade de contrair financiamento.

2.2.2.2.1 Educação, o Critério Performativo da Eficiência

A utilização predominante do critério da performatividade acontece também num momento de transmissão do conhecimento científico. Na sequência do raciocínio anterior, partir do princípio que a sociedade é um sistema cujo critério predominante do *bom* funcionamento é a eficiência concebida de um ponto de vista performativo, é esboçar um paradigma, um protocolo pragmático no qual a transmissão do conhecimento deve respeitar os mesmos princípios enquanto subsistema. Nas condições dessa pragmática apenas faz sentido pensar o sistema educativo como integrado num supra-sistema social funcional e, para que este seja integrado, deve reger-se por princípios compatíveis com os desse supra-sistema - performatividade. Para que o propósito performativo seja concretizado é necessário dotar os agentes sociais de competências que o garantam e assim se discrimina em matéria de educação qual o conhecimento pertinente e qual o conhecimento que deve ser ensinado.

Em ambiente de legitimação performativa há duas categorias de competência profissional privilegiadas, uma combinação que Innerarity qualifica como aprendizagem

¹¹⁰ LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 47

de *primeira ordem*¹¹¹: a primeira visa o bastião do progresso para o capitalismo neoliberal, a competitividade internacional, os Estados-nação e instituições dão formação consoante o mercado de especialidades - as áreas de formação vão sendo afinadas pelas exigências e incentivos do mercado profissional e na previsão de Lyotard estas áreas estariam principalmente relacionadas com telemática; a segunda perspectiva visa a manutenção da coesão interna do sistema, em contexto de deslegitimação as instituições de educação superior objectivam fornecer ao sistema participantes consentintes e capazes de cumprir seus papéis nos postos pragmáticos da respectiva instituição. A universidade *democrática* - sem requisitos de entrada, custos reduzidos por frequência para o aluno e para a sociedade - deixa de ser modelada segundo princípios humanistas de emancipação e assume o propósito quase exclusivamente funcional de suprimir as necessidades do novo paradigma de progresso em duas categorias de serviços: formação de profissionais, transmitir as competências necessárias ao desempenho da respectiva profissão; formação para profissionais, melhoria/aquisição de novas competências perspectivando a hipótese de promoção ou aumento do espectro de ocupações - melhores oportunidades de emprego.

O desenvolvimento das competências profissionais com o objectivo de optimização de performance é uma representação estrutural semelhante à que foi revista anteriormente a propósito dos paradigmas científicos na investigação, a maior especialização profissional pressupõe a estabilização de um paradigma educacional, por outras palavras, um *currículum*. Experimentações alternativas quanto aos seus princípios fundadores nunca vêm acompanhadas de uma expectativa tangível de acréscimo de operacionalidade, no entanto a ocorrência de deslocações a esse nível são fundamentais para progresso do sistema, esta conclusão obtém-se traçando novamente um paralelismo com as revoluções científicas, que ocorrem contra a estrutura em vigor, a favor de uma estrutura capaz de superar limitações insuperáveis pelo desenvolvimento cumulativo - esta análise resiste mesmo sob o escrutínio de critérios performativos. A resistência oferecida a deslocações no sistema educativo não é apenas motivada por expectativas quanto à performatividade do sistema, mas também porque causam outras deslocação naquilo a que um sistema legitimado pela performatividade está subordinado e que foi argumentado anteriormente, nas instituições de poder. O interesse político e privado no sistema de ensino confunde-se com as motivações pedagógicas que concebem os programas educativos, além disso, ainda que hajam algumas semelhanças entre aspectos da narrativa da performatividade e a narrativa idealista o ênfase no papel da universidade já não é tão grande. Na narrativa idealista o valor do conhecimento adjudicava-se na realização de um ideal, até na narrativa da emancipação o conhecimento era visto como agente da emancipação, embora fosse mais instrumentalizado, mas na narrativa do poder o conhecimento é completamente utilitarista portanto a centralização do ensino nas instituições universitárias ou

111 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 182

a sua dissolução num espectro alargado de modelos distintos está apenas dependente do cenário que prometer maior eficiência. Qualquer autonomia que possa ser reconhecida às universidades é trivializada pela falta de controlo sobre o próprio orçamento, a determinação do montante não é da sua responsabilidade, apenas a sua alocação nos diferentes departamentos. A escolha entre um docente como agente da transmissão de conhecimento ou de um terminal educativo respeita o mesmo princípio, o mais eficiente é privilegiado, tudo isto é obstáculo à reconfiguração que o próprio sistema exigirá de si próprio eventualmente. Perante a deslegitimação das metanarrativas, a sociedade entra num ciclo de legitimação tendencialmente céptico que se manifesta à escala do sujeito, neste caso do estudante.

*“... these narratives are already no longer the principal driving force behind interest in acquiring knowledge. If the motivation is power, then this aspect of classic didactics ceases to be relevant. The question (overt or implied) now asked by the professionalist student, the State, or institutions of higher education is no longer “Is it true?” but “What use is it” In the context of the mercantilization of knowledge, more often than not this question is equivalent to: “Is it saleable?” And in the context of power growth: “Is it efficient?” Having competence in a performance-oriented skill does indeed seem saleable in the conditions described above, and it is efficient by definition.”*¹¹²

Há no entanto dois aspectos que eludem o raciocínio anterior e que devem ser considerados: a didática se limita à transmissão de informação, também é responsável pelo desenvolvimento de competências para a construção de sentido; a competência performativa não se resume a memorização e destreza funcional.

Conhecimento científico na sociedade performativa pós-moderna pode ser pensado como um jogo de informação perfeita¹¹³ - os participantes têm acesso a toda a informação pertinente ao jogo, por exemplo xadrez. Em jogos de informação imperfeita - os participantes não têm acesso a toda a informação pertinente ao jogo, por exemplo poker -, a aquisição de nova informação é a capacidade que confere maior vantagem performativa. Em jogos de informação perfeita, a performatividade advém de novas formas de interpretar a informação existente e articulá-la em construções de sentido - conhecimento - inexistentes, o que constitui um novo movimento - normal. Como foi referido no início da tese a competência necessária para construção de sentido é *saber reflectir*, é uma área de competências predominantemente imaginativas, o que Innerarity qualifica como aprendizagem de *segunda ordem*¹¹⁴.

112 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 51

113 Ibidem, p. 51

114 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 23

*“If education must not only provide for the reproduction of skills, but also for their progress, then it follows that the transmission of knowledge should not be limited to the transmission of information, but should include training in all procedures that can increase one’s ability to connect the fields jealously guarded from one another by the traditional organization of knowledge.”*¹¹⁵

Como foi referido na versão tecnocrática da teoria de sistemas¹¹⁶, a sociedade-sistema objectiva a optimização da performance interna e reflete-se nas motivações e propósitos de novos jogos de linguagem, novas formas de trabalho e a investigação não escapa à regra. Embora o conceito exista há mais tempo, a interdisciplinaridade é uma abordagem cuja aderência ganhou fôlego na era da deslegitimação, com a queda das metanarrativas agregadoras do conhecimento, os métodos de argumentação multiplicaram-se, desprovidos de coesão epistemológica e abundantemente reduzidos ao empirismo. Performatividade vem colmatar a ausência de critérios transversais nas operações cooperativas em contexto interdisciplinar.

A capacidade performativa do trabalho em equipa, incluindo em ambiente interdisciplinar, apresenta-se bastante eficaz na implementação de tarefas circunscritas num modelo definido - sob um paradigma -, quando a tarefa é dependente de competências imaginativas é difícil distinguir o fruto da colaboração e o contributo individual de um determinado elemento. Correndo o risco de generalizar excessivamente, o trabalho interdisciplinar sob regime performativo apresenta grande eficácia ao enriquecer jogos de linguagem existentes - inovação cumulativa, novos movimentos internos - mas essa eficácia parece menos evidente na deslocação das regras dos jogos de linguagem existentes - imaginar novos paradigmas, reformulação das regras pragmáticas.

2.2.2.2 Ciência Pós-moderna e a Investigação Performativa

“Postmodern science - by concerning itself with such things as undecidables, the limits of precise control, conflicts characterized by incomplete information, “fracta”, catastrophes, and pragmatic paradoxes - is theorizing its own evolution as discontinuous, catastrophic, nonrectifiable, and paradoxical. It is changing the meaning of the word knowledge, while expressing how such a change can take place. It is producing not the known but the unknown. And it suggests a model of legitimation that has nothing to do with maximized

115 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 52

116 Cf. Subcapítulo 2.1 - Metodologia Interpretativa, Lyotard

*performance, but has as its basis difference understood as paralogy.”*¹¹⁷

A legitimação performativa do conhecimento científico já não exerce o mesmo domínio sobre o contexto pragmático da ciência pós-moderna, porque à semelhança das metanarrativas passadas, algumas das suas pressuposições edificantes foram entretanto descredibilizadas.

Significantes como *sistema* e *dinâmica* encontram nas ciências naturais os significados mais empíricos - mais *naturais* - e outras instâncias diferentes desses significantes, encontradas noutras áreas do saber - ciências sociais, por exemplo -, muitas vezes reforçam-se numa correspondência com significados paralelos aos das ciências naturais. Isto acontece não só na construção do significado - conceptualização do que um sistema é, por exemplo - mas também no que se pressupõe ser a sua forma de funcionamento - por exemplo, novas descobertas no estudo da termodinâmica estimulam o imaginário da investigação em matérias equivalentes ou pelo menos próximas à ideia de dinâmicas sociais. Ressalvando o possível exagero da argumentação quanto à importância que a noção *natural* de *sistema* e *dinâmica* tem noutros campos de inquérito, é necessário manter uma certa vigilância quanto à legitimidade dos predicados que podem ser encontrados nas mais diversas áreas de saber, cuja estabilidade está condicionada à relação análoga que estabelecem com ideias desenvolvidas nas ciências naturais. Uma noção revisória do que Lyotard categoriza como ciência pós-moderna é um recurso útil para desenvolver uma visão crítica sobre paradigmas que ainda vigoram no mainstream das práticas urbanísticas.

Como a performatividade é definida por um rácio de input/output num sistema que intermedeia a conversão de um no outro, há a pressuposição de que esse meio seja estável, que seja possível expressar esse fenómeno matematicamente e portanto possível prever o resultado da conversão. Só é possível avaliar um procedimento como mais ou menos eficiente se houver a expectativa, que mediante condições iniciais iguais, o resultado da sua execução seja regular. Uma consequência notória do assentimento desta filosofia positivista da eficiência é que, em última instância, a realidade é conjecturada como determinista.

“Laplace sugeriu que devia haver um conjunto de leis científicas que nos permitissem prever tudo o que viesse a acontecer no universo, bastando para isso sabermos a caracterização completa do seu estado num determinado momento... Laplace foi mais longe, admitindo que havia leis semelhantes que governavam tudo o mais, incluindo o comportamento humano... A doutrina do determinismo científico... manteve-se como hipótese-padrão da

117 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 60

*ciência até aos primeiros anos deste século.”*¹¹⁸

*“Determinism is the hypotheses upon which legitimation by performativity is based...”*¹¹⁹

O discurso sobre as regras pragmáticas que validam o conhecimento pós-moderno tem a particularidade de ser imanente a si. A eficiência não é vista como uma finalidade e a questão da legitimidade é recorrentemente colocada pela própria ciência, em vez de exclusivamente pela filosofia. Como foi argumentado anteriormente a expansão da ciência não é exclusivamente cumulativa - como o positivismo pressupunha - e o momento em que a investigação se depara com anomalias/paradoxos é abordado como uma oportunidade para refletir sobre possíveis alternativas na construção de sentido, em vez de um obstáculo à sua construção. *“The metamathematical research that led to Gödel’s theorem is a veritable paradigm of how this change in nature takes place.”*¹²⁰, mas as transformações no campo da dinâmica são igualmente indicativas da mudança na atitude científica e de grande interesse pelo seu impacto numa noção proeminente no discurso da performatividade e em particular na teoria social, a noção de *sistema*.

Antes da revolução da mecânica quântica, a interpretação termodinâmica de sistema partia de uma pressuposição de estabilidade, na qual a imprevisibilidade dos fenómenos devia-se ao desconhecimento de todas as variáveis relevantes ao cálculo e não à sua própria natureza. Esta interpretação está associada à noção de que a performance de qualquer sistema é teoricamente previsível se todas as variáveis relevantes forem conhecidas, o que é um raciocínio próprio de uma postura determinista, no entanto: *“O determinismo de Laplace estava duplamente incompleto. Não dizia como deviam ser escolhidas as leis e não especificava qual teria sido a configuração inicial do universo. Tudo isso era deixado a Deus.”*¹²¹.

A mecânica quântica descredibilizou o determinismo clássico por dois motivos: o primeiro é de natureza prática e predica-se numa relação entre ordem e desordem; o segundo é de natureza conceptual e predica-se numa relação entre precisão e certeza.

2.2.2.2.1 Crítica Prática

O processo de construção de sentido¹²² transforma dados e informação desor-

118 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 69

119 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 53

120 Ibidem, p. 55

121 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 210

122 Cf. Subcapítulo 1.2 - Dados, Informação e Conhecimento

denada em conhecimento - leia-se informação ordenada e valorada -, a crítica prática ao determinismo suporta-se na impossibilidade de conhecer o estado inicial de um sistema por motivos entrópicos. Hawking recorre ao exemplo da memória dos computadores para explicar este fenómeno: *“Antes de a informação ser registada, a memória de um computador está num estado desordenado, com probabilidades iguais para os estados possíveis... Depois de a memória interagir com o sistema a ser lembrado ficará num estado ou no outro de acordo, com o estado do sistema... Portanto, a memória passou de um estado desordenado para um estado ordenado. Contudo, para se ter a certeza de que a memória está no estado devido é necessário utilizar uma determinada quantidade de energia... Esta energia é dissipada como calor e aumenta a quantidade de desordem do universo. Pode mostrar-se que este aumento da desordem é sempre maior que o aumento da ordem da própria memória.”*¹²³. Generalizando, a implicação deste exemplo é que os gastos energéticos necessários a uma definição completa do estado inicial do universo excedem os recursos existentes no próprio universo, acusando a sua inviabilidade prática.

A ambição determinista era uma de controlo, a crença de que seria cientificamente exequível *conhecer para prever* revelou-se ilusória, tal como a mentalidade homóloga no domínio da teoria social *regular e planear*¹²⁴. Como foi argumentado anteriormente¹²⁵, a pragmática da performatividade é fundamentalmente *logocéntrica*, portanto exige de si própria consistência quanto à regra da não-contradição, mas o que se verifica é a sua infracção na relação entre controlo e performance: *“perfect control over a system... in fact lowers the performance level it claims to raise. This inconsistency explains the weakness of state and socio-economic bureaucracies: they stifle the system or subsystem they control and asphyxiate themselves in the process (negative feedback).”*¹²⁶.

A sensibilidade das macroestruturas de regulação aos contextos a que são aplicadas, encarrega-se de fazer a demonstração empírica da inviabilidade do uso exclusivo de processos tecnocrático. A *anómalia* como Kuhn falava no contexto dos paradigmas científicos ou a *“excepção”*¹²⁷ como se fala em certas tradições filosóficas são fenómenos multiescalares aparentemente incontornáveis, resultantes do encontro entre novos contextos e a natureza incompleta das estruturas de conhecimento. Este fenómeno exige o assentimento de metodologias alternativas, postura que apenas se concretiza a partir de uma atitude autónoma.

*“Dynamic contexts do not accept too much order; it ends up being punished as stagnation, perplexity, and a lack of creativity.”*¹²⁸

123 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 171

124 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 35-26

125 Cf. Subcapítulo 2.2.1 - Multiplicação de Métodos de Argumentação

126 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 55

127 INNERARITY, Daniel (2015). *Order and Disorder: A Poetics of Exception*. Telos, Politics and Values: The Middle East and China, n.º 171, p. 175-188, p. 179

128 Ibidem, p. 185

Mesmo partindo do princípio que a sociedade é um sistema, controlo completo sobre a sociedade necessitaria uma definição também completa do seu estado inicial o que é impossível pela condicionante apontada.

*“Rules can specify contexts, but that determination is always incomplete because, in the first place, contexts overlap and intertwine and, second, the contexts for the application of rules cannot be defined completely.”*¹²⁹

Este argumento revela as limitações da aplicabilidade plena do modelo performativo, mas teoricamente o determinismo clássico permanece concebível de um ponto de vista analítico; resumidamente, o universo pode ser determinista mesmo que a denotação do seu funcionamento não nos seja alcançável.

2.2.2.2 Crítica Conceptual

A crítica conceptual deve-se às implicações filosóficas dos desenvolvimentos na área da mecânica quântica, como exemplo ilustrativo do argumento utilizarei por referência o princípio da incerteza de Werner Heisenberg que coloca em perspectiva a noção de precisão na medição das partículas subatómicas:

Na mecânica clássica aceitava-se, de princípio, que seria possível determinar num dado momento a posição e a velocidade de uma partícula. Admitia-se a possibilidade teórica de idealizar um dispositivo de medida que não alterasse os valores das grandezas a medir. De forma resumida, o que Heisenberg demonstrou é que: *“... quanto mais rigorosamente tentarmos medir a posição da partícula, menos precisa será a medida da sua velocidade e vice-versa. Heisenberg mostrou que a incerteza quanto à posição da partícula a multiplicar pela incerteza quanto à sua velocidade e a multiplicar pela massa da partícula nunca pode ser menor do que uma certa quantidade, que é conhecida por constante de Planck. Além disso, este limite não depende do processo de medida da posição, da velocidade ou do tipo de partícula: o princípio da incerteza é uma propriedade fundamental e inevitável do mundo.”*¹³⁰.

Esta explicação simplificada de Hawking, muito própria da escrita de divulgação científica, deixa claro que: o princípio da incerteza não é um fenómeno particular de apenas uma metodologia de medição; não é produto de apenas um modelo de representação - já que se verifica tanto na variante corpuscular como ondulatória das partículas; não ocorre exclusivamente num determinado intervalo de grandezas - existe sempre uma relação conversiva entre incertezas independentemente dos valores quantitativos observados.

129 INNERARITY, Daniel (2015). *Order and Disorder: A Poetics of Exception*. Telos, Politics and Values: The Middle East and China, nº 171, p. 175-188, p. 180

130 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 71

A física parece ser indeterminista *por natureza*, pertencendo ao domínio probabilístico.

A lei determinista da causalidade, pela qual o decorrer dos eventos, num sistema isolado, é completamente determinado pelo estado do sistema, perde a sua credibilidade. Este princípio, tal como o teorema de Gödel tem implicações epistemológicas que transcendem a área de conhecimento de origem e mesmo que não seja determinante quanto ao que o conhecimento científico *é*, deixa fortes indicadores quanto aos limites daquilo que *pode ser*.

*“O princípio da incerteza marcou o fim do sonho de Laplace de uma teoria científica, um modelo do universo completamente determinista: sem dúvida é impossível prever acontecimentos futuros com exactidão, pois nem sequer é possível medir com precisão o estado do universo!”*¹³¹

Para contornar esse obstáculo os teóricos da legitimação por performatividade refugiam-se numa modulação do argumento original que remete estes problemas para a escala quântica e assenta numa noção de regularidades probabilísticas *suficientes* para satisfazer a necessidade de precisão - ainda que mitigada - da narrativa performativa. No entanto a noção de instabilidade associada aos sistemas parece ser expressiva mesmo à escala humana como demonstrado pela teoria da catástrofe que rendeu uma medalha fields ao topólogo René Thom:

A teoria da catástrofe é uma linguagem matemática que aborda as transições descontínuas do estado de um sistema mediante variação dos parâmetros subjacentes. Simplificadamente pode ser pensada como a teorização matemática da mudança abrupta de estado. A aplicação deste método foi e continua a ser testada por vários ramos do saber, desde o estudo de fenómenos físicos até ao comportamento de populações biológicas e ecossistemas.

Considere-se o seguinte caso hipotético, deixando por agora de parte as evidentes dificuldades qualitativas e quantitativas inerentes ao exercício: partindo de um estado de completo equilíbrio emocional uma criança é simultaneamente exposta a dois conjuntos de imagens, que vão sendo sequencialmente reveladas em pares. O conjunto da direita corresponde a imagens que deixam a criança alegre e o da esquerda a imagens que a deixam triste. O estímulo provocado por cada imagem é de valor equivalente - alegria/tristeza -, contínuo - a alegria/tristeza sofre um aumento regular à medida que as imagens são reveladas - e o ponto a partir do qual é provocada uma reação é também equivalente - o número de imagens a partir do qual a criança sorri ou chora é o mesmo. Se o ponto de reação for no quinto par de imagens a criança irá sorrir ou chorar? E no sexto par de imagens, ou no oitavo?

Neste enquadramento hipotético, a proporcionalidade direta entre o estímulo positivo e a alegria da criança é fundamentalmente determinista, o mesmo se pode dizer para a relação entre estímulo negativo e tristeza, mas quando conjugamos estas duas variáveis de controlo verificamos que após o mo-

131 HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011, p. 71

mento de reação, o estado da criança é indeterminável com precisão absoluta, imprevisível e pode mudar abruptamente a qualquer momento. Quando as variáveis de controlo - alegria e tristeza - são contínuas, mas as variáveis de estado - sorriso e choro - são descontínuas, o sistema diz-se ser instável, ou usando a conotação do autor, catastrófico.

*““The more or less determined character of a process is determined by the local state of the process.” Determinism is a type of functioning that is itself determined: in every case nature produces the least complex local morphology compatible with the initial local circumstances.”*¹³²

O desenvolvimento da ciência tem-se encarregado de demonstrar que a incerteza não é um fenómeno exclusivo da escala subatômica e que a imprecisão inerente às metodologias probabilísticas não é desprezável em escalas maiores, porque manifestações da incerteza continuam a surgir de forma inevitável a todas as escalas. Tudo isto parece implicar que as crenças *realistas* do determinismo partem de uma perspectiva desfocada sobre a ocorrência dos fenómenos naturais. Aparentemente não são factos consumados por uma relação harmoniosa, regular e cooperativa entre elementos reais, mas expoentes de uma relação conflituosa entre circunstâncias.

*““The catastrophe model reduces all causative processes to a single one, easy to justify intuitively: conflict, the father of all things according to Heraclitus,””*¹³³

Um último reparo quanto à temática da precisão/certeza: o jogo denotativo das ciências naturais constrói-se sobre um referente indiferente, a *natureza*. Em termos pragmáticos, é assentida a pressuposição metafísica de que a *natureza* existe como *é*, independentemente da observação, por outras palavras, a natureza não tem vontades nem altera o seu funcionamento pelo facto de ser observada. No caso das ciências humanas e sociais o referente - homem - é participante ativo no jogo, um agente intencional capaz de alterar a sua estratégia comportamental pelos mais variados motivos, possivelmente até inconscientes - há vários exemplos da relação descontínua entre atitude e comportamento¹³⁴. Nas ciências sociais e humanas o referente é agonista.

*“Existem sem dúvida continuidades entre o que os indivíduos pensam, o que os indivíduos dizem e o que os indivíduos fazem. No entanto, elas não são mecânicas nem lineares porque o pensamento não é um preditor seguro das práticas individuais ou sociais e vice-versa...”*¹³⁵

132 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 59

133 Ibidem, p. 59

134 MITHÁ Ribeiro, Gabriel (2018). *Novo Manual de Investigação*. Lisboa: Contaponto, p. 31

135 Ibidem, p. 32

2.3 Pragmática Paralógica

A representação do *pós-modernismo* de Lyotard enuncia motivos bastante persuasivos para a crise de legitimidade que ainda hoje se debate. Como em qualquer outra representação da sociedade, assentir as ideias argumentadas até aqui, é assumir um compromisso ideológico cuja legitimidade é apenas determinada segundo a apreciação estética de cada um. O grau de reflexividade do sujeito poderá variar, tal como o sentimento de responsabilidade quanto à verificação - característico de uma atitude analítica¹³⁶ -, mas o desconhecimento encarrega-se de equilibrar - na indeterminação - as diferentes estruturas de conhecimento, no que à *verdade* diz respeito. As grandes metanarrativas perderam a sua legitimidade¹³⁷, a narrativa performativa, à primeira vista, apresentou alguma promessa enquanto alternativa - especialmente para as atitudes cépticas quanto ao discurso metafísico -, pela neutralidade moral, putativa, com que se construía o modelo tecnocrático de regulação, mas em termos de legitimidade é igualmente insuficiente¹³⁸.

Há uma propriedade dos jogos de linguagem que ainda não foi devidamente problematizada, mas que é necessária para a esquematização do modelo epistemológico proposto na obra - cujo propósito é a busca pela paralogia¹³⁹: independentemente da qualidade dos jogos de linguagem - sejam denotativos, prescritivos ou performativos -, estes nunca assumem uma posição isolada, estão interconectados numa rede heteromorfa e inconcebível na sua totalidade¹⁴⁰. Os critérios de relevância - reguladores dos jogos de linguagem¹⁴¹ - variam consoante o propósito de cada jogo e todos estes jogos têm propósitos diferentes, no entanto, a sua interdependência implica que os critérios de relevância de uns afetam o estado dos outros, isto não quer dizer que o determinem numa razão de causalidade direta, há sempre um certo nível de indeterminação.

Tomemos por exemplo o seguinte cenário hipotético: a denotação de um fenómeno ganha o estatuto de *facto* por consenso da comunidade científica, consideremos a mudança climática por influência da emissão de CO₂; o corpo governativo assente a premissa científica e muda o enquadramento legal quanto à emissão de CO₂ das indústrias que utilizem combustíveis fósseis, resultando num conjunto de enunciados prescritivos; os administradores transmitem a nova ordem de procedimentos internos da empresa aos trabalhadores num comunicado, a modelação dos enunciados é maioritariamente performativa - a natureza do texto será maioritariamente declarativa o que é uma instância da enunciação performativa neste contexto.

136 MITHÁ Ribeiro, Gabriel (2018). *Novo Manual de Investigação*. Lisboa: Contaponto, p. 34

137 Cf. Subcapítulo 2.1.3 - Pragmática Científica e Narrativa

138 Cf. Subcapítulo 2.3 - Pragmática Performativa

139 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 66

140 Cf. Subcapítulo 2.4.1 - Deslegitimação das Metanarrativas

141 Cf. Subcapítulo 2.1.3 - Pragmática Científica e Narrativa

Nesta sequência hipotética de eventos percebemos que a causalidade não está assegurada, porque a qualquer momento a desobediência ou o erro de interpretação, por exemplo, perturbam a relação de causalidade contínua, mas mais importante que isso, percebemos também, que embora os critérios de relevância sejam diferentes nos vários momentos de comunicação, uns jogos exercem influência sobre os outros. Um dos critérios que exerce maior influência sobre a rede de jogos de linguagem é o *consenso*. A partir da sua concepção - aquilo que se imagina *ser* - deriva o seu potencial enquanto critério de legitimação - a função que pode exercer sobre o contexto - e Lyotard distingue duas formulações: na primeira “... *consensus is a component of the system, which manipulates it in order to maintain and improve its performance.*”¹⁴²; na segunda “... *consensus is an agreement between man, defined as knowing intellects and free wills, and is obtained through dialogue.*”¹⁴³.

2.3.1 Introdução a Modos de Consenso

2.3.1.1 Consenso enquanto função performativa

Este enquadramento refere-se essencialmente à perspectiva de Niklas Luhmann, neste caso os enunciados são legitimados pelo consenso - critério de relevância -, e esse estatuto é legítimo, na medida em que promove o propósito do sistema¹⁴⁴: a produção e reprodução de poder. É um enquadramento característico das teorias de sistemas e facilmente se percebe pela descrição anterior que a forma de conceptualização do consenso é funcionalista.

A importância da função do consenso deve-se ao facto de dotar os vários tipos de procedimentos e funções do sistema de velocidade. Como vimos anteriormente¹⁴⁵ para ser possível exercer controlo sobre um contexto é preciso denotá-lo e quando a racionalidade se encarrega de converter a desordem em ordem surgem dificuldades incontornáveis. Metodologias de redução da complexidade do *real* são uma condição necessária para o funcionamento eficaz do sistema, por outras palavras, é necessário chegar a consensos sobre a discriminação quantitativa e qualitativa da informação que deve circular no sistema de forma a evitar distúrbios na sua performatividade - se fossem consideradas todas as opiniões possíveis relativamente a uma temática, o momento de prescrição

142 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 60

143 Ibidem, p. 60

144 Cf. Subcapítulo 2.2 - Pragmática Performativa

145 Cf. Subcapítulo 2.2.2.2 - Ciência Pós-moderna e a Investigação Performativa

nunca chegaria porque o processo de deliberação tenderia para o tempo infinito, isto é politicamente inviável. No entanto, é necessário garantir que o processo de redução seja, ele próprio, eficaz, quer isto dizer, que a informação seja *bem* discriminada aumentando a eficácia do sistema e não o contrário. O controlo sobre o contexto só é absolutamente preciso quando toda a informação é sabida e tratada, porque a informação que se perde no processo de redução tem implicações imprevisíveis para o estado do sistema, portanto, os ganhos em velocidade podem significar a perda de controlo e consequentemente a desestabilização da ordem do sistema - em termos políticos poderá significar desde pequenas manifestações de insatisfação pública até golpes de estado. Utilizando o vocabulário de Lyotard, no jogo de linguagem denotativo novos enunciados podem representar movimentos *normais* - inovação - ou movimentos disruptivos na pragmática, a tendência do sistema autorregulado de Luhmann é reprimir indiretamente os movimentos disruptivos - opiniões no enquadramento político -, por representarem risco excessivo à estabilidade, sem que haja uma expectativa concreta quanto à sua relação de custo-benefício. É esta tendência que cria um sistema homeostático que apenas se reconfigura significativamente em momentos de crise.

Luhmann propõe a resolução deste problema com a seguinte hipótese: O sistema deve criar um ambiente que compatibilize as aspirações individuais com as decisões que são tomadas. Desta forma não será necessário considerar uma enorme dispersão de opiniões porque as próprias aspirações individuais não serão dispersas, a própria natureza do funcionamento do sistema educa indiretamente os desejos e necessidades individuais para garantir a performatividade do sistema - o sucesso da atividade de um indivíduo é regulado pelas necessidades do sistema¹⁴⁶. Manipulação indireta de consenso, por outras palavras, consenso forçado. Uma característica notória do sistema performativo de Luhmann é que garante o seu propósito - produção e reprodução de poder - através da força.

*“Administrative procedures should make individuals “want” what the systems needs in order to perform well.”*¹⁴⁷

Considero seguro assumir que a sensação liberdade é desejada pela maior parte dos indivíduos e que controlo de contexto tem um efeito oposto, portanto, para melhor compreender o poder persuasivo desta representação é necessário conhecer, pelo menos, algumas das características do jogo performativo que podem apelar ao assentimento colectivo - são argumentos que têm grande tração em certas ideologias como capitalismo

146 Cf. Subcapítulo 2.2.2 - Maior Complexidade do Processo de Estabelecer Prova

147 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 62

e neoliberalismo, por exemplo¹⁴⁸:

- Exclusão da aderência do discurso metafísico.
- Responsabilização dos participantes tanto pelas sentenças propostas, como pelas regras de assentimento.
- Pragmática do conhecimento torna-se clara na sua relação com o critério de eficácia.
- Contribui para a elevação de todos os jogos de linguagem a conhecimento válido - não importa se a pragmática de um enunciado é de natureza narrativa ou científica ou outra qualquer, se contribuir para a eficácia do sistema é um *bom* enunciado, por outras palavras, se funciona é *bom*.
- Severidade, o princípio regulador do sistema é fundamentalmente amoral, o desvio na atribuição de direitos não acompanha o desvio da condição de privilégio - o sistema não tem consideração pela precariedade individual ou de um grupo, tem apenas pelo potencial performativo do alívio dessa precariedade. Um modelo de justiça putativamente amoral é considerado por algumas facções como o mais *justo*.

O sistema, visto assim, parece desumanizar o *homem ético* de forma a reumanizar ao nível normativo o *homem normal*. Não existe a necessidade de recontar uma narrativa sobre os valores desejáveis, ela surge embutida no próprio funcionamento do sistema. Além disso, a repressão dos movimentos disruptivos dos agentes do sistema não é fator de desestabilização, porque teoricamente o próprio sistema encarrega-se de temperar e estreitar as atitudes reflexivas mediante o assentimento do paradigma performativo.

Aqui podemos tirar algumas ilações da perspectiva de Kuhn retratada anteriormente¹⁴⁹. A razão pela qual é possível traçar alguns paralelismos entre a pragmática sociopolítica e pragmática científica vai além do *facto* de uma ser parte integrante da outra. Ambas são compostas por agentes sociais, o que significa que ambas estão condicionadas pela natureza da composição do Laço Social. A desestabilização das suas respectivas estruturas não é apenas de causa endógena em cada forma de dialéctica, mas deve-se à qualidade constitutiva do próprio Laço Social, o agonismo.

O assentimento desta ideologia reflete-se na própria atitude dos decisores que a operacionalizam politicamente, “... *they identify themselves with the social system conceived as*

148 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 62

149 Cf. Subcapítulo 2.2 - Pragmática Performativa

a totality in quest of its most performative unit."¹⁵⁰. Na investigação em ambiente científico aconselha-se uma certa sobriedade na relação entre objecto de estudo e investigador precisamente para que não sejam desfocadas as motivações para o desenvolvimento do conhecimento.

*"Uma vez quebrado o interdito da identificação o pensamento analítico cede lugar a conhecimento de nível inferior, o das meras inferências de senso comum mesmo quando escudadas em sofisticados aparatos linguísticos ou metodológicos."*¹⁵¹

Embora na arena política todos os jogos de linguagem sejam quota das decisões tomadas, o mesmo princípio epistemológico é transponível. Quando a relação entre decisor e ideologia deixa de ser mediada por uma certa sobriedade, a deliberação sobre os consensos políticos - processos de redução - a partir dos quais se prescrevem as normas sociais, deixam de ser motivados por intenções que, pelo menos, aspiram à imparcialidade - são sempre parciais a critérios de performatividade que se presumem *bons*.

Neste contexto, a identificação não é apenas uma viés de responsabilidade individual, parece ser encorajada pelo próprio sistema. A identificação é uma consequência do controlo de contexto, se a aplicação dos princípios performativos for absolutamente conseguida. Como vimos anteriormente¹⁵², no caso da pragmática científica, movimentos disruptivos são muitas vezes desconsiderados por descredibilizarem proposições nas quais se edifica o consenso mínimo e há uma rejeição equivalente na esfera política: a motivação para a resistência à mudança torna-se indistinguível entre diligência/ponderação e um receio estreito quanto à desestabilização do paradigma que legitima a posição de poder dos decisores e das crenças nas quais sustentam uma noção afetiva de identidade colectiva¹⁵³.

Os privilégios de que os decisores beneficiam em *regime político normal* - passo o paralelismo - entra em risco de se perder, bem como a relevância do trabalho desenvolvido até então o que vai contra as aspirações incutidas pelo sistema. Estes factores estão relacionados com a atitude do sujeito perante um cenário de insegurança e não com a ideia abstrata e imparcial do projeto comum da instituição política. A reformulação paradigmática é marcada pela transição de uma certa zona de conforto para um tipo de reflexão onde os valores se confundem e o acolhimento dessa transição é repleto de incerteza quanto à performatividade resultante. Resta saber se é viável referenciar uma ideologia sociopolítica por uma representação colectiva de *"différend"*¹⁵⁴.

150 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 63

151 MITHÁ Ribeiro, Gabriel (2018). *Novo Manual de Investigação*. Lisboa: Contaponto, p. 41

152 Cf. Subcapítulo 2.2 - Pragmática Performativa

153 Cf. Subcapítulo 2.1.3 - Pragmática Científica e Narrativa

154 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 33

Os tecnocratas não confiam no que a sociedade designa como as suas necessidades, apenas um sistema concebido como um todo é capaz de o saber. Também a pragmática científica, em tempos, adjudicou o seu modelo de legitimação a pressupostos totalitários - como as teorias da verdade como correspondência - mas na ciência pós-moderna o modelo de legitimação é baseado em “...*difference understood as paralogy*.”¹⁵⁵.

*“Science possesses no general metalanguage in which all other languages can be transcribed and evaluated. This is what prevents its identification with the system, and all things considered, with terrorism.”*¹⁵⁶

Por *terrorismo* Lyotard refere-se à limitação da mobilidade dos participantes na rede de jogos de linguagem. A dialética política é de natureza narrativa e rege-se por regras diferentes da dialética científica¹⁵⁷, a competência tripartida - fazer, contar e ouvir - é o que dota o sujeito de ferramentas para participar no jogo narrativo. O sistema performativo cria um ambiente no qual o exercício dessa competência deve ser calibrado segundo o critério da eficiência, para que os enunciados sejam reconhecidos, recompensados, etc. Ao contrário da pragmática científica, na qual a verificação/falsificação dos enunciados é condição intransigível para a refutação, aqui a *força* encarrega-se de definir a priori a qualidade dos enunciados que o sujeito competente enuncia, desqualificando todos os outros como inconsequentes - *non sequitur*. É um raciocínio paradoxal porque prescreve as condições de liberalização do *homem*.

Nesta matéria, a relação entre a pragmática científica e sociopolítica não é apenas pertinente por serem ambas afetadas pela condição do relacionamento humano, mas pelo próprio estatuto de “... *science of politics*” que certas ideologias como “... *capitalist or Marxist*” pretendem assumir e cujo assentimento pela sociedade a deixa vulnerável a uma forma de “...*“rationalist terrorism”*”¹⁵⁸. Uma observação clássica contra esta afirmação de estatuto científico baseia-se na noção de *pseudo-ciência* de Karl Popper:

*“So, for Popper, the mark of a pseudo-science... is that it will never allow itself to be falsified by any evidence. It will always reinterpret what is proposed as evidence against it by interpreting that evidence in its own favour, as in the Marxist example...”*¹⁵⁹

155 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 60

156 Ibidem, p. 64

157 Cf. Subcapítulo 2.1.1 - Pragmáticas do Conhecimento

158 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 31

159 FULLER, Mike (1996). *Is Science an Ideology?*. Philosophy Now, nº 15. Disponível em https://philosophynow.org/issues/15/Is_Science_an_Ideology

2.3.1.2 Consenso enquanto função dialéctica

Este subcapítulo dedica-se a alguns aspectos da oposição entre o pensamento de Lyotard e Jürgen Habermas. Irei basear-me nas apreciações que David Kolb ensaia no livro “Postmodern Sophistications”, para expor alguns dos aspectos mais notáveis onde o pensamento de ambos se intersecta e diverge - serei mais extensivo na revisão da posição de Lyotard. A pertinência deste subcapítulo, vai além da problematização do valor do *consenso* enquanto critério de relevância. Ao longo da argumentação subsequente, são colocadas em confronto expressões, concretas, do exercício de competências como: *saber representar* e *saber reflectir* - cuja importância foi realçada no início da tese¹⁶⁰. O exercício de Habermas e de Lyotard resulta em metodologias interpretativas que compõem modelos de análise para o real, e embora sejam incompatíveis um com o outro, ambos se constroem a partir de um interesse crítico quanto aos pressupostos das composições de sentido que analisam e que eles próprios constroem. Ambos demonstram aquilo que qualifico como atitudes autónomas.

Começo por deixar claro que os dois autores partilham a rejeição do propósito performativo, abordado anteriormente, e que essa rejeição é inclusivamente reconhecida por Lyotard quando fala do modelo de diálogo proposto por Habermas: “*The cause is good but the argument is not.*”¹⁶¹

Existe a partilha de uma rejeição subsequente quanto às circunstâncias sociopolíticas que privilegiem a educação para as competências técnicas em relação à educação para as competências imaginativas¹⁶²; ambos são promotores do desenvolvimento de novas práticas sociais que permitam momentos dedicados à reclusão, abstida do imperativo da informação, para refletir, renovar, ser criativo sem prejuízo ou sacrifício; ambos sugerem resistência contra os sistemas totalitários no interesse da Justiça; ambos se interessam pelo exame das estruturas sociais de relacionamento e procuram desvendar as normas implícitas nas suas práticas, que desequilibram as relações de poder através da instituição de legitimidade.

160 Cf. Subcapítulo 1.3 - Competência, Representações Comunicáveis

161 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 66

162 Cf. Subcapítulo 2.2.2.1 - Educação, o Critério Performativo da Eficiência

2.3.2 Representação da sociedade

Habermas tem aspirações quase platônicas, embora se distancie da doutrina de Platão em certos aspectos. Postula a possibilidade de uma estrutura maior que contenha todos os jogos de linguagem à qual podemos aceder através do discurso racional - “*Diskurs*”¹⁶³. Entende discurso racional como uma dialética composta por *atos de fala*¹⁶⁴ cuja pragmática está afinada por valores como sinceridade, pertinência e verdade. No entanto rejeita que a operacionalização de critérios institucionais seja suficiente para decidir sobre essas matérias, deixando a sua resolução ao abrigo do *discurso* cooperativo no qual os participantes fornecem, implicitamente, garantias quanto à intenção de cumprir com os valores apontados, por outras palavras, discurso cooperativo entre intelectos racionais honestos. Outra rejeição é a da possibilidade do ego crítico isolado incorporar as meta-prescrições da ação comunicativa - rejeição à tirania - a iluminação individual não é o propósito final do aperfeiçoamento do discurso, mas o acordo mútuo - consenso, emancipação exclusivamente colectiva.

Habermas rejeita a idealização platónica de divisão entre um universo da argumentação filosófica e as práticas sociais e políticas. Para Habermas existe envolvimento entre argumentação e ação, o que, inclui na problemática do diálogo o papel do *poder* e da *força*.

Ambos rejeitam a aspiração platónica de uma fundação comum *realista* - um substrato de verdade substantiva¹⁶⁵ -, Habermas não pressupõe que as prescrições para o discurso possam ser descrições *naturais* determinadas a priori, mas o resultado de uma “*rational motivation*” sobre “*unsettled ground*”¹⁶⁶; Lyotard distancia-se ainda mais de Platão. Acredita que o consenso racional não existe enquanto aspiração universal, porque implicaria uma ideia de projeto cooperativo rumo a um propósito e, na sua estima, essa ideia é consequência de uma representação errada do Laço Social ou da tentativa deliberada da afirmação de poder.

Para Lyotard a sociedade é fundamentalmente agonista e do conflito surge a inovação. O valor atribuído ao conhecimento nunca encontra legitimidade absoluta num conjunto de regras, mas encontra legitimidade relativa - temporária e local - em algo próximo de um julgamento estético. Respeito pela diferença é a única forma de justiça, não

163 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 65

164 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 35

165 Ibidem, p. 36

166 Ibidem, p. 37

o consenso.

Habermas vê o potencial do Laço Social se constituir numa relação de paridade e reconhecimento mútuo. A estrutura intersubjetiva de jogos de linguagem é construída por todos os agentes comunicativos e através do discurso racional, é possível cooperar com o objectivo de atingir consensos revisáveis - não confundir com contrato social - cada vez mais próximos de um estado ideal. Legitimação através do aprimoramento da ação comunicativa. Embora exista tolerância quanto à grande diversidade de jogos de linguagem, Habermas insiste na primazia da ação comunicativa como veículo para o consenso entre comunicadores racionais.

Lyotard critica esta representação identificando dois pressupostos¹⁶⁷. O primeiro pressuposto é considerar a possibilidade de acordo quanto ao conjunto de metaprescrições válidas para todos os jogos de linguagem - uma espécie de “*set of all sets*”¹⁶⁸ -, enquanto, na estima de Lyotard, os jogos de linguagem são heteromorfos e sujeitos a um conjunto heterogêneo de metaprescrições - incommensuráveis. O segundo pressuposto é que o propósito do diálogo é o consenso enquanto, na estima de Lyotard, consenso é um estado particular do diálogo, mas o seu propósito é paralogia - gerar novas ideias¹⁶⁹, criar diferença.

O primeiro pressuposto é o que leva Lyotard a traçar um paralelismo entre a “*regularization of “moves” permitted in all language games*” e a ideia de “*common emancipation*”¹⁷⁰. A rejeição do ego crítico isolado não parece ser suficiente para quebrar o elo entre Habermas e uma certa postura iluminista. A própria linguagem de Habermas parece dar alguma tracção a esse argumento: “*communication as rational agents guarantees the possibility of stepping up the area for discussion and consensus to a higher level where we can work at agreeing on rules or changes in rules*”¹⁷¹. Não seria nada rebuscado substituir, na frase anterior, a ideia de subir a um nível mais alto por: atingir um estado de emancipação - mitigado ou não, a trajectória do discurso parece ser essa.

*“Consensus has become an outmoded and suspect value. But justice as a value is neither outmoded nor suspect. We must thus arrive at an idea and practice of justice that is not linked to that of consensus.”*¹⁷²

167 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 65

168 Cf. Subcapítulo 2.1.1.1.1 - Incompleteness de Gödel

169 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 60

170 Ibidem, p. 66

171 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 37

172 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 66

A natureza da argumentação até aqui apresentada por Lyotard é desconstrutivista. O argumento contra o consenso dialético, como critério de legitimação no interesse da *Justiça*, é montado a partir da demonstração da inadequação dos seus pressupostos fundamentais. Se este argumento for assentido resta saber se há critério(os) adequado(s).

2.3.2.1 Introdução à Ideia

Lyotard propõe uma *Ideia* de sociedade governada pela não interferência: todos os jogos de linguagem são permitidos e novos jogos constantemente inventados, sem relações de dominação.

Esta *Ideia* não é um construto racional, não providencia regras que permitam regular conflito - regras a partir das quais poderiam ser extraídos atos de fala como os de Habermas, Lyotard pretende evitar isso -, seria mais como o horizonte de um estado irrealizado que pode ser impossível de experimentar ou mesmo paradoxal, mas que existe como orientação de juízos estéticos em vez de morais - à semelhança de Kant¹⁷³.

O que se torna evidente é que se um jogo de linguagem adjudica legitimidade a partir da reconciliação com a *Ideia*, estabelece-se uma relação de dominação para com os restantes, mas como não há regras que parametrizem essa reconciliação isso não pode acontecer - por virtude da própria representação, reconciliação é um argumento sem aderência -, por outro lado não há regras que parametrizem a irreconciliação, o que possibilita a existência de jogos de linguagem convencionalistas aos quais Lyotard se opõe e apelida de *terroristas* - nos termos anteriormente descritos. A solução poderia passar por uma forma de juízo moral negativo que determine a irreconciliação com a *Ideia* de jogos baseados em *força*, "*might makes right*." ¹⁷⁴: "...we cannot accept conventionalism as the base of political ethics. It would allow injustices that we must reject even though we can give no firmly grounded reason for rejecting them." ¹⁷⁵.

Parece haver alguma incoerência quando Lyotard rejeita a posição de metaprescritor - aquele que prescreve para todos os jogos de linguagem - enquanto apela por uma forma de rejeição permanente contra o convencionalismo. Além disso, quando apela à não interferência e à aceitação da diversidade, está também a prescrever: "*To prescribe noninterference is still to prescribe*." ¹⁷⁶.

Aqui quero fazer um pequeno ponto de situação para expressar, de forma sucinta, uma apreciação especulativa quanto aos pontos anteriores. A filosofia que li, mais

173 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 33

174 Ibidem, p. 33

175 Ibidem, p. 32

176 Ibidem, p. 33

próxima da perspectiva de Lyotard, parece-me altamente competente - leia-se persuasiva - a respeito da desconstrução das ideologias a que se opõe, mas encontra dificuldades no momento de afirmação. Ao contrário, as filosofias mais próximas da tradição analítica, parecem ter maior propensão para estipular bases claras de construção de sentido, mas perdem força quando contestadas. Parece-me existir uma certa simetria. Por um lado, um pensamento mais forte no momento da contra-afirmação, por outro, um pensamento mais forte no momento da autoafirmação. Esta nota é um juízo estético, que no limite comenta uma relação de copo meio cheio versus meio vazio, é subjectiva. Mas ajuda a estabelecer o tom interpretativo que atribuo às críticas que seguem:

Tanto Lyotard como Habermas consideram redutor representar a linguagem enquanto instrumento de manipulação calculada. Mas as implicações das respectivas representações despoletam contestações quanto aos recursos que cada uma providencia contra esse estado.

Por um lado, Lyotard considera que na dialéctica argumentativa de Habermas o emissor está na realidade a tentar controlar o efeito do enunciado no receptor, estabelecendo uma relação de poder, ao contrário da imagem de comunicação não-coagida que Habermas pretende. Por outro lado, afirmações de Lyotard como: "... *there must be laws, but no laws are given.*"¹⁷⁷, levam Habermas a dizer que o seu pensamento pós-moderno é incapaz de distinguir "... *persuasion from argument* ..." ¹⁷⁸. A crítica é simples de compreender: se não existirem procedimentos institucionais, ou mesmo culturais que permitam contestar, legitimamente, um enunciado, então não há protecção possível contra a manipulação e a persuasão. A visão fragmentada de Lyotard, quanto muito, recomenda contra-persuasão, mas não apresenta critérios de distinção entre "... *legitimate and ideological agreement about the rules for forms of life. He leaves us no recourse against Sophistic persuasion.*" ¹⁷⁹.

Estas críticas apresentam o que para mim parecem ser problemas em aberto.

2.3.2.2 Habermas, Controlo

Habermas idealiza um estado no qual através do diálogo racional, todos os agentes sociais se reconhecem numa relação de mútua aprovação. As razões que justificariam atos e que fundamentariam estruturas de conhecimentos seriam identificáveis por todos, a aprovação mútua seria derivada do consenso racionalmente motivado e regularia as relações intersubjetivas através de uma linguagem que espelhasse essa mesma atitude.

177 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 32

178 Ibidem, p. 38

179 Ibidem, p. 37

Habermas não parece acreditar na concretização plena deste estado, mas ao representá-lo providencia um objectivo comum. O processo de concretização desse objectivo inatingível faria com que a sociedade alcançasse estados incrementais de reflexividade/criticismo e esse incremento seria suficientemente satisfatório, enquanto condição da sociedade do conhecimento, para Habermas.

O que parece notório é que enquanto as regras para a linguagem não forem completas, a representação de Habermas parece ser vítima de uma relação conversiva entre coerência e completude, análoga à que foi descrita anteriormente¹⁸⁰ e visto que Habermas não estima a realização plena - leia-se completa - do consenso racionalmente motivado, a pragmática da ação comunicativa de Habermas parece nunca conseguir legitimar, de facto, a motivação dos participantes do Diskurs, além disso, a ideia que os atos de fala de Habermas serão capazes de esclarecer quanto às motivações dos agentes comunicativos, parece pouco convincente. Lyotard está convencido que nesta representação de diálogo o que realmente acontece é uma relação de dominação: *"This produces a discourse in which each of the participants is, in principle, trying to produce statements such that the effects of these statements can be sent back to their author so that he may say: this is true, this is not true, and so on. In other words, so that he can control, or contribute to the control of, these effects."*¹⁸¹

Em resposta, Habermas insiste na necessidade do *feedback* do receptor na forma de perguntas, para que seja possível atingir o assentimento mútuo. Na representação de Habermas, o que previne a manipulação é a entrega do argumento, na qual deve ser clara a *"intention of convincing a universal audience and gaining general assent for an utterance. This distinguishes argumentation from rhetoric since rhetoric always works with an eye to the limited factual situation of its audience... An audience defined in completely formal, universal terms offers no definite points of contact for the rhetorician to use in calculating the means of persuasion."*¹⁸²

O problema da incompletude das regras para os atos de fala regressa neste ponto, porque são eles que reconciliam o enunciado dirigido à *audiência universal* com a ideia de argumentação *bem* intencionada. Sem regras definitivas, resta intuição, o que não é do domínio da razão.

A conclusão a que chego e o motivo pelo qual considero este problema como aberto, é que toda a representação de Habermas parece estar condicionada pela aceitação de um apelo. O apelo pela *boa* intenção, pela *boa* motivação, por outras palavras, o apelo por uma atitude. Este apelo nunca consegue elevar-se para garantia, porque a definição das metaprescrições do consenso racional serão sempre revisáveis, uma incompletude que deixa sempre espaço em aberto para a dominação, para a manipulação no interesse da produção de poder, seja ela intencional ou não.

180 Cf. Subcapítulo 2.2.2.2.2 - Crítica Conceptual

181 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 39

182 Ibidem, p. 40

2.3.2.3 Lyotard, Persuasão

A predominância do juízo estético na representação de Lyotard parece posicioná-lo com maior proximidade à ideia de persuasão. Na representação agonista, os critérios de discriminação de validade de um enunciado não são convencionados ou convencionáveis, quanto muito são momentaneamente e localmente determinados. O propósito maior é a paralogia, o inesperado - inovação pela diferença -, não é possível afinar as metaprescrições do meio das práticas sociais pelo desconhecido.

Como vimos anteriormente¹⁸³, Lyotard revê nos postos comunicativos da rede de jogos de linguagem um certo poder e para libertá-lo dos constrangimentos criados pela legitimidade, putativa, de certas ideologias - como o caso das metanarrativas -, imagina uma condição social de equidade valorativa de todas as formas de expressão. No processo de criar condições para a autoexpressão sem prejuízo, gera-se um meio desregulado sem defesa contra a expressão de motivações manipulativas - retórica, no sentido pejorativo. Até o estilo de escrita com que Lyotard expressa as suas ideias parece ter algo de retórico.

Em defesa da sua posição e a propósito de uma das suas obras, Lyotard escreve:

*“... These theses are advanced not in order to convince or to refute but to persuade--let us say, to take hold of or to let go These theses are not up for discussion. But actually they can be discussed. . . . It presupposes that the reader does not allow himself or herself to be intimidated, if I may say so.”*¹⁸⁴

O objectivo não é examinar a *verdade* do conteúdo do enunciado, através do debate.

Quando o receptor é exposto ao enunciado algo será retido, algo será adquirido, o enunciado causará um efeito na sua forma de pensar. Essa aquisição pode ser motivo de um debate, não no sentido de consenso, mas de gerar algo de novo, um novo enunciado, capaz de causar um novo efeito. Parece-me que a pragmática da rede comunicativa de Lyotard se quer afastar das pragmáticas científicas modernas e aproximar daquilo que imagina ser a pragmática científica pós-moderna, ou até mesmo da pragmática da arte. Aqui arrisco a seguinte explicação: Quando um artista concebe uma obra existe critério nas suas escolhas, ou até orientações com respeito a estilo e técnica, por exemplo. Arte, nesta perspectiva, pode ser vista como um jogo de linguagem com procedimentos internos - altamente variegados -, que influenciam a sua produção, a própria história da arte parece deixar enunciadas algumas características para essa qualificação. O que é distinto

183 Cf. Subcapítulo 2.1 - Metodologia Interpretativa, Lyotard

184 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 39

entre o jogo da ciência moderna e o jogo da arte, além da substância do enunciado, é o objectivo da entrega do enunciado - leia-se obra no caso da arte. O debate posterior pode existir nos dois casos, mas enquanto que na ciência moderna o debate tenta rever e enquadrar o enunciado no prisma da verdade e atingir um consenso, no caso da arte o debate refere-se a efeitos plásticos, intangíveis, do domínio do juízo estético. O artista entrega a obra sem conhecer com precisão as circunstâncias do seu público, sem controlo ou envolvimento no efeito causado no receptor. No momento de exposição, está completamente em aberto se o receptor retém algo ou não, até mesmo a substância do que retém fica fora do alcance do emissor - artista -, a *força* está completamente ausente deste processo.

Lyotard entende que o desenvolvimento do conhecimento deve orientar-se por esta variação, que cria espaço para a apreciação pessoal e estimula a criatividade e diferença. A atitude do emissor quando constrói o enunciado, deve-se assemelhar a uma “... *bottle tossed into the ocean than in that of a return of the effects of the statements to their author.*”¹⁸⁵

Considero este problema em aberto. Um dos motivos é a pressuposição presente na primeira citação quanto à autonomia do receptor. Na ausência de critérios de assentimento o único recurso da representação de Lyotard é efetivamente pressupor que o receptor será crítico e forte¹⁸⁶, por outras palavras, há um apelo à autonomia e confiança na habilidade de todos o serem. Os efeitos causados pela argumentação estão condicionados por características diferentes da apreciação de uma obra de arte. Embora este modelo de comunicação da *garrafa atirada ao mar* quebre a obrigatoriedade de envolvimento e evite a dominação direta - justificações quanto à pertinência ou racionalidade nunca são exigidas -, restam dúvidas quanto ao método de persuasão de um argumento e à influência daquilo que o receptor *retém*. Sem que hajam critérios de validação para a retenção, não há garantia de autonomia.

2.3.2.4 Apelo Ético

Todo o aparato descritivo e toda a empreitada teleológica de ambos os autores, resulta em representações sociais distintas - agonismo vs inquérito cooperativo -, nas quais são identificados propósitos distintos - *Ideia* e consenso racionalmente motivado - e a partir dos quais são extraídos apelos éticos. O último ponto de contenção parece resultar sempre no domínio da Ética, o domínio no qual se forja a atitude do sujeito e o motivo pelo qual a temática da atitude é tão enfatizada e recorrente durante a tese. É

185 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 39

186 Ibidem, p. 39

também o motivo mais forte pelo qual a performatividade surge como inimigo comum de ambos os autores, por sufocar o domínio Ético ao subordiná-lo ao critério da eficiência.

A discordância quanto ao propósito maior da rede de jogos de linguagem é realmente o ponto mais contestado pelos autores, porque antecipa a contenção quanto à atitude desejável no interesse da Ética. A natureza ética do juízo é o verdadeiro *ex libris* da discussão.

*“They disagree about which Idea opens the space within which judgment functions. The controversy is between Lyotard’s aesthetic judgment, and Habermas’s rational consensus.”*¹⁸⁷

Numa sociedade dominada por lógicas de acumulação de capital e regras de eficiência existe um jogo predominante que é a troca¹⁸⁸. A estratégia de Lyotard para romper esta tendência não passa pela revisão, mas parece passar pela secessão. Esse é o aspecto mais atraente da ideologia a meu ver: “... *Present practices will be criticized not by discussing them but by creating new practices that by the way they take hold show up the unspoken desires frustrated by previous forms of life... New games will be in a public space not structured by any one language game (such as capitalist accumulation) nor by any one set of goals (even ones as refined as Habermas’s consensual structures).*”¹⁸⁹

Cada indivíduo poderá relacionar-se com a comunidade, imune de contestação quanto à legitimidade ou pertinência das suas escolhas, uma espécie de mercado livre de ideias e formas de vida em competição, que tentam seduzir o sujeito, responsável por montar a sua própria defesa contra a retórica manipulativa - responsabilidade acarreta sempre riscos -, mas livre para ajuizar de forma autónoma.

Existe no entanto uma certa ambiguidade entre o objectivo da evolução do conhecimento e costumes, por inovação de paradigmas e o aumento de performatividade do *sistema social*. Embora a paralogia não seja um propósito alinhado com a performatividade, ironicamente, parece resultar como estratégia para maximização da sua performance. O próprio Lyotard admite que não propõe, nem estima ser possível uma “... *“pure” alternative to the system ...*”¹⁹⁰. O que lhe serve de satisfação é o facto da paralogia não estar subordinada ao sistema. Paralogia permite a autonomia do sujeito ao salvar “... *the honor of thinking.*”¹⁹¹. Cria instabilidade perpétua nas hierarquias, que recorrem a um

187 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 45

188 Ibidem, p. 43

189 Ibidem, p. 43

190 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 67

191 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 33

particular estatuto cultural e/ou formalização linguística para exercer domínio sobre o resto da sociedade e desequilibrar as relações de poder - independentemente da posição moral com a qual se identificam.

*“... los sistemas psíquicos y sociales solo se estabilizan a través del cambio. De alguna manera, así se verifica una de las paradojas más sorprendentes de la acción creativa, que sirve para la supervivencia en la medida en que constituye una cierta subversión de la propia necesidad de estabilidad que tienen los sistemas.”*¹⁹²

¹⁹² INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 27

CONSIDERAÇÕES INTERMÉDIAS

Capítulo 03

3.1 Antinomia

Neste subcapítulo será introduzida uma crítica livre a certos aspetos da filosofia de Lyotard, mas sem abandonar por completo a perspectiva do autor, para tal, será admitida a possibilidade de analisar dialeticamente o progresso da cultura artística. O estilo de análise é um ponto de charneira que ainda não se encontra completamente ao abrigo da teoria crítica, o carácter mútuo e ambíguo cria a tensão necessária para enunciar os temas fortes do próximo Capítulo.

É difícil, neste ponto da argumentação, estabelecer uma relação entre *realidade* e *representação*, que não seja imediatamente saturada por contingências, contradições e inferências condicionais. Características como eloquência, abrangência e minúcia de uma representação são expressões de uma atitude reflexiva, mas parecem contribuir apenas como adaptação das qualidades persuasivas do *zeitgeist*. A cultura pós-moderna fez emergir as fragilidades do projeto moderno - incapaz de conceber *saber* com certeza -, enquanto, simultaneamente, concebia uma representação fragilizada por tudo o que a incerteza traz.

Em contexto pós-moderno, seguindo o raciocínio de Lyotard - tomando-o como exemplo representativo do pensamento pós-moderno, mas consciente da redução implícita -, a atitude comunicativa não perspectiva o efeito que causa no momento da concepção do enunciado, no entanto, a ocorrência desses efeitos é inevitável, aliás é por isso que a comunicação existe à partida, para afetar a relação entre o sujeito e a realidade. Perante a inevitabilidade de afetar e ser afetado, pela própria natureza da comunicação, a valoração da responsabilidade assume-se, a meu ver, como uma problemática central. Somos responsáveis pelos efeitos que causamos? Somos responsáveis por aquilo que defendemos e acreditamos? Como podemos e/ou devemos orientar o nosso sentido de responsabilidade?

Esta, é talvez a problemática que mais profundamente afeta a relação entre a formação para a atitude autónoma e as representações até aqui retratadas.

Por um lado o problema da regressão infinita¹⁹³ por autorreferência, faz com que a relação entre o sujeito e a tradição modernista tenda para a inquietação. A pragmática científica exige o inquérito quanto à legitimidade de um enunciado: “Qual é o valor do enunciado?”, a conclusão do inquérito, resulta num novo enunciado - E2 -, que será alvo do mesmo escrutínio: “Qual o valor de E2?”. É uma regressão infinita, o que em matemática se chama de algoritmo recursivo e que já foi referida mais detalhadamente em

193 INNERARITY, Daniel (2015). *Order and Disorder: A Poetics of Exception*. Telos, Politics and Values: The Middle East and China, n° 171, p. 175-188, p. 181

subcapítulos anteriores¹⁹⁴.

Por outro lado, o pós-modernismo parece criar uma sensação de inquietação equivalente. Constrói-se a partir de hipóteses paradoxais: “A única verdade é que a verdade não existe”¹⁹⁵ é talvez o melhor exemplo - outra modulação possível, seria o famoso paradoxo socrático: “Só sei que nada sei”.

Reflita-se sobre a seguinte postura epistemológica de Lyotard: a evolução do conhecimento é paralógica, portanto os paradoxos podem ser aceites como elementos constitutivos de conhecimento¹⁹⁶. A própria representação a que Lyotard recorre para descrever o conjunto de relações intersubjetivas, que formam o Laço Social - rede de jogos de linguagem - é conceptualizada a partir de um paradoxo¹⁹⁷, é esse paradoxo que evade a crítica que o autor faz às concepções totalizantes das tradições modernistas. No entanto, para o raciocínio anterior ser possível, é preciso primeiro assentir que a verdade absoluta é algo inatingível, só existe quando predicada num propósito¹⁹⁸, porque é esse perspectivismo que dá força à paralogia. A construção de sentido a partir de paradoxo - construção pós-moderna -, é legitimada por uma representação construída a partir de paradoxos - pós-modernismo -, simultaneamente, essa mesma representação motiva a crítica contra a autolegitimação. A resolução desse conflito poderia ser montada a partir de um novo paradoxo e assim sucessivamente, mas o que parece ser claro é a persistência da regressão.

Uma modulação diferente do mesmo argumento está na relação complicada entre a antinomia de Epimenides, “All creatons are liers” e o princípio agonista. Quando monta um discurso sobre o Laço social, Lyotard é orador dessa representação. É um agente comunicativo, possivelmente dectivo por condição da sua própria natureza, é estratégico e não existem critérios que consigam rastrear as suas motivações. Quando nos aconselha cepticismo perante os enunciados que nos são comunicados, por autorreferenciação, devemos fazer manter a mesma postura e ser cépticos relativamente a esse conselho. Para ser céptico e, ao mesmo tempo, evitar a regressão infinita, é necessário numa primeira instância ser crédulo quanto à pertinência da postura céptica.

Lyotard poderia contrariar o argumento anterior, qualificando-o como logocentrico - apenas contraditório aos olhos das regras da lógica -, racionalista até, dialéctico, produz uma conclusão, ou síntese, a partir de um segundo texto que analisa os méritos argumentativos do primeiro perspectivando, em última instância, a verdade ou o consenso. No entanto, na ausência de critérios metaprescritivos, este desconstrutivismo deixa-nos com uma escolha difícil: ignorância - a rejeição do confronto com estas ques-

194 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

195 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

196 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.2 - Revoluções Científicas

197 Cf. Subcapítulo 2.4.1 - Deslegitimação das Metanarrativas

198 Cf. Subcapítulo 1.4 - Saber Representar a Realidade

tões, que por sua vez conduz à subversão - ou confiança/crença, onde o assentimento de doutrinações ideológicas e discriminação inteligente¹⁹⁹ autónoma - fundamentalmente heurística -, se tornam aparentemente indistinguíveis.

*“Antimony relies on self-reference to create paradox, keeping certainty forever out it’s own grasp.”*²⁰⁰

*“... The Postmodern Condition (...) becomes itself a symptom of the state it seeks to diagnose -its own return to narrative arguments being fully as revealing an example of the legitimization crisis of the older cognitive and epistemological scientific world-view as any of the other developments enumerated in the text.”*²⁰¹

3.1.1 Ironia

A trajetória moderna da matemática, ciência e filosofia parecem todas colidir na barreira da antinomia, mesmo a trajetória do progresso da arte moderna pode ser analisado historicamente a partir de um modelo comparável à dialéctica Hegeliana - que a tradição crítica foi afinando:

*“This was the modus operandi of modernism in art, each successive school was responding to the statements of the previous, incrementally extricating itself from renaissance illusionism, further abstracting and purifying itself, and becoming the ground for the schools to follow.”*²⁰²

Esta interpretação histórica do progresso dialéctico arte, tem a particularidade de perspectivar a cultura moderna como um processo argumentativo e cumulativo de sínteses, cada vez mais próximas de algo *real*. O pós-modernismo quebrou com essa tradição moderna e no caso particular da arte, fez emergir o contexto ideológico em que a própria noção linear de progresso se formava²⁰³. Um movimento pós-moderno no jogo da arte poderia ser pensado como uma disrupção na ideia de *boa* forma, transportando o inapresentável para a própria forma de apresentação. Isto significa uma deslocação na busca modernista pela consensualização dos *gostos*, em direção à inovação do estilos de

199 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 16

200 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

201 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XI

202 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

203 Ibidem

representação, uma deslocação que pesa tanto no imaginário do que a nova arte *poderá ser* - orientação para novas obras - como no imaginário do que a arte *foi* - requalificação das categorias históricas.

*“Here, then, lies the difference: modern aesthetics is an aesthetics of the sublime, though a nostalgic one. It allows the unrepresentable to be put forward only as the missing contents; but the form, because of its recognisable consistency, continues to offer the reader or viewer matter of solace and pleasure. Yet these sentiments do not constitute the real sublime sentiment, which is an intrinsic combination of pleasure and pain: the pleasure that reason should exceed all presentation, the pain that imagination or sensibility should not be equal to the concept.”*²⁰⁴

Os estilos de representação artística são modelos de linguagem e reproduzem-se segundo os mais variados propósitos. Com o movimento pós-moderno, altamente influenciado pela filosofia da linguagem de autores como Wittgenstein, a arte sofreu o mesmo processo de autoescrutínio que a matemática, a ciência e a filosofia. A pergunta “O que tem sentido?” deu lugar a “Como fazemos sentido?”.

Com a popularização do aforismo “*The meaning is the use.*”²⁰⁵, popularizou-se também a deslocação da percepção quanto ao que a linguagem pode representar. Antes vista como uma macroestrutura capaz de criar a ponte denotativa entre realidade e conhecimento - entre significados e significantes -, agora vista como uma estrutura rizomática, parcialmente comungada pelos comunicadores afetos a determinada forma de cultura²⁰⁶.

*“‘It is no truer that ‘atoms are what they are because we use ‘atom’ as we do’ than that ‘we use ‘atom’ as we do because atoms are as they are’. Both of these statements... are entirely empty, both are pseudo-explanations.’”*²⁰⁷

A partilha do mapeamento cognitivo de convenções simbólicas em perpétua mudança é o único sustento para a mútua compreensão. Este enquadramento parece ambigüizar a regra metafísica da pragmática científica que rejeita a possibilidade de um mesmo referente, produzir uma pluralidade de provas contraditórias ou inconsistentes²⁰⁸. A aplicação desta sentença, apenas faz sentido perante a identificação do vocabulário ou léxico na qual é aplicada. Descredibilizaram-se as razões para imaginar a possibilidade da simetria entre realidade - objecto real - e representação - objecto cognitivo -, ou que conceitos como representação verossímil e *simulacra* são fundamentalmente distinguíveis

204 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 81

205 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

206 Cf. Subcapítulo 2.1.3.1 - Pragmática Narrativa

207 FULLER, Mike (1996). *Is Science an Ideology?*. Philosophy Now, nº 15

208 Cf. Subcapítulo 2.1.3.2 - Pragmática Científica

por um procedimento discriminatório que resista ao autoescrutínio. Essa distinção apenas é possível, perante a identificação da cultura vocabular em que a avaliação é feita.

Representações não imaginam o que *é real*, mas o que *é concebível* - e indistinguível do modelo de linguagem no qual o seu vocabulário se gera -, desde o apresentável - como os fenómenos físicos - até alusões emotivas ao inapresentável - *sublime* ²⁰⁹.

Na representação pragmatista acima esquematizada, a problemática antinomial mantém-se. A setencição, desta espécie de simbiose ontológica, entre objetos reais e linguísticos recorre a um vocabulário, a uma forma de linguagem que apenas pode ser vista como *melhor* ou *verdadeira* em relação a um determinado propósito. É uma representação que não resiste a um modelo de escrutínio endógeno e, por isso, entra numa espiral de autorreferência ²¹⁰.

Seja qual for a estratégia para extinguir a recursividade ideológica da progressão histórica do *saber*, nada parece ter sucesso. A própria pragmática pós-moderna - como proposta por Lyotard - é vítima deste padrão. Ainda que Lyotard não assinta a revisão das suas teses, segundo critérios de verdade, não exclui a possibilidade de discussão dos seus efeitos, para que, a partir da discussão, sejam gerados novos movimentos ²¹¹. No entanto, ainda que seja rejeitada a tradição dialéctica que autores como Platão, Hegel, Habermas, foram desenvolvendo e reformulando ao longo dos tempos, a própria natureza do pós-modernismo constitui-se como um contramovimento e de certa forma uma resposta metadialéctica - substancialmente diferente da narrativa modernista ²¹². Mesmo que os critérios de relevância não estejam predicados na verdade, o confronto entre movimento - modernismo - e contramovimento - pós-modernismo - representa um confronto entre teses que discutem, em grande parte, *como devemos saber*, por outras palavras, uma metadialéctica da qual, o próprio propósito, está em contenção e que será explorada posteriormente ²¹³.

“... postmodernism is attempting to overthrow dialectal modernism by using dialectics.” ²¹⁴

A fundação epistemológica do *saber* nunca se concretizou, isso não significa que a exploração do projeto não seja pertinente. Imaginar novo *saber* requer a problematização do *saber* existente e, para os propósitos desta tese, terá que ser suficiente postular: a estagnação do imaginário é pior que o seu contrário.

A formação do sujeito para o *saber* é frequentemente dissociada da formação

209 Cf. Subcapítulo 4.1.2 - Simulacra e Sublime

210 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. IX

211 Cf. Subcapítulo 2.3.3.4 - Lyotard, Persuasão

212 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

213 Cf. Subcapítulo 4.2 - Teoria Crítica

214 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

para o *ser*. E perante sensações como a incerteza, insegurança, incapacidade e inutilidade causadas pela ausência de uma fundação epistemológica estável - para não mencionar outros pisos hermenêuticos ainda mais derrapantes - o desafio de gerir expectativas, temperamento, afinidade identitária, conflito ideológico, etc. constitui uma tarefa monumental para sujeitos de predisposição reflexiva. A conquista da atitude autónoma é uma tarefa vitalícia, inconcretizável na sua plenitude e trivializada pelo mainstream cultural contemporâneo²¹⁵.

Intenção, empatia e motivação são forças predominantes na construção de sentido. Apenas será possível aspirar à generalização da atuação social consciente, ao fazer emergir as relações entre regimes de *saber* e estados do *ser* e ao enfatizar a sua importância e variedade nas plataformas de comunicação e educação intra e extra académicas. Onde no passado a teologia e metanarrativas ideológicas serviam como recurso para recollecção e conforto das inquietações colectivas, hoje sobram as tendências contemporâneas para o cepticismo. Ainda que a tolerância perante a diversidade cultural possa ser um sinal de maturação social, com as insuficiências do pós-modernismo um novo ciclo foi inaugurado, marcado pela Ironia.

Uma das principais funções históricas das narrativas ideológicas, é afetar um balanço entre esperança e receio:

- No idealismo alemão a esperança ressalta imediatamente à vista. O metasujeito simbolizava perfeição, unidade, a partilha de propósito colectivo. Aspiração especulativa unia o sujeito com a comunidade numa forma de vida ideal. A vontade para a primazia da ordem - leia-se normatividade - nasce do receio das consequências do seu oposto, desordem, comportamento anárquico desvirtuado, uma esfera social transformada numa arena de combate entre interesses e aspirações fragmentadas, tribalismo obscurecido na ignorância.
- O ideal que a metanarrativa emancipadora espera atingir é acusado no próprio nome, emancipação. Liberdade e justiça na concomitação dos desejos e necessidades do *povo* com o edifício normativo do *Estado*. A ausência de liberdade é o maior receio, a tirania. A fatídica desigualdade das classes sociais, do acesso ao saber, etc.
- Com a narrativa performativa a esperança era depositada na garantia de neutralidade moral, abundância de recursos e competência denotativa, através de procedimentos normativos. O assentimento da virtude da ética do *controlo de contexto* acusa o receio quanto às implicações da sua ausência, um ambiente dominado por tradicionalismos e doutrinações predatórias.

215 Cf. Subcapítulo 2.2 - Pragmática Performativa

- A esperança do espírito moderno era finalmente saciar o desejo de *saber*, ou pelo menos encontrar caminhos concretos nesse destino, o projeto era a conquista racional do *sentido*. É na ausência de *sentido* que reside o maior receio da cultura modernista, niilismo.
- Complexidade científica, nos sistemas interpretativos pós-modernos, acompanhada pelo projeto de desmistificação da legitimidade das metanarrativas, trouxe a esperança de uma reformulação ética das pragmáticas sociais subversivas e normativas. A erradicação das formas de dominação social foram o grande projeto ético-político do pós-modernismo. Esse projeto manifesta o receio de algo mais profundo: a possibilidade de uma ordem *natural* que determine e desacredite o livre-arbítrio, determinismo.

É difícil imaginar que uma narrativa ideológica pode nascer do pensamento *puro*, movido apenas pela vontade de *saber*. Independentemente da imprecisão e da exagerada simplificação desta caricatura histórica, o que importa reter, é esta permutação cíclica de valores entre a esperança e o receio independentemente de ser diacrónica ou não. Exagerando ainda mais a simplificação, a problematização da função histórica da narrativa ideológica, poderia ser feita a partir da relação conversiva entre liberdade e sentido.

Uma das grandes questões ideológicas do momento histórico que vivemos é talvez: Liberdade e sentido são valores ideologicamente compatíveis?

*“What started as a project of liberation from our own illusions about the world gives us no ground to construct a new one. What we are left with is nihilism, cynicism, and the great edifice of our times, irony... It has become the default attitude towards the world. Irony absolves us from responsibility for our thoughts and beliefs.”*²¹⁶

Ironia, entendida assim, não se comporta como um movimento metadialéctico. Não chega a ser narrativa ideológica, não é um contramovimento, nem nos termos da argumentação racional nem do ajuizamento estético, não tem linguagem, vocabulário ou léxico estáveis, é uma atitude que contempla apenas fado da vontade para a reflexão e se rende à inércia.

O vocabulário resultante da rejeição de uma ideologia, gera uma nova linguagem ideológica, essa é a sua função metadialéctica - na concepção da teoria crítica -, o que Lyotard perspectiva como perpetuação da jogabilidade do Laço Social, independentemente de ser parológica ou cumulativa. Redefinição contínua é o jogo do ironista de Rorty: permanentemente céptico da linguagem final que usa, por já ter sido impressionado por linguagens que na estima dos seus autores eram finais; consciente de que os argumentos construídos na linguagem presente não podem dissipar esse cepticismo

216 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

- seria uma forma de autolegitimação; consciente de que a presente linguagem final não está mais próxima da realidade, nem é adjudicada a um poder superior a si. Ironia, como enunciada aqui, tem descrição, mas o motivo que me leva a fazer a distinção com a narrativa ideológica, é a atitude completamente incrédula quanto a si mesma. Até os pós-modernos expressam uma certa esperança na empreitada pós-moderna.

Sem ideologia, o contexto social dominante, acaba por exercer a influência mais determinante - mas não exclusiva - nos propósitos das diferentes linguagens - ciência, matemática, filosofia, arte, etc. Isto é notório particularmente no mundo da arte.

"... in the absence of aesthetic criteria, it remains possible and useful to assess the value of works of art according to the profits they yield. Such realism accommodates all tendencies, just as capital accommodates all "needs," providing that the tendencies and needs have purchasing power."

217

Ironia vivida assim é uma caricatura do ironista de Rorty, é desresponsabilização enquanto função do capitalismo. Redefinição não pode ser pensada como a tarefa do sujeito subserviente, nem do retórico egotista e interesseiro. Há algo de inquietante na imagem de uma sociedade composta por: pessoas que conhecem sem sentir e que sentem sem conhecer. Esta redefinição, na minha estima, é útil, apenas quando orientada simultaneamente para o *ser*. Acho que a consequência maior deste subcapítulo, só pode ser enunciada como apelo: Se crença nas ideias próprias for uma proposição ingénua para o espírito autónomo, haja pelo menos vontade de as sentir, sem ser consumido por elas. Convicção sem dogmatismo, paixão pelo *saber* sem obsessão.

Por fim, importa esclarecer um postulado e um corolário do enquadramento interpretativo do próximo Capítulo: ironia é a atitude autossatírica de quem contrai contradição performativa - usando a terminologia de Habermas; essa atitude manifesta-se ao nível do *ego* na dicotomia entre sujeito cognitivo e prático.

Reconheço que a tese vai oscilando entre tendências metafísicas, analíticas, etc. combinações perigosas, mas as propriedades dos conceitos - como *natureza* e *ego*, entre outros - interessam-me menos que a sua utilidade, o objectivo neste ponto não é construir um argumento, é aludir a uma apreciação subjectiva que considero importante. Um entrelaçar rudimentar de reflexões, que enquadram uma forma de inquérito que me intriga.

217 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 76

3.2 Urbanismo

Nos próximos subcapítulos serão avançados diagnósticos quanto ao estado do conhecimento urbano mediante uma perspectiva associada à teoria crítica. Este primeiro contacto serve de introdução aos temas avançados por Jameson no Capítulo 3, visto que o autor também é afeto a essa tradição.

*“... discourse on urban questions ... has become one of the dominant metanarratives through which our current planetary situation is interpreted, both in academic circles and in the public sphere.”*²¹⁸

O contexto atual do urbanismo faz confluir problemáticas estimuladas por ambições tanto do inquérito analítico como das práticas sociais, a divisão platónica entre problematização filosófica e práticas políticas, parece ser cada vez mais trivializada, ao mesmo tempo que a enunciação das fundações epistemológicas do urbanismo são cada vez mais numerosas e menos persuasivas. O tempo trouxe um incremento do espírito crítico acompanhado pelo incremento da incerteza quanto ao que se *deve* e *pode* acreditar em matéria de urbanismo.

Os pressupostos sociológicos - densidade, aglomeração, etc. -, que viabilizavam uma escala fixa de representação de estruturas morfológicas explodiram, com a extensão das formações urbanas emergentes - assim entendidas pela academia -, policêntricas, rizomáticas. Uma consequência dessa generalização é a indecidibilidade quanto aos métodos de representação/interpretação adequados. A globalização do investimento económico, no sector privado e público, exige representações transnacionais concretas que permitam intersectar leituras territoriais com estratégias de circulação de capital. As reestruturações institucionais e a reforma das ideologias políticas dominantes, promoveram o *saber* urbano para um dos substratos mais proeminentes da argumentação política, de todo o tipo de instituições e agentes sociais - a reorientação interpretativa da condição urbana, tem profundas implicações na percepção e deliberação política.

Esta descrição curta e incompleta, meramente indicativa, é suficiente para compreender os desafios e perigos inerentes à *“... proliferation of deep confusion regarding the specificity of the urban itself, both as a category of analysis for social theory and research and as a category of practice in politics and everyday life.”*²¹⁹

218 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, n° 1 (69), p. 85-114, p. 85

219 Ibidem, p. 90

O valor denotativo do aparato conceptual herdado das tradições sociológicas analíticas - Escola de Chicago é um exemplo clássico - perdeu o estatuto de conhecimento válido, dando lugar a um conjunto de sintomas de uma crise epistemológica profunda: significantes polissémicos - território, urbano, etc. -, representações morfológicas inconsistentes, abstrações referenciadas pelo território, mas impossíveis de cartografar, etc.

A urbanização extensiva produz tecidos urbanos variegados, que não são cartograficamente delimitáveis ou concentrados em pontos nodais. No momento histórico em que existe maior interesse pelos estudos urbanos, os urbanistas confrontam-se com a identidade filosófica incerta da condição urbana ao mesmo tempo que tentam resolver enigmas quanto aos seus processos constitutivos e manifestação espacial. A nostalgia deixada pelas convicções do passado ecoa nos apelos por melhores metodologias, melhores orientações teóricas, melhores princípios epistemológicos, melhores léxicos, ou, usando a terminologia de Rorty, um melhor *vocabulário final*. Um vocabulário capaz de ultrapassar conceitos analiticamente expirados como o de cidade, mas para isso é necessário compreender a tenacidade e aderência no discurso urbano até aos dias de hoje.

3.2.1 Ideologia Urbanizada

*“All forms of knowledge, including scientific knowledge, are ‘ideological’ in the sense that there is no neutral, objective body of knowledge that is not infected by the purpose-relative concepts of a group of inquirers. This is the meaning of ideology that still retains some vestiges of the original Marxist meaning of ‘ideology’ as a mask and cover for vested interests.”*²²⁰

Na mesma linha da análise reflexiva que tenho advogado ao longo da tese, começo dar ênfase às pressuposições mais notáveis para a construção do texto em análise. São elas: a concepção de *ideologia* e de *representação*.

Wachsmuth baseia a sua concepção de ideologia na redefinição Althusseriana: *“the representation of the subject’s Imaginary relationship to his or her Real conditions of existence”*²²¹. Esta concepção é bastante próxima da que tenho usado ao longo da tese, no entanto, Wachsmuth varia a definição em dois pontos: o enquadramento é mais estreito: *“ideology expresses the way that the forms of appearance of social reality under capitalism are systematically distorted to the benefit of some and the detriment of others.”*; a definição é conotativa: *“... I draw on the*

220 FULLER, Mike (1996). *Is Science an Ideology?*. Philosophy Now, nº 15

221 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 38

“negative” (Larrain, 1983) or “critical” (Purvis and Hunt, 1993) tradition...”²²². Este reparo serve para evitar ambiguidade terminológica.

Acauteladas as diferenças, parece existir um ponto de contacto importante entre as duas concepções, na pressuposição pragmatista que esbate a distinção entre o que *é* e não *é* ‘ideológico’. Se por um lado, o recurso a uma definição de ‘ideologia’ que a destingue inequivocamente uma realidade científica, objectiva, independente da experiência - leia-se, *realista* - é rejeitado, por outro, resgata-se o conceito através de uma representação possível. Assume-se como contingente, concebível²²³, ou nas palavras de Wachsmuth, suficiente:

*“It is sufficient simply to posit that: (1) different theoretical and practical understandings have varying degrees of adequacy to the phenomenon they attempt to understand, with adequacy here being defined as distinguishing necessary properties from contingent ones (Sayer, 1981); and (2) some (more ideological) forms of understanding which claim to understand the reality of things actually do not manage to penetrate much beyond those things’ forms of appearance. As Sayer lucidly argues, “it does not follow from the fact that all knowledge is fallible, that it is all equally fallible” (Sayer, 1981, page 7, emphasis in original).”*²²⁴

Aqui distinguem-se representações *mais* ou *menos* ‘ideológicas’, mediante a sua adequação. A adequação é determinada pela relação de contingência entre representação e propósito. Embora as representações não denotem o processo urbano de forma *realista*, é possível julgar a sua adequabilidade mediante a identificação de uma realidade social assumidamente contingente na relação conversiva entre completude e coerência - ou como se diz nas ciências sociais, mediante a construção do objecto científico. Representações são *construtos* - traduções de objetos *imaginados*.

Este esclarecimento serve de contextualização predecessora à tese que o autor pretende avançar e que se pode resumir no postulado: “*The city is an ideological representation of urbanization processes rather than a moment in them.*”²²⁵

3.2.2 Cidade como Representação do Processo Urbano

É inegável que a análise da condição *urbana* é apenas possível através de repre-

222 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 77

223 Cf. Subcapítulo 1.1 - Ironia

224 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 77

225 Ibidem, p. 77

sentações. Essa relação condicional torna-se especialmente problemática devido à abrangência do conceito²²⁶. Na descrição de Lefebvre, urbanização é um “... *multiscalar process of the production and reproduction of the built environment, linking global structures of capital and the state with practices of everyday life, a process that historically characterized the space of the city but has since shattered that space and become generalized.*”²²⁷

Historicamente, as orientações teóricas e metodologias de análise no campo do urbanismo, não estão ao abrigo do mesmo paradigma de investigação, mas tanto nas tradições de inquérito analíticas²²⁸ - imaginário performativo, sistema integrado -, como nas tradições da teoria crítica - renascença neo-Marxista²²⁹ -, o fenómeno urbano é pensado como um *processo*, uma transformação no espaço e no tempo de: população, formas de vida e seus modelos de assentamento no território, relações de acumulação e reprodução social, ou combinações dos anteriores. A aderência analítica desta *totalidade* perceptualmente inconcebível, só existe mediante a sua redução em *momentos* representáveis. A relação *processo/momento* é habitualmente interpretada como *urbanização/cidade*, as cidades são perspectivadas como emergências corolárias ou instâncias discretas, que comprimem o processo urbano num período cronológico e num espaço geográfico.

*“Within this metatheoretical consensus there have been disputes about whether the city or urbanization is the proper object of analysis (Harvey, 1996), but no real disagreement about the basic relationship between the terms.”*²³⁰

Autores afetos à tradição crítica, levantaram suspeições quanto ao valor analítico das relações socioespaciais ocorrentes dentro das cidades, mas nunca as estenderam ao próprio conceito de *cidade*. *Cidade* é uma representação concebível de um fenómeno que excede a percepção. Obscurece a complexidade, contradição e multiplicidade das realidades urbanas ao mesmo tempo que é produto delas, a confusão ocorre no imaginário do que esse produto é.

Desenvolver a competência de *saber representar* pressupõe a aquisição de conhecimentos que permitam valorar representações segundo expectativas cognitivas: “... *“las expectativas cognitivas tratan de cambiarse a sí mismas; las normativas quieren cambiar a sus objetos” (Luhmann 1991,655).*”²³¹

226 Cf. Subcapítulo 1.4 - Saber Representar a Realidade

227 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 78

228 Cf. Subcapítulo 2.1 - Metodologia Interpretativa, Lyotard

229 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 81

230 Ibidem, p. 78

231 INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 6

Tal como na pragmática da investigação científica²³², a reflexão sobre as próprias expectativas, é o passo extra que estabelece a diferença entre os estudos urbanos conscientes das próprias contingências e os seus predecessores. *Cidade* não é uma representação obsoleta, nem é preciso reinventá-la, é ideológica, uma distorção do que representa. O conceito só é sociologicamente problemático, na medida em que é imaginado enquanto categoria analítica - objecto *real* -, em vez de categoria prática - objecto *mental*.

*“This theoretical maneuver shifts the explanatory task away from condensing complex urbanization processes into objective city moments, and toward charting how these processes are experienced and interpreted by social actors in everyday life and thus formed into practical representations.”*²³³

Wachsmuth ilustra esta distinção a partir de três tropos - descrições analíticas - do conceito *cidade*, herdados pelos estudos urbanos²³⁴:

Oposição cidade-campo: as ciências sociais urbanas devem a sua fundação à interpretação que delimitou o conceito de cidade por oposição ao campo - endógeno/exógeno. Embora a evolução das geografias urbanas tenha inviabilizado a delimitação territorial dessa oposição, ela persiste no imaginário da experiência quotidiana dos transeuntes, a representação da cidade por oposição ao campo perdeu credibilidade analítica, mas também não é obsoleta, é ‘ideológica’. Assenta essencialmente em três formas de mapeamento social:

- A divisão espacial do trabalho - A leitura, marcada pelas mudanças no séc. XIX, que imaginava a separação entre um lugar metropolitano em constante crescimento onde industrialização imperava e um lugar rural orientado para a agricultura.
- A divisão entre sociedade e Natureza - A separação estética entre a cidade agregadora das práticas sociais, mas por isso mesmo, densificada e turbulenta, ao contrário da preservação natural do campo, lugar de tranquilidade e lazer, um escape periódico às pressões citadinas.
- A distinção entre formas de vida - Inflexão moral das formas de vida. A vida citadina, progressista, futurista, mas também impessoal, desequilibrada, depravada, enquanto a vida no campo era imaginada como tradicional, rudimentar, simplista, mas moralmente pura, harmoniosa.

Embora este modelo de mapeamento tenha sido interpretado pela tradição neomarxista como propriedade da tradição analítica, ultrapassado por fenómenos como a suburbanização da indústria e a industrialização da agricultura, esse pressuposto parece desconsiderar a sua plausibilidade enquanto categoria contemporânea das práticas sociais urbanas. A fosca coerência analítica não deprecia a sua vero-

232 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

233 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 78

234 Ibidem, p. 80-87

semelhança no imaginário fenomenológico da experiência quotidiana: estratégias de marketing suburbano baseadas na inflexão moral das formas de vida dentro e fora da cidade; publicitação de espaços de gentrificação como oportunidades de investimento e estilo de vida progressista; narrativas promotoras de ecoturismo, etc.

Cidade como sistema autocontido: Representação de cidades-sistema integradas segundo uma lógica interna, diferenciadas da envolvente e de outras cidades-sistema²³⁵. Este tropo orientou o inquérito da tradição analítica para o funcionamento do sistema putativo e mesmo com a rejeição crítica da sua adequabilidade substantiva - organicista, mecanicista, mas sobretudo fechada -, uma versão reiterada do inquérito persistiu na investigação da especificidade funcional urbana. A implicação é a de uma noção de dinâmica, diferente em substância, mas partilhada por ambas as tradições e uma versão desta implicação ainda mais recente pode ser constatada no empirismo metodológico de abordagens localistas que privilegiam a escala local para decodificar a sua estrutura interna.

Apesar da desconsideração analítica do tropo, a sua persistência 'ideológica' pode ser rastreada à aderência espacial e temporal na intuição fenomenológica do sujeito. Temporal, na medida em que os padrões urbanos, cíclicos e heterogêneos sugerem uma analogia com o mundo natural, onde ecossistemas e seus componentes experienciam um ciclo de vida - cidades-ecossistema crescem, envelhecem e decaem. Esta é uma forma de aparência - representação 'ideológica' - que pressupõe uma inevitabilidade cíclica, que por sua vez serve como legitimação para políticas de acumulação urbana e desapropriação. Espacial, pelo grande grau de evidência que a sensação de comutação assume no imaginário dos transeuntes. A sua teorização abstratizou interconexões economico-espaciais em laços comutativos e o impulso para representar a cidade nestes termos, rapidamente evoluiu para a ação política, gerando a cidade moderna, unitária, coerente, ordenada, áreas urbanas integradas em torno do ciclo de vida urbano e comutação quotidiana. 'Ideologias' suburbanas pós-guerra ainda hoje operam através de estratégias tecnocráticas que reestruturam as redes de mobilidade e que produzem e redistribuem os elementos de composições urbanas com o objectivo de universalizar a automobilidade do espaço urbano. Mesmo que na prática comum tenha ocorrido uma transição do ideal infraestrutural moderno, para a rede fragmentada neoliberal que privilegia competitividade em relação à equidade e que, nessa passagem, a coerência objectiva da cidade-sistema tenha depreciado, a percepção dessa coerência parece ter aumentado. A desagregação da comutação centralizada resultou na difusão de padrões de mobilidade, que para a experiência de cada sujeito se assemelham a uma zona de comutação agregada.

Cidade como tipo ideal: Cada cidade é imaginada como uma instância discreta do tipo ideal de cidade, o que legitima a sua comparabilidade, este é o tropo mais persistente analiticamente. É um paradigma herdado da tradição analítica e embora não tenha sido consensual quanto à substância da comparação - características fundamentais que ancoram a comparação -, a pressuposição da comparabilidade é uma constante. A disseminação terminológica para identificação de entidades urbanas enquanto instâncias de *cidade* é demonstrativa da falta de pertinência analítica dessa pressuposição. A evolução variegada e

235 Cf. Subcapítulo 2.1 - Metodologia Interpretativa, Lyotard

heterogênea das formas urbanas parece descredibilizar analiticamente esta ‘ideologia’ da competitividade entre cidades que tanto tem alimentado as políticas empreendedorais do capitalismo neoliberal. Se por um lado, a pragmática do jogo da competitividade parece reforçar a sua inevitabilidade, como uma condição da ordem natural - objecto real -, por outro, no imaginário comum, esse efeito consoma-se na promoção ‘ideológica’ de um *nós contra eles*. Cidades funcionam como instrumentos de narrativas ‘ideológicas’ que fixam territorialmente culturas às quais os indivíduos se remetem por afinidade²³⁶. Nesta interpretação cidade é instrumento de um modelo retórico²³⁷ de controlo de contexto²³⁸. A competitividade urbana ilustra uma confluência dos interesses de elites e da experiência quotidiana através de um modelo de representação ‘ideológico’.

*“Suburbanization and gentrification as accumulation strategies, sold on the myths of city and country; metropolitan integration, sold on the myths of automobility and the urban lifecycle; urban competitiveness, sold on the myths of an urban ‘us versus them’: radical geography and urban theory must uncover and resist both the policies and the myths.”*²³⁹

3.2.3 Teorização Estrutural e Empirismo Metodológico

A deslegitimação da *cidade* como categoria analítica, faz-se acompanhar de implicações mais profundas do que a mera terminologia. É uma ocorrência particular de uma manobra, de grande adesão da comunidade do urbanismo, de secessão metafilosófica cuja abrangência vai além da própria epistemologia - ontologias monistas, materialismo, realismo, requerem uma nova inspeção. Esta profunda deslocação parece reconstituir o imaginário do urbanista e a pragmática das linguagens urbanísticas segundo pressuposições fenomenológicas que: são parcialmente apropriadas pelo sujeito - parece-me irresponsável acreditar que alguém retenha essa totalidade; são inter-relacionadas e por vezes concebidas de formas inconsistentes entre sujeitos²⁴⁰. Como resultado deste cenário surgem várias contenções pragmáticas no que diz respeito ao valor de interpretações espaciais dos fenómenos urbanos, escalas de representação, relevância de enquadramentos teóricos estruturais, etc. A disseminação paradigmática - na terminologia de Kuhn²⁴¹ - resultante, trás algumas problemáticas:

- Correntes de investigação, contextualistas e empiricamente orientadas, de ele-

236 Cf. Subcapítulo 2.1.3.1 - Pragmática Narrativa

237 Cf. Subcapítulo 2.3.3.3 - Habermas, Controlo

238 Cf. Subcapítulo 2.3.2 - Consenso enquanto Função Performativa

239 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 87

240 Cf. Subcapítulo 1.4 - Saber Representar a Realidade

241 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

vado grau de especialização, rejeitam formas macroestruturais de argumentação. Recolha de dados, investigação concreta e refinamento metodológico, convergem em narrativas localistas e “*thick descriptions*”²⁴². Esta preferência, assenta na crença da capacidade descritiva dos retratos microsociais, como instrumentos metodológicos superiores para aceder à realidade dos fenómenos urbanos e suprimir alguns dos “*blind spots*”²⁴³ das narrativas estruturais. Mesmo quando integradas em narrativas contextualistas - portanto, com problematização teórica mais aprofundada -, o resulta é um espectro difuso de referentes, conotações, e condições, frequentemente derivadas de forma acrítica da experiência quotidiana - categorias fenomenológicas - e convertidas em compromissos analíticos. A incomensurabilidade das leituras urbanas empíricas é um dos maiores desafios estruturais com que o campo interdisciplinar do urbanismo se depara.

- Entre trabalhos de investigação motivados pelas atitudes mais analíticas e reflexivas, surge uma disseminação incomensurável de modelos analíticos, que discordam com respeito às contenções epistemológicas mais fundamentais “... *from the conceptualization of what urbanists are (or should be) trying to study to the justification for why they are (or should be) doing so and the elaboration of how best to pursue their agendas.*”²⁴⁴. A ideia de consenso mínimo assume, cada vez mais, a aparência de um horizonte impossível.

Há vários caminhos explorados atualmente: Recuperação da terminologia analítica herdada, reformulada e adequada às novas morfologias espaciais e aos padrões sociais, políticos e económicos que as constituem, a vantagem desta abordagem é que tenta estabilizar analiticamente um objecto científico claro, passivo de ser estudado - a estabilização de um regime científico tem as suas vantagens²⁴⁵ -, mas a acumulação lexical resultante parece indicar alguma ingenuidade quanto à complexidade desse procedimento; alguns teóricos consideraram descartar completamente os enquadramentos analíticos em vigor, presumindo que o imaginário conceptual do que é urbano e a sua materialidade corolária, estão associados a uma “*form of life*”²⁴⁶, a constante transformação dessa forma de vida excede e trivializa as reduções denotativas, classificações nominais e as suas representações cartográficas. Enquadramentos inespaçiais desconsideram as formações materiais e concentram-se exclusivamente na análise sociológica de processos constituti-

242 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 91

243 Ibidem, p. 92

244 Ibidem, p. 92

245 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 76

246 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

vos. Outras abordagens disruptivas, embora mantenham a componente espacial, anulam a bagagem epistemológica passada e reinterpretam as problemáticas urbanas a partir de uma folha conceptual branca²⁴⁷.

Os critérios de relevância no urbanismo são tão diversos quanto os propósitos a que o jogo se remete, vivemos um momento em que nunca se atinge o consenso mínimo porque a pragmática das linguagens urbanas perspectiva propósitos fundamentalmente diferentes. A crença nas abordagens puramente analíticas já não é parte significativa do discurso sobre a condição urbana, mas persiste no subentendimento dos agentes das práticas urbanas - transição aparente de *factos* sociológicos para *memes* culturais²⁴⁸.

O significado da linguagem está no uso. A distinção entre categorias práticas e analíticas é uma ferramenta interpretativa que permite afetar a pragmática das linguagens urbanas, atribuindo significações diferentes ao imaginário fenomenológico da condição urbana e às conceptualizações desenvolvidas e refinadas reflexivamente pela teoria e investigação. Nesta dualidade o urbano é reimaginado como uma “*concrete abstraction*”²⁴⁹, os lugares urbanos só podem ser representados substantivamente com referência histórica aos processos socioespaciais que os produzem - há algo de pós-moderno, na teorização consciente das classificações substantivas, a partir da contingência narrativa da sua constituição histórica. Tal como proposto por Lyotard, o desenvolvimento do conhecimento urbano não é teleologicamente perspectivado para uma condição realizada ou realizável, é um horizonte que vai reconfigurando orientações teóricas mediante profundas deslocações fenomenológicas.

A representação cognitiva, em ambiente de permanente reformulação, exige maior plasticidade que a estruturação racionalmente determinada, é necessário orientar a competência de *saber imaginar* para um mapeamento cognitivo cujos critérios de determinação são estéticos e temporários. Esta metodologia, mais que qualquer outra, deve ser abordada com um sentimento de responsabilidade pela transparência. Este é um apelo pela ética da comunicação que só pode ser conseguido em duas condições: a conquista da consciência quanto às pressuposições éticas, subliminares, daquilo que será comunicado - mesmo enunciados denotativos, em última instância estão associados a asserções estéticas e/ou éticas²⁵⁰ - e a enunciação explícita dessas pressuposições - em vez de as deixar implícitas.

247 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 93

248 Cf. Subcapítulo 2.1.2 - Uma Analogia Esclarecedora

249 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 95

250 Cf. Subcapítulo 2.3.3.5 - Apelo Ético

DA ESTÉTICA À ÉTICA (PÓS)MODERNA

Da Cultura e da Função Pedagógica da Arte

Capítulo 04

*“The great obsession of the nineteenth century was, as we know, history: with its themes of development and of suspension, of crisis, and cycle, themes of the ever-accumulating past, with its great preponderance of dead men and the menacing glaciation of the world. The nineteenth century found its essential mythological resources in the second principle of thermodynamics. The present epoch will perhaps be above all the epoch of space.”*²⁵¹

A época do *espaço* coloca o urbanismo numa posição de grande visibilidade política e grande *responsabilidade* social. Nesta época, o *espaço* não é um conceito rector, existem múltiplas interações do valor daquilo que é espacial, uma variedade tão grande que os alicerces que sustentam urbanismo como campo de inquérito já pouco devem ao estruturalismo epistemológico. Postulações *ideológicas* são o menor denominador comum, o espaço e o *urbano* são desmultiplicados em “*matérias em discussão*”²⁵² e deixam pouca saudade dos fixismos do passado. No meio de tanta deriva, a valorização da *responsabilidade* significa qualquer coisa como a valorização de uma *atitude autónoma*. A autonomia, significa qualquer coisa como: permanente *reflexão* quanto à própria posição política do sujeito e ao que as práticas de transformação dos espaços comuns preconizam. A interpretação do espaço e dos seus modos de produção é uma tarefa incontornável para o urbanista e exige reflexão quanto às duas perguntas lançadas no Capítulo 1: Para quê mapear? Como se pode mapear?

Este Capítulo explora a concepção de *mapeamento cognitivo*, inquire quanto às pressuposições ideológicas que geram esse conceito - como proposto por Fredric Jameson - e problematiza a sua relação com posturas ideológicas que não pertencem a polos políticos opostos, mas oferecem contraste suficiente para estimular reflexão - já introduzidas anteriormente na análise à obra de Lyotard.

“Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism” de Fredric Jameson oferece uma perspectiva essencial nesta fase da tese. A condição *pós-moderna* descrita até agora gravitou principalmente em torno dos modos de saber científicos/narrativos: do seu valor pragmático enquanto modelos linguísticos de sociabilidade, nomeadamente a sua influencia na legitimação de ideologias políticas e modelos de organização económica. A obra de Jameson complementa esse enquadramento para uma leitura

251 Cf. FOUCAULT, Michel (1987). *Of Other Spaces - Utopias, Heterotopias*

252 DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias, p. 34

mais focada no *status* da *cultura*, através de uma perspectiva filosófica que contrasta com a de Lyotard. A obra de Jameson expande o campo de reflexão da tese para uma temática fundamental, pouco explorada até aqui, ao mesmo tempo que oferece uma metodologia de interpretação alternativa, o que permite problematizar algumas considerações dos subcapítulos anteriores, por contraste.

Jameson elabora uma análise da cultura - entendida na sua relação com a estética e com a economia -, baseada numa teoria de periodização histórica. O objeto de análise é especificamente o *pós-modernismo*, entendido como uma estrutura relacional historicamente distinta do *modernismo*. A afiliação intelectual do autor com um enquadramento Althusseriano de marxismo informa grande parte da metodologia pela qual o dito *pós-modernismo* é interpretado, bem como o tom discursivo da obra, que se vai aproximando das imediações de uma teoria da cultura muito alinhada com as ambições do projeto da Teoria Crítica - associado à Escola de Frankfurt.

O autor diagnostica uma generalização de práticas utilitaristas no mundo da arte, onde a vontade para a crítica política e social é abandonada em detrimento de uma mentalidade algures entre o consumismo e uma ironia niilista. Estes sintomas são atribuídos à sobreposição das lógicas capitalistas ao *inconsciente político* do sujeito, como consequência da permanente *desrealização* de teleologias *históricas*, estruturas teóricas *totalizantes* e descredibilização da possibilidade de *autonomia* crítica. Por último o autor esboça uma perspectiva estética que permite resgatar algum senso à incerteza e inquietação que caracterizam a condição pós-moderna, através do exercício de *mapeamento cognitivo*, restituindo alguma *profundidade* à vontade para a reflexão.

As teses que se seguem dizem respeito ao subcapítulo Metodologia Interpretativa e pretendem esclarecer quanto:

- Às proposta de conceptualização de uma condição pós-moderna perspectivada por ocorrências na esfera cultural.
- À possibilidade de uma teoria de periodização que confira especificidade histórica ao momento pós-moderno.
- À possibilidade de um posicionamento autónomo, com distanciamento crítico do objeto de estudo: a dialética histórica do capitalismo.

- Ao diagnóstico da relação entre a produção cultural e a mentalidade consumista generalizada pela liberalização do mercado.
- À possibilidade de conceptualizar uma totalidade pós-moderna, recorrendo ao sentimento alusivo de sublime.
- À conceptualização fenomenológica de mapeamento cognitivo.
- À possibilidade de expandir essa conceptualização de forma a integrá-la num Althusseriano de teoria crítica.
- À razão de ser do aparato teórico: dotar o sujeito de competência reflexiva e orientações teóricas para a desalienação, com o propósito maior de informar práticas reformistas de justiça políticas.

O *construto* analítico de Jameson enquadra-se assumidamente com o projeto mais alargado de teoria crítica, uma das consequências desse gesto, é possibilitar pontos de contacto entre as suas ideias e aquilo que Neil Brenner refere como teoria urbana crítica. Teoria crítica é um termo que abriga uma diversidade enorme de perspetivas, muitas vezes incompatíveis, mas, a pesar dessa heterogeneidade, Neil Brenner identifica um *core* pragmático composto por quatro postulados transversais às perspetivas que se identificam como *críticas*. A partilha de uma pragmática de inquérito - simultaneidade lexical, metodológica, pressupositiva, etc. -, cria a ponte entre os estudos urbanos de autores como Wachsmuth e Brenner com autores de outros campos de inquérito como Jameson e permite a importação dos contributos do último para o campo interdisciplinar do urbanismo.

No próximo subcapítulo serão enunciados os quatro postulados da Teoria Crítica - como Brenner - os propõe e a possibilidade de integração da ideia de *mapeamento cognitivo* na teoria urbana crítica:

As teses que se seguem dizem respeito ao subcapítulo Teoria Crítica e pretendem esclarecer quanto:

- Às quatro premissas interdependentes que sustentam o projeto da teoria crítica.
- Às possibilidades abertas pela integração das ideias avançadas por Jameson na teoria urbana crítica.
- À função do conceito de mapeamento cognitivo para a teoria urbana crítica.

Tanto na filosofia política de Lyotard como de Jameson, existe um propósito concreto - o de *mudança social* -, no entanto existe uma disjunção significativa na forma como os autores abordam a relação entre orientações teóricas e práticas sociais. Lyotard recorre a um estilo de discurso *protopolítico* enquanto que Jameson opta por uma abordagem que pretende integrar a orientação abstrata com práticas concretas. Se por um lado, há uma comunhão de valores entre os autores, que pende para a *esquerda* política, por outro, a quebra de Lyotard com teorias socialistas de influência marxista - como a teoria crítica - cria uma disjunção na *ideologia* política dos autores e uma disjunção corolária na metodologia interpretativa com que abordam o *real*.

Toda essa diferença torna-se especialmente relevante quando apontada para o conceito de *(pós)modernismo*, porque é ao abrigo desse conceito que o mapeamento cognitivo proposto por Jameson e adotado por urbanistas críticos como Brenner e Wachsmuth - mas não só - ganha especificidade, ganha valor teórico. As asserções que ambos os autores fazem carregam uma tensão ética e neste último subcapítulo serão apontadas algumas das vicissitudes dessa condição.

As teses que se seguem dizem respeito ao subcapítulo Disjunção Metodológica e pretendem esclarecer quanto:

- À disjunção ideológica que está na base da disjunção metodológica entre Jameson e Lyotard.
- À possibilidade de confrontar o protocolo pragmático dos dois autores por intermédio de conceitos basilares da teoria crítica.
- À natureza temporal de um modo de produção.
- À relação entre modernismo e pós-modernismo, como ocorrências com especificidade cultural, ou ressonâncias intemporais despoletadas pela sensibilidade.
- À disjunção filosófica no modelo de psique assentido pelos autores.
- À finalidade prática de uma retórica protopolítica e uma retórica reformista.
- À disjunção ética entre uma filosofia de profundidade e uma de diferença.

4.1 Metodologia Interpretativa, Jameson

A introdução de algumas ideias de Fredric Jameson é adequada neste ponto da tese, porque informam sobre uma leitura cultural que ajuda a ilustrar que as nossas representações colectivas do *real* são sensíveis ao contexto social e, como venho a defender - a par da atitude de cada um -, acabam por funcionar como telas aderentes para proposições ideológicas que constituem o imaginário do sujeito e que servem de referencial para decisões práticas.

O conceito de *pós-modernismo* assume-se como figura central da análise e serve como enquadramento histórico de um momento em que a *cultura* - tematicamente perspectivada na sua relação com a estética e a economia²⁵³ - sofre uma deslocação relativamente ao período moderno - não esquecendo que estes temas comprimem apenas parte daquilo a que o termo pós-modernismo dá cobertura, na concepção de Jameson:

*“... theories of the postmodern—whether celebratory or couched in the language of moral revulsion and denunciation—bear a strong family resemblance to all those more ambitious sociological generalizations which, at much the same time, bring us the news of the arrival and inauguration of a whole new type of society, most famously baptized ‘post-industrial society’ (Daniel Bell), but often also designated consumer society, media society, information society, electronic society or ‘high tech’, and the like.”*²⁵⁴

A constatação desta característica transversal do conceito faz-se acompanhar de uma outra que considero importante e que já foi parcialmente retratada anteriormente²⁵⁵: a quebra da soberania intelectual do *realismo* e *racionalismo* moderno fez rebentar a barreira entre *ideologia* e *razão* pura, isso faz com que a política - cujos postulados fundamentais estão enraizados no domínio da ética - encontre uma arena de disputa em tudo o que a *estética* e o *saber* tocam: *“... every position on postmodernism in culture— whether apologia or stigmatization—is also at one and the same time, and necessarily, an implicitly or explicitly political stance on the nature of multinational capitalism today.”*²⁵⁶

Jameson teoriza uma metodologia imaginativa - uma orientação profunda para o exercício da competência de *saber imaginar* - que possibilite, em última instância, a desa-

253 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. VII

254 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 55

255 Cf. Subcapítulo 2.3.3.5 - Apelo Ético

256 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 55

alienação do sujeito, relativamente a um espaço político e social imperceptível, através do exercício de mapeamento cognitivo. Em termos metodológicos produz uma análise cultural a partir de uma teoria de periodização histórica²⁵⁷, uma abordagem diferente do método linguístico de Lyotard - embora compatível em certos pontos -, mais próxima do universo de teorias que derivaram e transformaram o Marxismo tradicional, mais focada na leitura *dialéctica* dos desenvolvimentos históricos na esfera da cultura com particular atenção às artes, resgatando a sua função pedagógica em matéria de representação do imaginário político e social. Essa periodização é construída em paralelo ao trabalho de Ernest Mandell que identifica três momentos de desenvolvimento tecnológico sob capitalismo, cada um marca uma expansão dialéctica em relação ao anterior: capitalismo de mercado - 1848 -, capitalismo monopolista - 1890 - e capitalismo tardio - a partir de 1940. Estes três períodos sublinham os três estados culturais avançados por Jameson: realismo, modernismo e pós-modernismo.

Na metodologia de análise histórica de Jameson - como na de Lyotard - a importância da função pedagógica da arte é enaltecida²⁵⁸. Ambas as metodologias parecem ocupar a posição explicativa da *razão* - no sentido das metanarrativas modernas - pela *estética* no momento de imaginar os conceitos mais abrangentes - como totalidade, realidade, etc. A evolução da arte encabeça a substanciação dessa manobra cognitiva e tem a particularidade de não constituir uma empreitada denotativa fixa em ambições *logocêntricas* que ambos os autores rejeitam.

No momento de identificação de um novo movimento dialéctico, Jameson convoca a teoria cultural para propor uma estética alternativa, extraída da experiência pós-moderna:

*“... it is at this point that we must reintroduce the problem of aesthetic representation already explicitly developed in Kant’s earlier analysis of the sublime—since it would seem only logical that the relationship to, and representation of, the machine could be expected to shift dialectically with each of these qualitatively different stages of technological development.”*²⁵⁹

A concepção de pós-modernismo proposta não é estilística, é histórica. A distinção faz-se na medida em que a primeira é uma categoria de classificação - entre outras - que vive na esfera do juízo moral - no sentido clássico -, seja a congratulação complacente de um novo universo estético, seja a sua rejeição por completo apontando a trivialidade da estética mediática pós-modernista que só reforça a reprodução do sistema capitalista que critica e satiriza: *“... the position of the cultural critic and moralist (...) along with all*

257 Ibidem, p. 55

258 Ibidem, p. 89

259 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 78

the rest of us, is now so deeply immersed in postmodernist space, so deeply suffused and infected by its new cultural categories, that the luxury of the oldfashioned ideological critique, the indignant moral denunciation of the other, becomes unavailable."²⁶⁰. Esta posição anti-moralista também é presente na versão da *Ideia* de Lyotard: "... *aesthetic, rather than moral, judgments.*"²⁶¹

A segunda propõe uma interpretação crítica na qual o próprio conceito de *distância crítica* é motivo de reflexão.

4.1.1 Autonomia e Distância Crítica

Jameson propõe a adoção de uma atitude bastante compatível com a ideia de atitude autónoma que venho a defender, no entanto, tal como na versão da palavra 'ideologia' de Wachsmuth há uma variação/redução temática que a enquadra na pragmática da *teoria crítica* -, não podemos esquecer as lições de Kuhn que excedem o campo da filosofia da ciência, nomeadamente a incomensurabilidade entre significados diferentes que possam partilhar o mesmo significante²⁶². O conceito de *autonomia* para Jameson constitui-se numa primeira fase num espaço entre o domínio das práticas sociais e o domínio da crítica cultural, onde foi tradicionalmente teorizado como ferramenta de orientação - a atitude que alimenta a empreitada teleológica de desalienação do sujeito: "*No theory of cultural politics current on the Left today has been able to do without one notion or another of a certain minimal aesthetic distance, of the possibility of the positioning of the cultural act outside the massive Being of capital, which then serves as an Archimedean point from which to assault this last.*"²⁶³.

A novidade vem numa segunda fase de desenvolvimento do conceito no encontro com a condição pós-moderna, uma expansão da cultura para tudo o que ao domínio político e social diz respeito. O que aconteceu com a cultura pós-moderna, segundo Jameson, foi a desintegração da *distância crítica* numa explosão da cultura para o domínio das práticas sociais, ao ponto de tudo o que à vida diz respeito - valores económicos, poder Estatal, a própria *psique* do sujeito²⁶⁴ - ser indissociável da esfera cultural, ainda que não tenha sido devidamente enunciada a teorização desse fenómeno. A cultura crítica parece estar imersa no universo onde imperam as lógicas do seu objecto crítico - o capitalismo multinacional. Tal como a perda de legitimidade da pragmática científica deixa

²⁶⁰ Ibidem, p. 86

²⁶¹ KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 33

²⁶² Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.2 - Revoluções Científicas

²⁶³ JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 78

²⁶⁴ Ibidem, p. 63

bastantes dúvidas quanto à sua autonomia em relação ao domínio *ideológico*²⁶⁵, também a teoria crítica parece incapaz de sustentar a própria pragmática que garantia a sua autonomia²⁶⁶. Há algo de trágico no momento em que o jogo da arte crítica não consegue mais servir o seu propósito e desintegra-se no jogo do capital em inúmeras instâncias de reprodução de *simulacrum*. É nesse ambiente que o autor encontra a oportunidade de resgatar algum poder analítico ao nível metodológico na interpretação do conceito de *totalidade* da cultura pós-moderna, acompanhado da austeridade de um imperativo dialético, capaz de perspectivar o desenvolvimento do capitalismo como algo positivo e negativo ao mesmo tempo. Para compreender essa manobra teórica é necessário primeiro compreender o que essa totalidade *é*, até porque informa diretamente o trabalho de urbanistas como Wacshmuth e Brenner - “*postmodern totality*”²⁶⁷, “*global capitalist system*”²⁶⁸.

4.1.2 Simulacra e Sublime

O autor opta por um modelo teórico com características assumidamente marxistas.

*“The persistence of issues of power and control, particularly in the increasing monopolization of information by private business, would seem to (...) reconfirm the privileged status of Marxism as a mode of analysis of capitalism proper.”*²⁶⁹

A pragmática tradicional das teorias marxistas requer a identificação de um modo de produção que inclua uma perspectiva sobre o papel histórico e dialético da cultura, no entanto, a sua contestação perante a generalização da comodificação da cultura acusa alguns problemas metodológicos que exigem uma reforma/renovação da perspectiva sobre a função cultural.

“What remains problematical (...) is of course the difficulty of articulating cultural and informational commodities with the labor theory of value, the methodological problem of reconciling an analysis in terms of quantity and in particular of labor time (or of the sale of labor power in so many units) with the nature of “mental” work and of nonphysical and nonmeasurable “commodities” of the type of informatio-

265 Cf. Subcapítulo 2.4.1 - Deslegitimação das Metanarrativas

266 Cf. Subcapítulo 3.1 - Antinomia

267 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 78

268 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 104

269 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XIII

*nal bits or indeed of media or entertainment “products.”*²⁷⁰

A análise do *status* da cultura - numa intenção analítica semelhante à análise do *status* do conhecimento de Lyotard - começa com a exploração de um conceito clássico.

Simulacra diagnostica a coleção de instâncias de um modelo de reprodução da arte próximo daquele descrito anteriormente²⁷¹, quando o propósito da arte se entrega à pragmática performativa. A arte pós-moderna entrou num período de canibalização historicista - especialmente notório na arquitetura - onde o referente das representações criadas é também uma representação, um estilo, uma forma de aparência - presente na primazia do “neo” como Lefebvre repara²⁷², na função do *kitsch*²⁷³, no gosto pelo *pastiche*²⁷⁴, tudo isso são sintomas de um tipo de atitude para com a arte.

*“It is for such objects that we may reserve Plato’s conception of the ‘simulacrum’—the identical copy for which no original has ever existed. Appropriately enough, the culture of the simulacrum comes to life in a society where exchange-value has been generalized to the point at which the very memory of use-value is effaced...”*²⁷⁵

A imagem que serviu como forma de apresentação de algo no passado é, neste contexto, o próprio objecto de apresentação. Autenticidade - no sentido da tradição crítica - perdeu o assentimento da comunidade relevante e explodiu para o ecletismo²⁷⁶ entregue ao contexto social mais dominante: “... *penetration of commodity fetishism into those realms of the imagination and the psyche which had, since classical German philosophy, always been taken as some last impregnable stronghold against the instrumental logic of capital.*”²⁷⁷

No jogo cultural pós-moderno, os *memes* mais fecundos²⁷⁸ são *reificações* da imagem que associam o *fetiche* pelo passado - eras de maior clareza que permitiam a recollecção do colectivo - com o *fetiche* por mercadoria - próprio do consumismo em ambiente

270 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XV

271 Cf. Subcapítulo 1.1 - Ironia

272 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 66

273 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 76

274 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 78

275 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 66

276 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 76

277 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XV

278 Cf. Subcapítulo 2.1.2 - Uma Analogia Esclarecedora

de capitalismo multinacional: ““*the image is the last stage of commodity reification*”...”²⁷⁹. Falta compreender a que se deve essa fecundidade, ou por outras palavras, quais as forças que orientam a afetividade colectiva, se é que essas forças são concebíveis.

Este aspecto do movimento dialéctico proposto por Jameson, tem a particularidade de conferir identidade teórica à persistência de fragmentos ideológicos intelectualmente e politicamente ultrapassados, além do seu papel tradicional como narrativas dominantes, agora como constituintes daquilo a que chama um *inconsciente* político²⁸⁰. Na inflexão linguística de Lyotard, a tapeçaria paralógica de pequenas narrativas - como pequenas formações locais sensíveis aos mais distintos propósitos e regras pragmáticas - surgem na ausência das metanarrativas dominantes que marcaram a modernização da ideologia política - aliás, surgem como reacção a esse ambiente de dominação - mas não respondem pela palpável persistência e viciação do universo das práticas sociais - e não só - pelo ADN²⁸¹ dessas narrativas, que está intimamente relacionado com a reprodução de *simulacra* no domínio da arte. O motivo pelo qual retêm algum valor analítico explica-se fenomenologicamente, na persistência da sua função enquanto essência constitutiva²⁸² que habita o *inconsciente* político dos agentes sociais, um modo de: “... “*thinking about*” and *acting in our current situation. This persistence of buried master-narratives in what I have elsewhere called our “political unconscious,” ...*”²⁸³

É precisamente neste espaço que Brenner²⁸⁴ e Wachsmuth²⁸⁵ encontram a matéria teórica para estabelecer a separação entre categorias de análise e categorias de prática e resgatar uma espécie de autonomia condicionada que permite montar um discurso sobre a condição urbana a partir de uma versão atualizada de teoria crítica²⁸⁶.

Ainda que esta conjuntura represente um domínio da cultura estilhaçado em inúmeros momentos de *falsidade*, imaginar que são apenas jogos miméticos para o propósito de comercialização ou que são como textos soltos - “*petit recits*”²⁸⁷ - que entretêm apenas uma heterogeneidade irredutível, desprovidos de qualquer relação é precipitado:

279 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XV

280 Ibidem, p. XII

281 Cf. Subcapítulo 2.1.2 - Uma Analogia Esclarecedora

282 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. *New Left Review*, nº 146, p. 53-92, p. 78

283 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XII

284 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. *Public Culture*. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 96

285 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. *Environment and Planning D: Society and Space*, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 76

286 Cf. Subcapítulo 3.2.2 - Cidade como Representação do Processo Urbano

287 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 60

*"... the vivid perception of radical difference is in and of itself a new mode of grasping what used to be called relationship: something for which the word collage is still only a very feeble name."*²⁸⁸

Num cenário onde os *canons* históricos são convertidos em artefatos e as macroestruturas de recollecção perderam aderência no jogo cultural, o Laço cultural rompe sucessão e parece constituir-se naquilo que só pode ser se explicado numa proposição paradoxal, "... *'difference relates'.*"²⁸⁹. A incomensurabilidade dos movimentos científicos - na terminologia de Kuhn²⁹⁰ - significa que a sua comparação nunca chega a ser epistemologicamente significativa, perante uma perspectiva realista de *verdade*, no entanto, a pragmática da cultura já não deve a esse modelo de epistemologia - se é que alguma vez deveu -, a ausência de uma linguagem comum é um problema incontornável apenas no que à denotação diz respeito, mas perante a identificação da cultura vocabular em que a avaliação é feita, a tarefa torna-se possível²⁹¹. A arte tem outras ferramentas interpretativas e outras formas de representação que a ciência não tem e mesmo que a história da arte pareça ser um referente condenado à permanente "... *passive selfcritique, relentless self-reference and self-canonization, and endless re-evaluation and recontextualization of itself.*"²⁹², as suas múltiplas iterações trazem à superfície um "... *new type of emotional ground tone...*"²⁹³, cujo objecto de culto surge em figuras distorcidas, como na insistência literária em narrativas de "*high tech paranoia*"²⁹⁴ - a generalização de um *sensorium* quase Kafkaesco alimentado por narrativas conspiratórias deficitárias e distorcidas da realidade, uma visão da sociedade como um grande computador de dinâmicas burocráticas, mas que, em todo o caso, são indicativas de uma vontade/desejo ou até necessidade latente "... *to think the impossible totality of the contemporary world system.*"²⁹⁵.

A tecnologia sempre teve um valor estético particularmente elucidativo quanto às dinâmicas sociais da sua época, no entanto, nunca foi perspectivada pelo marxismo como uma causa em si, mas como o produto de um processo de desenvolvimento capitalista. Essa propriedade abreviadora, quase heurística, sempre foi conseguida de forma relativamente mimética, a apresentação de certos objetos tecnológicos - como estandartes do espírito de modernização - era suficiente para aludir: à sua função, ao modelo de trabalho em que eram produzidos, ao modelo de distribuição e consumo, até à expectativa de um futuro acelerado e evocado pelos desenvolvimentos tecnológicos que mais marcaram a sua época. Ao contrário, o revestimento do computado, televisão e

288 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 76

289 Ibidem, p. 75

290 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.2 - Revoluções Científicas

291 Cf. Subcapítulo 1.1 - Ironia

292 SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]

293 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 58

294 Ibidem, p. 80

295 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 80

outras formas de media, não evocam o mesmo poder elucidativo através da figura, o que retorna sobre o ponto inicial:

*“... I want to suggest that our faulty representations of some immense communication-
al and computer network are themselves but a distorted figuration of something even deeper,
namely the whole world system of present-day multinational capitalism.”*²⁹⁶

Apenas através dos trabalhos pós-modernos mais energéticos é possível ultrapassar temática e conteúdo para constatar a evocação de uma *“... enormous and threatening, yet only dimly perceivable, other reality of economic and social institutions that in my opinion the postmodern sublime can alone be adequately theorized.”*²⁹⁷

Sublime é um conceito concebível, mas a sua tradução para uma representação colectiva nunca chega a cumprir os requisitos pragmáticos de rigor, nem é esse o seu propósito. É um conceito alusivo a uma sensação, nunca chega a ter uma descrição completa e coerente ou a constituir uma abstração científica à maneira das ciências sociais e humanas modernas. É um conceito à medida da pragmática do jogo cultural em que é explorado.

Jameson sugere uma conceptualização de *sublime* Kantiana²⁹⁸, como ponto de partida, por incluir a própria questão da sua representação: alude, não só, à simultaneidade do deslumbramento e terror, no confronto do organismo humano com a incomensurabilidade da Natureza, mas também aos limites da figuração e incapacidade da mente humana representar tais forças. Neste contexto, é fácil reconhecer o imaginário urbano a que o aparo modernista recorreu, para categorizar a relação entre o sujeito, espaço urbano e espaço natural²⁹⁹.

*“... the object of the sublime is (...) not only a matter of sheer power and of the physical incommensurability of the human organism with Nature, but also of the limits of figuration and the incapacity of the human mind to give representation to such enormous forces.”*³⁰⁰

Enquanto que no passado o *sublime* era adjudicado de uma visão de sociedade imersa na pureza romântica de uma Natureza pré-capitalista, Jameson não se satisfaz com essa exteriorização, o *zeitgeist* das sociedades pós-modernas eclipsou esse ideal numa

296 Ibidem, p. 79

297 Ibidem, p. 80

298 Ibidem, p. 77

299 Cf. Subcapítulo 3.2.2 - Cidade como Representação do Processo Urbano

300 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 77

nova projeção fenomenológica, um novo exterior, um novo *outro* ³⁰¹.

O que já foi aqui chamado de sublime pós-moderno, apresenta o conteúdo mais explícito para a construção de um espaço de representação - embora esse espaço não seja passível de ser consumado em representação. Mesmo os trabalhos de representação pós-modernos mais irrefletidos, que produzem distorções de uma *nova realidade*, trazem algo à superfície a necessidade de consumir representação de uma *realidade* que permanece fora do alcance da denotação e agora mais que nunca fora do alcance da percepção e da qual o próprio sujeito permanece, em última análise, alienado. Segundo Jameson, o valor analítico do conceito de sublime pós-moderno encontra validação além das representações *ideológicas* que o fazem emergir, que por si, podem não passar de reproduções de *simulacra*, mas quando reunidas e observadas em conjunto, aludem a algo historicamente significativo, precisamente pela onnipresença da sensação de alienação do sujeito perante a nova totalidade do espaço capitalista multinacional. Essa sensação identifica um *outro* que já não é a Natureza, nem a tecnologia de produção, é um referente diferente que requer teorização.

O propósito da narrativa já foi enunciado, é a desalienação, mas essa é uma questão que se resolve dentro de uma bastante maior: desalienação só é possível perante a possibilidade de um modelo de *profundidade*.

“Overhastily, we can say that besides the hermeneutic model of inside and outside (...), there are at least four other fundamental depth models which have generally been repudiated in contemporary theory: the dialectical one of essence and appearance (...); the Freudian model of latent and manifest, or of repression (...); the existential model of authenticity and inauthenticity, whose heroic or tragic thematics are closely related to that other great opposition between alienation and disalienation, (...) and finally, latest in time, the great semiotic opposition between signifier and signified, (...). What replaces these various depth models is for the most part a conception of practices, discourses and textual play (...): suffice it merely to observe that here too depth is replaced by surface, or by multiple surfaces (what is often called intertextuality is in that sense no longer a matter of depth).” ³⁰²

É por isso que estes dois conceitos - *simulacra* e *sublime* - são tão centrais. De forma esquemática podemos considerar que a sociedade de *simulacra* é uma sociedade que perdeu a profundidade e que existe no plano achatado onde se dispersam inúmeras práticas niveladas e relacionadas por nada mais que a incomensurabilidade que as afirma na diferença, esta é a caricatura de uma representação da realidade - com especial aten-

301 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, n° 146, p. 53-92, p. 77

302 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, n° 146, p. 53-92, p. 62

ção à cultura - que na mesma linha interpretativa anterior³⁰³ - assumidamente arriscada - mobiliza a narrativa do autor. A própria retórica acusa a natureza do receio:

*“Can we in fact identify some ‘moment of truth’ within the more evident ‘moments of falsehood’ of postmodern culture? And, even if we can do so, is there not something ultimately paralysing in the dialectical view of historical development proposed above; does it not tend to demobilize us and to surrender us to passivity and helplessness, by systematically obliterating possibilities of action under the impenetrable fog of historical inevitability?”*³⁰⁴

A representação pessimista acima esquematizada - na minha interpretação -, faz-se acompanhar da difusão de ambiências urbanas que replicam e reforçam a alienação do sujeito em relação ao espaço e cultura onde se insere: “... *daily life in the city can now be experienced in the form of some strange new hallucinatory exhilaration ...*”³⁰⁵. Isto é notório nos jogos culturais que ganham força em ambiente pós-moderno - como o hiper-realismo da representação imagética das paisagens citadinas. A divisão entre a representação do corpo e do trabalho, onde no passado se podiam traçar continuidades palpáveis entre máquina/indústria e homem, hoje diluem-se na percepção de um hiperespaço digitalizado que cria um desfazamento sem precedentes e que deixa a cognição sem recursos ou método para mapear o mundo exterior. Em paralelo os grandes *esquemas* racionais atravessam um período de deslegitimação, o sujeito vive alienado da realidade envolvente de forma transversal tanto no domínio epistemológico como no fenomenológico. Jameson equaciona estas e outras mudanças de paradigma com um novo movimento dialéctico de identidade histórica particular, com um modelo possível de profundidade apoiado no *sublime* que penetre para lá da superfície e que não constitui uma resolução, mas que carrega em si alguma esperança.

É por tudo isto que a exploração da temática do mapeamento cognitivo é tão urgente para o urbanismo, que se ocupa do espaço colectivamente e politicamente representado, enquanto se encontra no cruzamento de uma variedade interdisciplinar paralisante. As tentativas construtivistas de modelos que aspiram a uma epistemologia ou a uma fenomenologia urbana caem no mesmo erro que o sujeito moderno quando concentra a observação numa obra de arte, na esperança de contrair em si uma representação realista de algo e se esquece de si próprio no processo - a prática de uma estética só, condenada à distorção. A alternativa é aceitar a sugestão de Jameson e investir na empreitada impossível de alargar o campo de visão e conceber simultaneamente a coleção das diferentes práticas da condição pós-moderna, conscientes da posição pela qual

303 Cf. Subcapítulo 1.1 - Ironia

304 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 80

305 Ibidem, p. 76

a perspectivamos. Embora não seja possível condensar esse universo em representação, através da alusão torna-se possível conceber a constituição do Laço Social que as une nas mais diversas atitudes e as inter-relaciona na diferença.

*“What we must now affirm is that it is precisely this whole extraordinarily demoralizing and depressing original new global space which is the ‘moment of truth’ of postmodernism. What has been called the postmodernist ‘sublime’ is only the moment in which this content has become most explicit.”*³⁰⁶

4.1.3 Mapear

O mapeamento cognitivo é conceptualizado recorrendo à célebre abordagem fenomenológica de Kevin Lynch na obra “The image of the city” como ponto de partida. Aqui Jameson tem um gesto semelhante à conceptualização de *autonomia* e de *sublime*: encontra um ponto de contacto num conceito já existente e reinterpreta em abrangência e substância os seus contornos, à luz das condições do momento histórico perspectivado.

A abordagem de Lynch é assumidamente fenomenológica e logo no início são enunciados alguns postulados e os traços gerais da metodologia interpretativa. Será suficiente clarificar alguns destes aspectos para compreender a integração da proposta de mapeamento de Lynch na concepção mais larga de Jameson:

4.1.3.1 Modelo de Kevin Lynch

O autor delimita claramente a área de ação/interesse do estudo: “... a qualidade do ambiente visual da cidade americana ...”³⁰⁷, mas com especial atenção para um dos aspectos dessa qualidade visual, a “*legibilidade*”³⁰⁸. De seguida é identificado um objecto a partir do qual a *legibilidade* da cidade será avaliada, “... a *imagem mental* que os cidadãos têm dela ...”³⁰⁹, portanto, o estudo foca-se na avaliação da *legibilidade* da cidade a partir da *imagem* mental que os seus cidadãos têm dela.

“Tal como esta página impressa, sendo legível, pode ser compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis, assim também uma cidade legível seria aque-

306 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, n° 146, p. 53-92, p. 88

307 LYNCH, Kevin (1960). *The Image Of The City*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2011, p. 10

308 Ibidem, p. 10

309 Ibidem, p. 10

*la cujas freguesias, sinais de delimitação ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais.”*³¹⁰

Na citação acima, ao mesmo tempo que é esclarecido o conceito de *legibilidade*, são introduzidos os elementos constitutivos de uma *imagem* mental de cidade no modelo proposto: *estrutura*, *identidade* e *símbolo*. A par da identificação desses elementos uma nova problemática surge, o problema do espaço onde *existem*, é esse o momento em que a argumentação torna para as imediações psicanalíticas: “... *temos de considerar a cidade não como algo em si mesmo, mas como objecto da percepção dos seus habitantes.*”³¹¹

Identidade é descrita como o “... *reconhecimento de um objecto como entidade separável.*”, não é necessariamente perspectivada como representação mimética de algo *real*, mas como uma “... *individualidade ou particularidade*”³¹². Os elementos da *imagem* que nos são perceptualmente distintos. A *estrutura* é relativamente simples de conceber, é o conjunto de relações espaciais do objecto com o observador e com os outros objetos. O terceiro elemento é mais problemático, o *significado*, onde Lynch parece condensar as relações entre sujeito e objecto que não estão contidas na identidade ou estrutura, relações além das visuais, aquelas que são emocionais e práticas³¹³.

O *significado* da cidade não é aprofundado na obra. O autor começa por estabelecer a possibilidade de recortar esse conceito dos dois restantes - numa manobra de abstração - recorrendo ao exemplo de um porta: “*É, contudo, possível analisar a porta em termos da sua identidade de forma e clareza de posição, consideradas como se estas fossem anteriores ao seu significado.*”³¹⁴ Posteriormente justifica, em duas fases, a pertinência desse recorte tendo em conta o objecto de estudo, a *cidade*: “*Imagens de grupo de significado, são, neste nível, provavelmente menos consistentes do que as percepções de entidade e de relações.*”³¹⁵. Esta primeira acusa um novo estreitamento do campo de interesse, agora quanto à categoria das imagens que serão alvo de reflexão. As imagens individuais dos cidadãos são apenas a matéria empírica do estudo - obtidas através de entrevista -, são os recursos para aceder ao foco principal da análise, uma imagem colectiva: “... *«imagens públicas», as figuras mentais comuns que muitos habitantes de uma cidade possuem: áreas de acordo, cujo aparecimento pode ser verificado na interacção de uma realidade física única, uma cultura comum e uma natureza psicológica básica.*”³¹⁶. Numa segunda fase, é justificada a pertinência do recorte, tendo em conta esse estreitamento da área de interesse: “... *o significado não é tão facilmente influenciado por manipulação física como estas outras duas componentes o são; se o nosso fito é construir cidades para o prazer de um vasto número de pessoas com antecedentes ricamente variados - e cidades que também se possam adaptar a propósitos*

310 LYNCH, Kevin (1960). *The Image Of The City*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2011, p. 10

311 Ibidem, p. 11

312 Ibidem, p. 16

313 Ibidem, p. 16

314 LYNCH, Kevin (1960). *The Image Of The City*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2011, p. 16

315 Ibidem, p. 16

316 Ibidem, p. 15

*futuros -, podemos até concentrar-nos na clareza da imagem e permitir ao significado que se desenvolva sem ser por nós directamente guiado.”*³¹⁷

Finalmente, é identificado o propósito da imagem colectiva, a “*orientação no espaço vivo...*” e são enunciadas algumas qualidades como critérios de relevância/legitimação³¹⁸: a imagem deve ser verdadeira, tem “*... de ser suficiente, verdadeira num sentido pragmático (...)* *Deve ser suficientemente claro e bem integrado para que poupe o esforço mental: deve ser legível.*”³¹⁹; deve assegurar expectativas de sucesso nas iniciativas de frequência do espaço; deve ser adaptável à mudança e não ser morfologicamente fechada; deve ser comunicável.

Reconhece, por último, que a determinação de correspondência dos critérios avançados varia consoante o sujeito que os perspectiva.

É um conjunto de condições de estudo que formam um jogo de linguagem reflexivo e constituído com critério, mas restrito a uma área de interesse e características de método de inquérito que focam a experiência vivida dos cidadãos e transeuntes frequentes, uma análise constituída de dados e informações *existenciais*³²⁰ que não aborda os fenómenos constitutivos que escapam aos sentidos e que são determinantes tanto para a génese, como para a percepção das formações espaciais. Uma das afirmações de Lynch - citada anteriormente - que numa leitura corrida passará despercebida, mas que me parece altamente contenciosa é que o ambiente visual de uma *cidade* pode ser afetado, sem que o seu *significado* seja de alguma forma guiado. Se o que foi falado até aqui de processos constitutivos e reprodução ideológica através do ambiente urbano for aceite, esta afirmação perde toda a credibilidade, mas se o mapeamento cognitivo for repensado e incluir a devida problematização deste terceiro elemento, com atenção às relações que existem entre ambiências urbanas, linguagens de representação e ideologias, a área de interesse será mais abrangente, muita da terminologia será reformulada e o resultado será qualquer coisa como o mapeamento de Jameson.

4.1.3.2 Modelo de Fredric Jameson

Aos itinerários e diagramas de Lynch corresponde apenas uma coordenada do modelo de Jameson, aquela que retrata a relação do sujeito com a sua envolvente visual imediata somada à experiência retida em memória da frequência desses espaços. Suportado na evolução da cartografia náutica - como paralelismo exemplificativo -, Jameson

³¹⁷ Ibidem, p. 16

³¹⁸ Ibidem, p. 17

³¹⁹ Ibidem, p. 16

³²⁰ JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 91

propõe duas coordenadas suplementares: a segunda coordena esses dados empíricos existenciais com uma concepção abstrata de totalidade geográfica; a terceira é autorreferencial e corresponde ao momento de reflexão sobre a simultaneidade inter-relacionada das limitações cognitivas do sujeito e dos limites das linguagens de representação³²¹, onde se torna possível aferir que mapas *verdadeiros*³²² são impossíveis, mas, ainda assim, é possível afirmar avanços dialécticos nos vários momentos históricos de mapeamento.

Estas proposições marcam uma deslocação do conceito de mapa cognitivo de um estado pré-cartográfico - no trabalho de Lynch - para uma cartografia social reflexiva. A expansão para a segunda coordenada é bastante ambiciosa, pressupõe suporte teórico, aliás, pressupõe integração dessa experiência empírica numa estrutura teórica suficientemente abrangente para oferecer pontos de contacto com uma *totalidade* com especificidade histórica, pontos de contacto com o que é *verdadeiro* da condição pós-moderna - que no caso de Jameson é uma vertente própria de teoria crítica. Aqui torna-se mais evidente a inclinação do autor para o modelo psicanalítico tripartido de Jacques Lacan, que Lois Althusser relança com recurso a uma terminologia articulável numa linguagem marxista renovada³²³:

Pressupõe uma oposição entre as condições *reais* de existência do sujeito - a ordem *Real* -, e a relação imaginária do sujeito com essas condições - ordem *Imaginária* -, o mapeamento cognitivo propõe-se a trazer ao fragmento monádico, que é o ponto de vista do sujeito, a consciência de um tipo de conhecimento que retenha ao mesmo tempo qualidades reconhecidas pelo seu aparelho fisiológico - como o espaço envolvente - e permita conceptualizar o que da *realidade* é *verdadeiro*, mas abstrato aos sentidos. O metasujeito³²⁴ que detém o conhecimento do *Real* nunca chega a ser concretizado. A ponte entre *Imaginário* e *Real* é inevitavelmente mediada por linguagem - que está na base da natureza do Laço Social³²⁵ - e é condição sem a qual as representações colectivas não podem existir - o que Lynch chamou de imagens públicas a propósito das visuais. O domínio das diversas linguagens é onde se formam as representações e corresponde ao terceiro elemento do modelo de Lacan - ordem *Simbólica*. Na concepção de Althusser, *ideologia* é o que assume a função de mediar o *Imaginário* com as condições *Reais* e embora implique uma oposição clara com uma forma não ideológica de pensar - que para o marxismo tradicional seria científica -, já não é concebida como Marx originalmente propôs:

“The Althusserian formula in other words designates a gap, a rift, between existential experience and scientific knowledge: ideology has then the function of somehow invent-

321 Cf. Subcapítulo 1.4 - Saber Representar a Realidade

322 Cf. Subcapítulo 2.2.2.2 - Crítica Conceptual

323 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, n° 146, p. 53-92, p. 90

324 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, n° 146, p. 53-92, p. 91

325 Cf. Subcapítulo 2.1 - Metodologia Interpretativa, Lyotard

*ing a way of articulating those two distinct dimensions with each other.”*³²⁶

A terceira coordenada incide precisamente na reflexão da condição mais ou menos *ideológica* das linguagens de representação e é sob essa perspectiva que a cartografia pode ser mais exaustivamente inspecionada e abrir um espaço de possibilidade para autores como Brenner e Wachsmuth construírem teoria urbana crítica. Esse espaço teórico sustenta-se na pressuposição de que há alguma *autenticidade* em momentos históricos, onde a produção e generalização de *ideologias* é efetivamente distinta de outros e que, ao perspectivar essa *autenticidade*, o sujeito retém alguma *autonomia* que legitime uma posição crítica. Noutros momentos, como no caso pós-moderno, o que é *autêntico* não se concebe com a mesma clareza e é necessário estimular o *Imaginário* colectivo para deslocações estéticas capazes de dar representação aproximada ao que de momento permanece meramente alusivo e praticamente inconcebível.

O desafio é construir linguagens de representação - o autor pensa as estéticas como as mais adequadas à tarefa, pelo menos numa fase inicial -, cujo propósito não é transcender a própria condição linguística para espelhar o *Real*, mas perfurar o aparente plano achatado de diferença incomensurável e possibilitar um “... *glimpse into a post-modern or technological sublime*”³²⁷. Só assim, é possível conceber algo com profundidade, algo *autêntico*, algo com especificidade histórica: “... *it has never been said here that it was unknowable, but merely that it was unrepresentable, which is a very different matter.*”³²⁸ - enunciando nos termos da teoria Lacaniana: conhecimento *autêntico* pode *existir* na ordem *Imaginária*, mas não na *Simbólica*.

Mapeamento cognitivo é um método aberto que resgata a função pedagógica da arte para gerar um novo o imaginário político. É perspectivado para a *verdade* do pós-modernismo, pretende conceptualizar a sua essência nominal - o capitalismo multinacional -, que de momento carece de uma representação com profundidade e compreensibilidade, apenas pode ser aludida numa sensação sublime colectivamente partilhada mas impossível de representar. A demanda por essa inovação estética ainda inimaginável³²⁹ advém de motivações também políticas e práticas, porque o sujeito sem clara consciência das suas condições reais de vida é um sujeito alienado, sem “... *capacity to act and struggle which is at present time neutralized by our spacial as well as our social confusion.*”³³⁰

326 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 91

327 Ibidem, p. 79

328 Ibidem, p.91

329 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 92

330 Ibidem, p. 92

4.2 Teoria Crítica

No subcapítulo Ideologia Urbanizada, já foram enunciados alguns princípios que revelam a possibilidade de integração da problemática da condição urbana no campo da teoria crítica. Introduzidas as ideias de Jameson, importa agora perceber esse gesto de forma mais sistematizada. Neil Brenner propõe uma atitude reflexiva específica para o urbanista, uma que retenha componente prática e conceptual perspectivada mediante uma “... *systematic integration of urban questions into the analytical framework of critical social theory as a whole.*”³³¹

A análise da cultura pós-moderna de Jameson tem o poder de oferecer substância analítica aos postulados da teoria crítica que Brenner pretende desenvolver para o estudo da condição urbana. O autor faz uma revisão do protocolo pragmático da teoria crítica enunciando quatro postulados inter-relacionados que compõem o seu modelo analítico³³²:

- Teoria crítica é teoria - É um projeto alargado que se ocupa de reflexões epistemológicas e filosóficas, onde são desenvolvidos modos de argumentação dedutivos e indutivos, métodos de interpretação/análise histórica e respectivo aparato conceptual, etc. Na concepção da Escola de Frankfurt, o domínio da teoria crítica é analítico, assumidamente abstrato e antecede - numa primeira fase - qualquer aplicação prática que lhe seja adjudicada. É desta posição que se assume como teoria, guardando distância - autonomia - do universo das práticas sociais onde imperam as lógicas do capitalismo.
- Teoria crítica é reflexiva - É contextual, tanto é possibilitada, como orientada para contextos e condições históricas específicas. Todo o conhecimento social está embutido nas deslocações dialéticas históricas e sociais. Além disso, o carácter contraditório, fracturado e indelneável do capitalismo enquanto processo constitutivo justifica a existência de crítica e reflexão, por tudo isso, teóricos críticos fazem um esforço consciente por interrogar a possibilidade da própria consciência crítica, bem como os seus propósitos de investigação, dentro do momento histórico em vigor.
- Teoria crítica envolve crítica da racionalidade instrumental - os modelos de ar-

331 BRENNER, Niel (2009). *What is Critical Theory?*. City, vol. 13, nº 2, pag. 198-207, p. 205

332 Ibidem, p. 201-204

gumentação desenvolvidos variam substantivamente e metodologicamente, mas um dos elementos que mantêm em comum, é a rejeição do que Lyotard classificaria como ideologias performativas. As narrativas corporativas e tecnocracias políticas que conseguem esbater propósitos práticos e exercer controlo normativo assente e legitimado na pressuposição de que possuem meios para aceder a uma forma pura de razão, onde denotação e prescrição assumem uma relação correspondência entre verdade e justiça.

- Teoria crítica enfatiza a disjunção entre o possível e o concretizável - Teoria crítica tem o propósito de afirmar possibilidades de emancipação geradas pelo capitalismo, enquanto desvenda fenómenos de destituição, injustiça e opressão veiculados pelo mesmo. Para tal, tenta fazer sentido da simultaneidade da dialéctica e contraditória de dominação e libertação, a partir de especificidades históricas que aludem a um processo mais alargado que os constitui. O agente de mudança social radical já não figura no sujeito revolucionário - na concepção do marxismo tradicional - que ocupou o *core* e garantiu a coesão da teoria crítica no passado, entretanto eclipsado pelas estruturas institucionais resultantes da globalização da economia e das *ideologias* sociais e políticas. Este fenómeno conduziu a uma crescente abstração do aparato teórico produzido, mas a queda para a abstração excessiva - como Marcuse alertou - derrota o propósito fundamental da teoria crítica, o aparato cognitivo - conceitos teóricos - existe para que dele possam resultar consequências práticas - mudança social. Na ausência de um sujeito revolucionário tradicional, em vez de cair para a abstração excessiva, a investigação deve orientar-se para a identificação das *lutas* concretas correspondentes à especificidade do momento histórico, acompanhadas de uma permanente reconceptualização vocabular e redefinição das pressuposições filosóficas que as expõem. Portanto - como afirma o segundo postulado -, o processo dialéctico histórico condiciona e orienta aquilo que a teoria crítica *pode* ser, mas além disso, condensa um domínio social e político cujo estudo da especificidade histórica orienta aquilo que a teoria crítica *deve* ser - é simultaneamente objecto e condicionante analítica - com o propósito final de tornar concebível a emancipação dos agentes sociais das condições políticas indesejadas.

4.2.1 Teoria Urbana Crítica e Mapeamento Cognitivo

“While the four aforementioned elements of critical theory surely remain urgently relevant in the early 21st century, their specific meanings and modalities need to be carefully reconceptualized. The challenge for those committed to the project of critical theory is to do

*so in a manner that is adequate to the continued forward-motion of capital, its associated crisis-tendencies and contradictions, and the struggles and oppositional impulses it is generating across the variegated landscapes of the world economy.”*³³³

O esquema teórico elaborado por Jameson é compatível com a intersecção dos postulados anteriormente descritos. Além disso, permite reter uma componente espacial, um ponto de contacto com uma realidade material que serve tradicionalmente para distinguir o discurso da condição urbana de um tipo de discurso puramente ideológico³³⁴, assegurando “... *cartographic orientation under conditions of deep phenomenological dislocation*”³³⁵.

A integração do mapeamento cognitivo de Jameson na versão de teoria urbana crítica de Brenner pode ser esquematicamente sumariada assim:

Ambos reconhecem uma diferença de valor analítico entre aquilo que identificam como fenómenos constitutivos determinantes da especificidade de certos momentos históricos - dos quais é possível enunciar *essências* nominais/ tipológicas³³⁶ - e as formas de aparência/ideológicas desses mesmos fenómenos. Jameson identifica claramente essas formas de aparência a propósito da cultura e qualifica-as como *simulacra*, contra as quais aponta uma totalidade pós-moderna, cuja *essência* ainda não assume representação e pode apenas ser aludida através da ideia de *sublime* pós-moderno. Esta demanda por conceitos propriamente teóricos, está presente na separação entre categorias práticas e analíticas de Brenner, guardando para as últimas os espaços com qualidade nominal passíveis de serem representados nalguma forma de cartografia³³⁷ que se opõe aos modelos racionalistas reificantes que vigoram - modelos que estão para o urbanismo como *simulacra* está para a cultura, são as formas de aparência ou representação ideológicas que mobilizam a contestação crítica.

A contemplação dessa totalidade por oposição às formas de aparência que dela resultam, resgata alguma autonomia do sujeito relativamente àquele que existe num estado psicológico viciado pela ideologia - particularmente por instrumentalizações da *razão* para propósitos práticos de capitalização -, um inconsciente político que, em ambiente de capitalismo multinacional, faz a consciência tender para a comodificação de tudo o que as lógicas capitalistas ainda não haviam tocado. Wachsmuth exemplifica essa forma de capitalizar representações ideológicas a propósito do conceito de cidade³³⁸.

O propósito final do mapeamento cognitivo é de natureza prática e tem implica-

333 BRENNER, Niel (2009). *What is Critical Theory?*. City, vol. 13, nº 2, pag. 198-207, p. 205

334 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 93

335 Ibidem, p. 94

336 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 96

337 Ibidem, p. 96

338 Cf. Subcapítulo 3.2.2 Cidade como Representação do Processo Urbano

ções profundamente políticas. Tem como pretensão problematizar condições de existência, para proporcionar alguma forma de instrução concreta para o mapeamento dessas condições, que por sua vez proporciona orientações para desalienação do sujeito relativamente ao espaço pós-moderno - político e físico - em que está inserido. Mapeamento cognitivo é suposto constituir um conjunto de operações linguísticas que, numa primeira fase - antecedem a representação, numa segunda fase, oferecem uma perspectiva sobre a qual é possível estimular representações criativas/inovadoras e numa terceira fase lança uma problematização recursiva sobre o produto dessas representações. É essa perspectiva que Brenner adota quando lança o apelo por “... *radically emancipatory forms of urbanism that are latent, yet systemically suppressed, within contemporary cities.*”³³⁹.

*“As conceived here, therefore, the urban is a “concrete abstraction” in which the contradictory sociospatial relations of capitalism (commodification, capital circulation, capital accumulation, and associated forms of political regulation/contestation) are at once territorialized (embedded within concrete contexts and thus fragmented) and generalized (extended across place, territory, and scale and thus universalized)...”*³⁴⁰

339 BRENNER, Niel (2009). *What is Critical Theory?*. City, vol. 13, n° 2, pag. 198-207, p. 204

340 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, n° 1 (69), p. 85-114, p. 95

4.3 Disjunção Metodológica

Antes de fazer um apanhado conclusivo da dissertação, importa fazer alguns pontos prévios no que diz respeito à relação entre os dois métodos interpretativos explorados mais extensivamente.

Ainda que hajam pontos de intersecção entre a filosofia de Lyotard e a de Jameson, há também incompatibilidades significativas que impedem uma integração das duas narrativas no mesmo corpo teórico.

A distinção entre orientações teóricas e método interpretativo parece-me ser tanto mais clara quanto mais empírica for a análise. Estas duas teorias são casos extremados dessa mesma dificuldade - são narrativas que se ocupam de temas cuja abrangência e profundidade turva essa categorização. É difícil analisar diferenças e semelhanças ao abrigo desses conceitos, no entanto, é pertinente nesta fase fazer uma breve referência - com recurso a uma terminologia mais larga - às principais disjunções entre as pressuposições dos dois modelos analíticos.

A disjunção metodológica é aparentemente simples de compreender, mas complica-se com posterior inspeção. Os autores dão respostas diferentes às perguntas: Que enquadramento analítico oferece as melhores condições para mudança social? Que mudança social deve ser essa?

O que à partida se resolve no contraste entre um método de análise narrativa contra um dialéctico rapidamente se revela apenas sintoma de um disjunção mais profunda, como Jameson repara a propósito do livro de Lyotard: “... *this ostensibly technical and impersonal handbook is also a significant move in the development of Lyotard’s own philosophical views* ...”³⁴¹.

A pesar do propósito final da narrativa de Lyotard partilhar uma ambição semelhante à de Habermas e de Jameson³⁴², há uma forte disjunção metodológica que se explica por um motivo bastante visível, Lyotard perdeu a confiança no projeto de mudança marxista, porque constatou que as narrativas políticas dominantes tendem a mobilizar a análise político-cultural marxista “... *to the point of losing all of its radicality* ...”³⁴³ e, para o autor, isso reflete debilidades transversais do próprio projeto:

“... in countries with liberal or advanced liberal management, the struggles and their instruments have been transformed into regulators of the system: in communist countries, the

341 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. VIII

342 Cf. Subcapítulo 4.2 - Teoria Crítica

343 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 13

*totalizing model and its totalitarian effect have made a comeback in the name of Marxism itself, and the struggles in question have simply been deprived of the right to exist. Everywhere, the Critique of political economy (the subtitle of Marx's Capital) and its correlate, the critique of alienated society, are used in one way or another as aids in programming the system.”*³⁴⁴

Aqui há um desencanto, uma antecipação de que qualquer mobilização prática em nome do marxismo acaba por ser “... *disarmed and reabsorbed by a system of which they themselves might well be considered a part, since they can achieve no distance from it.*”³⁴⁵. O problema vai além da executabilidade da mudança social através do marxismo e do tipo de narrativa política que deveria gerar. Estende-se para algumas pressuposições filosóficas edificantes de muitas - senão todas - as iterações de marxismo à data do autor - só na tradição crítica da Escola de Frankfurt pode ser encontrado um enorme espectro das mesmas. Como alternativa Lyotard procurou inspirar-se em metodologias interpretativas distintas.

Jameson mantém-se mais afiliado com o projeto da renascença marxista³⁴⁶ da teoria crítica e interpreta as circunstâncias sociais que desencantam Lyotard como sintoma de algo que é melhor explicado por um modelo analítico marxista afinado, numa manobra de resgate da tradição analítica. A análise comparativa entre os autores pode ser orientada para quatro pontos de contenção inter-relacionados - de tal forma que são quase indistinguíveis - com respeito a três postulados do marxismo tradicional associados a um quarto ainda mais fundamental, são eles: classe social; método dialético de interpretação histórica; a possibilidade de distinção entre ideologia e ciência; e um quarto ainda mais fundamental, a possibilidade de conceber - nem que apenas parcialmente - uma realidade material - condições *reais* de existência. Estes quatro pontos não demarcam opiniões rigorosamente simétricas, o caso é mais complexo que isso, mas permitem enquadrar uma última nota final que relaciona as visões estéticas diferentes dos autores distintos com apelos éticos distintos:

4.3.1 Classe Social

“The question of social class, and in particular of the “proletariat” and its existence, is hopelessly confused when such arguments conflate the problem of a theoretical category of

344 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 13

345 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 87

346 WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90, p. 81

*analysis (social class) with the empirical question about the mood or influence of workers in this or that society today (they are no longer revolutionary, bourgeoisified, etc.). More orthodox Marxists will agree with the most radical post- or anti-Marxist positions in at least this, that Marxism as a coherent philosophy (or better still, a “unity of theory and praxis”) stands or falls with the matter of social class.”*³⁴⁷

O que parece ser consensual entre os dois autores é que classes sociais tradicionais foram desposicionadas pela maré enchente do mercado liberal e por estruturas de organização socioeconómica tecnocráticas e/ou burocráticas, e, usando a terminologia de Jameson, a generalização de uma suspeitosa experiência existencial *pós-industrial* modificou a forma como o sujeito mapeia instintivamente a sua posição. É essa diferença entre condições *reais* e *imaginárias* que está implícita na citação acima. Aqui os autores assumem atitudes diferentes, Lyotard rompe com o marxismo, enquanto que Jameson hipotiza - apoiado no trabalho de Mandell - uma reformulação teórica. Para Jameson a análise de um modo de produção fundamentado numa reformulação da análise marxista, deve evoluir da investigação da superfície da consciência e experiência imediata - mais fenomenológica -, para o inconsciente político³⁴⁸. Lyotard não o acompanha nesse passo, a patologia fundamental do princípio dualista não vem da deslocação fenomenológica que a sociedade sofreu, mas do esquema interpretativo totalizante em que está inserido. O que Lyotard verifica é que a pressuposição de autonomia da tradição marxistas ganha força teórica no princípio do antagonismo, mas é refutada quando as lutas são contraintuitivamente absorvidas pelo sistema capitalista que pretendem combater, precisamente porque mantêm uma partilha de ambições *realistas*:

“... this realism of systemic self-regulation, and this perfectly sealed circle of facts and interpretations, can be judged paranoid only if one has, or claims to have, at one’s disposal a viewpoint that is in principle immune from their allure. This is the function of the principle of class struggle in theories of society based on the work of Marx.

*“Traditional” theory is always in danger of being incorporated into the programming of the social whole as a simple tool for the optimization of its performance; this is because its desire for a unitary and totalizing truth lends itself to the unitary and totalizing practice of the system’s managers.”*³⁴⁹

347 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XIV

348 Cf. Subcapítulo 4.1.3.2 - Modelo de Fredric Jameson

349 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 12

4.3.2 História, Modo de Produção do Momento Pós-moderno

*“... today more than ever, knowing about (...) society involves first of all choosing what approach the inquiry will take, and that necessarily means choosing how society can answer.”*³⁵⁰

A disjunção quanto à pertinência da classe social enquanto conceito teórico é sintoma de outra mais abrangente, porque está intrinsecamente ligada a uma análise do modo de produção que a constitui. A análise dos processos históricos que constituem formações sociais é onde a disjunção metodológica ganha maior visibilidade, Lyotard propõe uma via interpretativa diferente da hermenêutica³⁵¹ - dualista -, uma via fundada num princípio de agonismo. O papel do sujeito não é perspectivado, à partida, através da denominação do colectivo político-identitário a que pertence: *“... great “actors” and “subjects” of history - the nation-state, the proletariat, the party, the West, etc.”*³⁵². Para Lyotard, a entrada para a condição pós-moderna marca a desmistificação dessas figuras, dos metassujeitos que condensavam os valores e costumes políticos das grandes crenças modernas. Se os metassujeitos históricos passaram a heróis fossilizados de narrativas ideológicas, então essas mesmas narrativas convertem-se em mitologias, em *“historical teleologies”*³⁵³ ou *“philosophy of history”*³⁵⁴ desadequadas ao estudo do pós-modernismo. Por tudo isso, Lyotard opta pela primazia do sujeito como perspectiva interpretativa, a partir da qual estuda a sua posição nos *“... “nodal points” of specific communication circuits, however tiny these may be.”*³⁵⁵. O sujeito pós-moderno de Lyotard é perspectivado segundo os postos comunicativos que ocupa numa variegada rede de Laços Sociais e como tal o método interpretativo mais adequado constitui-se de um aparato conceptual/técnico resultante de uma filosofia de linguagem,

*“Simplifying to the extreme, I define postmodern as incredulity toward metanarratives.”*³⁵⁶

A pressuposição citada acima não convence Jameson: *“... Lyotard seems unwilling*

350 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 13

351 Cf. Subcapítulo 2.1 - Metodologia Interpretativa, Lyotard

352 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XII

353 Ibidem, p. XII

354 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XXIV

355 Ibidem, p. 15

356 Ibidem, p. XXIV

(...) *in the present text, (...) to posit, not the disappearance of the great master-narratives, but their passage underground (...) buried master-narratives in what I have elsewhere called our “political unconscious,” ...*”³⁵⁷. Para Jameson o pós-modernismo - o autor corrige posteriormente o termo para pós-modernidade, mas não aquando da obra tratada - é uma estrutura, um desenvolvimento dialéctico com uma apresentação específica - representada erroneamente por manifestações *ideológicas* - do edifício económico, do conhecimento científico e da produção cultural, uma reprodução social atribuída ao que chama de capitalismo multinacional - conceito que posteriormente equivaleu a globalização.

A disparidade entre as pressuposições do que o pós-modernismo *é* enquanto momento histórico, retorna sobre a questão de um modo de produção: O que é que produz o pós-modernismo?

4.3.3 Ciência e Ideologia, a Economia do Conhecimento

O método escolhido por Lyotard para responder a essa questão³⁵⁸ é, em grande parte baseado em noções linguísticas anglo-americanas entretanto admitidas nas tradições estruturalistas da semiótica francesa e que transformaram profundamente o campo - termos como *performatividade*, ainda hoje estão em evidência nos discursos políticos do mundo Ocidental, muito devido às perspectivas que desbloqueiam no debate sobre políticas identitárias.

O autor destaca os aspectos pragmáticos da linguagem - com características conflituosas, agónicas, onde múltiplos jogos tecem uma rede na qual são expressos desejos latentes por poder em modos e circunstâncias sócio-económicas diversas -, mas no caso de Lyotard esse modelo acarreta pressuposições filosóficas particulares no que à história e à ética dizem respeito - já explorados no caso da discórdia com Habermas³⁵⁹, que recorre a muita da mesma bagagem semiótica. Embora ambos estabeleçam narrativas de libertação, é precisamente na diferença de pressuposições estéticas que se encontra a principal raiz da divergência interpretativa dos dois autores.

Para Lyotard “... *narrative is affirmed, not merely as a significant new field of research, but well beyond that as a central instance of the human mind and a mode of thinking fully as legitimate as*

357 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XII

358 Cf. Subcapítulo 2.1 - Metodologia Interpretativa, Lyotard

359 Cf. Subcapítulo 2.3.3.5 - Apelo Ético

that of abstract logic.”³⁶⁰.

Este postulado tem um corolário: tanto o conhecimento científico como o narrativo são perspectivados como tipos ou modelos de sociabilidade - protocolos pragmáticos, jogos de linguagem que oferecem condições de jogabilidade numa linguagem partilhada. O que distingue os tipos de conhecimento não é tanto a legitimidade *real*/absoluta do discurso que produz, mas a sua relação com a temporalidade, por outras palavras, a forma como são consumidos³⁶¹. Aqui a quebra de Lyotard com o marxismo apontou o autor para uma direção que me parece fundamentalmente perspectivista - acusada na intersecção da primazia da perspectiva do sujeito comunicativo com temas Nietzscheanos de análise histórica.

Como seria de esperar pela atitude manifestamente política e contestatária de Lyotard, a avaliação mais técnica destes dois tipos de conhecimento tem por objectivo revelar os modelos de reprodução socio-política que deles resultam: no caso do modelo narrativo, “... *time ceases to be a support for memory to become an immemorial beating that, in the absence of a noticeable separation between periods, prevents their being numbered and consigns them to oblivion.*”³⁶². Isto resulta num consumo imemorial do passado e uma reprodução social com menos aderência para autoritarismos ou controlo de contexto³⁶³: “... *a culture that gives precedence to the narrative form doubtless has no more of a need for special procedures to authorize its narratives than it has to remember its past.*”³⁶⁴

O conhecimento científico, especialmente do tipo positivista, está ao abrigo de outra pragmática, uma de características diacrónicas e, para o autor, esse é o aspecto chave para explicar a sua tendência para reproduzir políticas práticas performativas: “... *its storage, hoarding, and capitalization in “science “ and scientific thought: a mode of understanding that, like the first surplus on the economic level, will little by little determine a whole range of ever more complex and extensive institutional objectifications- first in writing; then in libraries, universities, museums; with the breakthrough in our own period to microstorage, computerized data, and data banks of hitherto unimaginable proportions, whose control or even ownership is, as Herbert Schiller and others have warned us (and as Lyotard is very well aware) , one of the crucial political issues of our own time.*”³⁶⁵

Na perspetiva do conhecimento narrativo, a histórica é descompressa e não há separação clara entre períodos. A Teoria crítica perde a possibilidade de periodizar, per-

360 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XI

361 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XII

362 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 22

363 Cf. Subcapítulo 2.3.2 - Consenso enquanto Função Performativa

364 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 23

365 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XII

de a possibilidade de analisar dialeticamente, perde uma das fundações do seu protocolo pragmático e perde o estatuto privilegiado de “... *coherent philosophy (or better still, a “unity of theory and praxis”)*”³⁶⁶. O construto teórico que Jameson pretende não se consegue sustentar sobre um tempo diegético - ficcional, indefinido -, isso seria ir contra um dos postulados fundamentais do projeto da teoria crítica.

Jameson e Lyotard partilham um propósito de mudança social, ambos manifestam desagrado perante modelos políticos construídos sobre uma retórica tecno-científica, no entanto, o assalto ao pensamento abstrato de Jameson é mais estreito que o de Lyotard. A intenção discursiva de Lyotard aponta para uma *Ideia* de sociedade que só começa a formar-se quando todas as vozes são legitimadas politicamente - e onde política é um jogo narrativo -, todos os agentes sociais são perspectivados como storytellers e as instituições políticas são constituídas num processo assumidamente político, mas para Jameson, a possibilidade de mudança social começa na voz de um teórico crítico. A retórica do autor gravita em torno do estatuto científico que assume, mas essa conceptualização de ciência não é bem a mesma que foi descrita na pragmática das ciências naturais³⁶⁷ - este é um excelente exemplo da confusão que pode ser gerada pela polissemia de representações cognitivas de certos significados³⁶⁸:

*“Althusser’s formulation remobilizes an older and henceforth classical Marxian distinction between science and ideology, which is still not without value for us (...) what is affirmed is not that we cannot know the world and its totality in some abstract or ‘scientific’ way—Marxian ‘science’ provides just such a way of knowing and conceptualizing the world abstractly ...”*³⁶⁹

Este tipo de conhecimento existe no “... *realm of abstract knowledge*”³⁷⁰, na ordem *Real* de Lacan, ideologias são todas as linguagens de representação daquilo que o sujeito *imagina* ser *Real*. Na intersecção desta definição com o propósito de mudança social, podem ser deduzidos os principais critérios de relevância para o que é científico: conhecimento é científico se retratar o *Real*; é relevante se for comunicável e instruir sobre possibilidades de mudança social. Com esta formalização esquemática é possível traçar paralelos entre as falências de uma modernidade performativa e o pensamento crítico, aliás, o argumento denotativo do livro de Lyotard - a denúncia das metanarrativas - serve de base para esclarecer as suas divergências filosóficas com a teoria crítica, usando o exemplo de Habermas como marxista que alimenta e se deixa alimentar pelo pior que

366 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XIV

367 Cf. Subcapítulo 2.1.3.2 - Pragmática Científica

368 Cf. Subcapítulo 1.4 Saber - Representar a Realidade

369 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. *New Left Review*, nº 146, p. 53-92, p. 91

370 Ibidem, p. 91

há dessas duas grandes mitologias. O momento de contra-afirmação - desconstrutivista - de Lyotard é reconhecido e celebrado por Jameson, no entanto levanta uma espiral de problemas no momento de afirmação³⁷¹.

*“... Lyotard’s insistence on narrative analysis in a situation in which the narratives themselves henceforth seem impossible is his declaration of intent to remain political and contestatory; that is, to avoid one possible and even logical resolution to the dilemma ...”*³⁷²

Ainda que tudo isto pareça relativamente claro, a noção de autonomia reflexiva de Jameson e autopoicionamento crítico associada ao interesse num vocabulário tradicionalmente usado na análise da estética, acaba por complicar a antecipação da crítica geral que Lyotard poderia fazer. Talvez perspetive o seu discurso como uma nuance da tradição que tanto critica, ou talvez como algo mais meritório que isso. É uma questão que deixo em aberto.

4.3.4 Estética (Pós)Moderna

Há mais uma dimensão disjuntiva que aparece implícita em tudo o que foi dito até agora, mas que ainda não foi abordada diretamente. Para Jameson, o momento em que os meios industriais de produção deram lugar ao armazenamento privado de informação para fins comerciais centra o conhecimento científico na questão do modo de produção económica, mas ainda não esclarece quanto a um modo de produção cultural, uma área inevitavelmente afetada pelo contexto histórico pós-moderno - nem tanto como um estilo particular, mas como uma estrutura, uma dominante cultural.

Lyotard está perfeitamente ciente da relevância desse enunciado, ressaltando as devidas distâncias terminológicas e metodológicas, embora não desenvolva muito o tema da cultura na obra estudada. A divergência interpretativa quanto ao modo de produção cultural pós-moderno é fundamentalmente estética, na qual a possibilidade de um absoluto está em contenção: entre uma estética da *diferença* e uma estética da *profundidade*.

Tanto Lyotard como Jameson relevam a importância da função pedagógica da arte para a análise social e política, muito além da função clássica de instrução moral sobre códigos, condutas e valores comuns.

Para Lyotard o conceito de uma cultura artística pós-moderna compreende-se a par do que já foi discutido sobre a cultura científica, ambas são perspectivadas como

371 Cf. Subcapítulo 3.1 - Antinomia

372 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XX

expoentes de um modo de reprodução social agónico, por tudo isso, a crise de legitimidade pode ser pensada analogamente a uma crise de representação na arte³⁷³, ambas como sintomas de uma propriedade necessária, de um modo de produção. O conceito de pós-moderno é retratado não como um referente exclusivamente estético ou exclusivamente epistemológico, mas como uma atitude propriamente filosófica: “*A postmodern artist or writer is in the position of a philosopher*”³⁷⁴.

Lyotard parece-me perspectivar o modo de produção capitalista segundo a dupla função contraditória que lhe é tradicionalmente atribuída e que pode ser descrita - aproximadamente - assim: é um processo de captura de desejos; é um processo de perpétua desestabilização/regeneração de desejos.

Para o autor, *realismo* é um modo preconizador da primeira função, porque possibilita a estabilização de referentes e disponibiliza pontos de contacto concretos para a articulação do desejo com capitalização, isto significa qualquer coisa como: replicação de códigos linguísticos/imagéticos que generalizem uma forma de cultura, uma estética identitária para que o sujeito possa “... *arrive easily at the consciousness of his own identity as well as the approval which he thereby receives from others* ...”³⁷⁵, pelo menos, era esse o papel que as academias requisitavam do dito *Real - Bildung* é um dos modelos que melhor representam este tipo de iniciativa: “... *to preserve various consciousnesses from doubt*.”³⁷⁶. A natureza contraditória do capitalismo - o que Brenner chama de “*creative destruction*”³⁷⁷ a propósito da sua dimensão urbana - faz com que os modelos do *Real* não sejam capazes de afastar a incredulidade por muito tempo:

“... *capitalism inherently possesses the power to derealize familiar objects, social roles, and institutions to such a degree that the so-called realistic representations can no longer evoke reality except as nostalgia or mockery, as an occasion for suffering rather than for satisfaction.*”³⁷⁸

Na esfera da cultura a implicação deste modo de deslegitimação verte no abandono da busca pelo belo e dá lugar à autorreflexão sobre o que uma obra de arte *pode ser*. Esse é o espírito avant-garde que marca o senso de um movimento propriamente modernista. Para Lyotard é muito menos adequado associar estas transições a uma dialéctica histórica cronologicamente decalcada e mais à atitude perante a impossibilidade de asso-

373 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. VIII

374 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 81

375 Ibidem, p. 74

376 Ibidem, p. 74

377 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 94

378 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 74

ciar o concebível ao apresentável, a estética do modernismo é uma estética do sublime.

O corolário político desta avaliação é que o valor estético do realismo - o belo - torna-se numa ferramenta partidária, regimentada, convencionalista, cuja relação com a experimentação artística livre é moralizante, interrogatória e de repudição - até Jameson mantém cautela quanto a essa atitude moralizante na construção do seu modelo teórico que acomoda uma certa noção de totalidade. Esta é uma relação na qual as regras de denotação para a *boa* forma antecedem a obra artística com o objectivo de gerar “... *forms which the party requests, selects, and propagates can find a public to desire them as the appropriate remedy for the anxiety and depression that public experiences. The demand for reality -that is, for unity, simplicity, communicability, etc.*”³⁷⁹.

Modernismo é a estética de experimentação e de certa forma reacionária, impulsionada por uma atitude cultural espelhada por uma economia de mercado liberal, onde a regra que prevalece para a forma *boa, correta, desejável* - regras de legitimação - é a do encontro com um público: é arte aquilo que encontra um colectivo que aprecie a obra como tal, da mesma forma que é progresso científico aquilo que satisfaz uma lacuna, um desejo, uma necessidade: “... *the rule that there is no reality unless testified by a consensus between partners over a certain knowledge and certain commitments.*”³⁸⁰. Esta lógica está para a estética da mesma forma que está para o conhecimento científico, porque vai além de ambos, é a lógica do sistema capital que os engloba e substitui um conservadorismo totalizante - na figura de um Estado autoritário - pela globalização de um convencionalismo mercantil que não determina um modo constante para *boas* representações, mas determina um modo constante para legitimação de *boas* representações - performativo³⁸¹. É fácil compreender como o espírito revolucionário que era subjacente aos movimentos avant-garde acaba por ser abafado pela monitorização e canonização das tendências do mercado que criam expectativas de sucesso profissional muito mais concretas para os artistas - beneficiam de expectativas normativas equiparáveis às da investigação científica sob regime de ciência normal³⁸².

Ainda que este diagnóstico da comodificação da imagem como o *fado* do projeto moderno, - que tem sido repetido ao longo da tese - seja num primeiro momento partilhado por Lyotard e Jameson, não é representativo do que os autores interpretam como pós-modernismo. O performativo não constitui a essência inaugural do espírito moderno, é tradicionalmente associado a uma consequência, um *pós*, teorizado por avaliações historicistas conotativas como um *pós-modernismo*, equiparado a um ecletismo superficial entregue ao jogo do capital. Para Lyotard e Jameson a concepção de *modernismo* e *pós-mo-*

379 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 75

380 Ibidem, p. 77

381 Cf. Subcapítulo 2.2 - Pragmática Performativa

382 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

dernismo complica-se neste domínio e diverge:

Para Jameson o espaço acima diagnosticado é do superficial/*simulacra*, onde é possível encontrar alguma lucidez numa concepção de sublime pós-moderno, uma espécie de dominante cultural concebível através da alusão, mas que em todo o caso parece pressupor uma nova identidade, ou talvez substância³⁸³. Lyotard recorre à mesma figura estética de sublime Kantiano para chegar a conclusões bastante diferentes, quanto ao significado de pós-modernismo: arriscando uma interpretação mais pessoal, parece-me significar qualquer coisa entre uma atitude historicamente constante e uma operação/movimento que reinterpreta e expande as possibilidades das linguagens modernas, para gerar novas.

Para Lyotard o modernismo explica-se além de uma teorização mais sociológica/historicista dos fenómenos a que tradicionalmente é associado, a sua concepção é perspectivada com atenção à atitude que lhe é subjacente:

*“Modernity, in whatever age it appears, cannot exist without a shattering of belief and without discovery of the “lack of reality” of reality, together with the invention of other realities.”*³⁸⁴

Ao deslocar o foco do momento histórico particular em que esse *espírito moderno* se faz sentir para o sentimento subjacente que o gera, Lyotard explica como o modernismo é parte integrante de um fluxo que está propagado no tempo e não condensado num momento. Esse comportamento acontece de forma equiparável à replicação do conhecimento narrativo: *“Narrative form follows a rhythm; it is the synthesis of a meter beating time in regular periods and of accent modifying the length or amplitude of certain of those periods.”*³⁸⁵. Análise narrativa está para a filosofia de Lyotard como um modo de investigação que revela propriedades da consciência humana e especialmente o seu ressurgimento rítmico ao longo do tempo - mais acentuado nuns períodos que noutros, mas sempre parte da mesma *musica*.

O que isto significa é que narrativas históricas - onde imagino que Lyotard enquadraria a teoria crítica, pelo menos até ao tempo de Habermas - cunham eventos periodicamente delimitados, como o modernismo, o que lhes permite fazer uma análise dialéctica como se de entidades distintas se tratasse, o resultado dessa empreitada serve de máscara ou forma de aparência para um modo de reprodução social agónico. No entanto, o modernismo pode ser entendido mais holisticamente como parte do sentimento que se generaliza em períodos de maior retração de sistemas de crença dominantes - de

383 Cf. Subcapítulo 4.1.2 - Simulacra e Sublime

384 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 77

385 Ibidem, p. 21

um certo modelo de *Real* - que pode ser associado ao conceito de *angst* - usando uma terminologia existencialista - ou como niilismo - como proposto por Nietzsche -, mas que Lyotard prefere pensar com recurso ao conceito de sublime Kantiano: uma nostalgia que deriva algum prazer na enunciação de uma ausência incomensurável nas representações que produz. A estética do modernismo é a da concepção do inapresentável, meramente invocado ou aludido através da representação - a concepção do termo é um ponto de intersecção entre os modelos de análise de Jameson e Lyotard: “... *it is in the aesthetic of the sublime that modern art (including literature) finds its impetus and the logic of avant-gardes finds its axioms.*”³⁸⁶

Esta resenha oferece as condições necessárias para compreender o que Lyotard entende como modernismo na arte: “*I shall call modern the art which devotes its “little technical expertise” (son “petit technique”), as Diderot used to say, to present the fact that the unrepresentable exists.*”³⁸⁷. Mas o próprio conceito de sublime não é tão estável assim, a descrição até ao momento revela apenas um dos modos do sentimento sublime, o lado modernista, nostálgico, melancólico, que embora afirme inovações técnicas que desconcertam a convenção, ainda preservam qualidades de complacência: “*It allows the unrepresentable to be put forward only as the missing contents; but the form, because of its recognizable consistency, continues to offer to the reader or viewer matter for solace and pleasure.*”³⁸⁸

Pós-modernismo é o outro modo do sentimento sublime, o primeiro modo, o que afecta uma mudança efetiva, embora permaneça “... *undoubtedly a part of the modern.*”³⁸⁹

Modernismo marca a retração de dominantes hegemónicas - um qualquer tipo de *realismo* -, atesta as limitações da faculdades cognitivas de apresentação através do conteúdo³⁹⁰, o pós-modernismo desestabiliza qualquer passividade complacente desse estado ao focar-se na oportunidade de criar novas pragmáticas, através das faculdades cognitivas da concepção, novas linguagens de representação, “... *new modernisms in the stricter sense ...*”³⁹¹ que resgatam para a apresentação o objecto, que pode paralisar esta ou aquela estética moderna na complacência melancolia do inatingível. É um sentimento que não gera prazer na pressuposição de conquista do *Real*, ou na contemplação - no limite masoquismo - da sua ausência, mas no entusiasmo bem mais simples de criar - jogar. Estes dois modos, ao abrigo do sentimento de sublime, constituem o que Lyotard chama de um “*différend*”³⁹².

Resumindo, o verdadeiro sublime é constituído pelo sentimento moderno, que

386 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 77

387 Ibidem, p. 78

388 Ibidem, p. 81

389 Ibidem, p. 79

390 Cf. Subcapítulo 1.4 - Saber Representar a Realidade

391 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XVI

392 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 80

resulta na inovação da técnica e da forma para revelar uma ausência, e o sentimento pós-moderno, na face dessa ausência, liberta-se do substrato pragmático moderno para gerar um movimento paralógico, como objectivo de “... *impart a stronger sense of the unrepresentable*”³⁹³. Incredulidade gratificada pela criação disruptiva:

*“... it is not to be expected that this task will effect the last reconciliation between language games (which, under the name of faculties, Kant knew to be separated by a chasm), and that only the transcendental illusion (that of Hegel) can hope to totalize them into a real unity (...) Let us wage a war on totality; let us be witnesses to the unrepresentable; let us activate the differences and save the honor of the name.”*³⁹⁴

É a permanente revolução do pós-modernismo/modernismo - num sentido Kuhniano³⁹⁵ - que impede a redução da arte à comercialização e consumismo, porque desestabiliza as estéticas, o que previne a fixação do desejo e a sua captura pelas lógicas capitais.

4.3.5 Do Senso Estético ao Apelo Ético

Jameson e Lyotard partilham um propósito político de mudança social que guia a narrativa, mas estabelecem uma relação estética entre realidade, consciência e sociedade bastante distinta. Jameson privilegia um modelo que apresenta uma frente política concreta, um que crie laços entre teoria e prática - pensamentos abstratos que forneçam material discursivo concreto para narrativas de política radical. Isso resulta num aparato formulado, aproximadamente, assim: formações sociais - do tipo tradicional, ou não - são identificadas por relação a um balanço económico afetado pelo capitalismo - um modo de produção - cujo primeiro valor material, no caso do momento pós-moderno, envolve conhecimento - cuja parcela mais significativa é de natureza científica; o produto social, cultural e económico do momento específico em análise é confrontado com um panorama histórico mais alargado, o que permite compreender os processos constitutivos de cada *época* e ganhar uma noção mais geral - dialéctica - do que determina a transformação social; a experiência humana não pode ser compreendida apenas na exposição das lógicas organizacionais e os aspectos transacionais de escala local/nacional/transnacional, a própria noção e sensação de consciência sofre transformação ao longo do tempo, o que requer a investigação do que a afeta; a concretização deste modelo teórico

393 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 81

394 Ibidem, p. 81-82

395 Cf. Subcapítulo 2.2.1.1.2.1 - Incomensurabilidade entre Paradigmas

deve enunciar uma resolução concreta para as várias formas de injustiça social, teoria abre caminho para revolução - do tipo tradicional, ou não.

*“The great master-narratives here are those that suggest that something beyond capitalism is possible, something radically different; and they also “legitimate” the praxis whereby political militants seek to bring that radically different future social order into being.”*³⁹⁶

A atitude combativa e contestatária de Lyotard leva-o a proclamar a *morte* das metanarrativas - lembra a famosa proclamação de Nietzsche - enquanto celebra o potencial ilimitado da forma narrativa de produção de conhecimento, o problema formal que essa aparente contradição gera pode ser descrito assim: “... *how to do without narrative by means of narrative itself?*”³⁹⁷. O confronto com esta questão aponta o discurso para um plano *protopolítico*, mais afiliado a tradições filosóficas não-hegemónicas³⁹⁸: “... *nonhegemonic Greek philosophy (the Stoics, the Cynics, the Sophists), as the guerrilla war of the marginals, the foreigners, the nonGreeks, against the massive and repressive Order of Aristotle and his successors.*”³⁹⁹. É isso que o previne de ser qualificado como ideólogo por Jameson - na concepção tradicional da teoria crítica como aquele que advoga por falsas *verdades* -, aliás, na avaliação do autor, o facto do discurso de Lyotard não ser condutivo a uma resolução prática concreta - efectivamente política - é parte do motivo pelo qual Lyotard insiste na análise narrativa ao mesmo tempo que argumenta por uma circunstância histórica de incredulidade perante grandes narrativas, ciente do pesadelo auto-referencial que isso gera: “... *his declaration of intent to remain political and contestatory; that is, to avoid one possible and even logical resolution to the dilemma, which would consist in becoming, like Daniel Bell, an ideologue of technocracy and an apologist for the system itself.*”⁴⁰⁰. No entanto, para Jameson, o plano retórico a que Lyotard deixa a sociedade entregue⁴⁰¹, é apenas preconizador dos problemas diagnosticados pelo retrato da sociedade de *simulacra* “... *open to persuasion and manipulation, and at most they recommend counter-persuasion.*”⁴⁰². Esse é o momento em que Jameson perspectiva a qualidade *protopolítica* de Lyotard como desadequada - por não fornecer pontos de aderência concretos à possibilidade de mudança - e nostálgica - por um espírito moderno nascente ultrapassado que ironicamente está presente na atitude de Habermas também. Jameson considera o projeto moderno como findado, com um olhar especialmente aten-

396 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XIX

397 Ibidem, p. XIX

398 Cf. Subcapítulo 2.3.3.4 - Lyotard, Persuasão

399 JAMESON, Fredric (1979). Forework. In J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. XIX

400 Ibidem, p. XX

401 Cf. Subcapítulo 2.3.3.4 - Lyotard, Persuasão

402 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 36

to à evidente falência do Estilo Internacional na arquitetura⁴⁰³. Por tudo isto Jameson, embora perspective o projeto crítico sob a orientação de uma noção de sublime partilhado, uma concepção de sociedade inapresentável - neste sentido bastante próxima da Ideia de Lyotard - acaba por propor uma ética bastante distinta, uma que se suporta num modelo estético ainda não teorizado com uma componente *realista* - mas não necessariamente mimética - aparentemente paradoxal⁴⁰⁴ - o mapeamento cognitivo é convocado para perfurar o véu ideológico e tocar algo profundo, algo *Real*⁴⁰⁵.

A disjunção ética entre os autores resulta em apelos distintos. Lyotard apela por uma atitude que rejeita dominação e prescreve não interferência⁴⁰⁶: *“Let us wage a war on totality ; let us be witnesses to the unrepresentable; let us activate the differences and save the honor of the name.”*⁴⁰⁷. Jameson descreve uma sensação partilhada colectivamente, *“... it is precisely this whole extraordinarily demoralizing and depressing original new global space which is the ‘moment of truth’ of postmodernism.”*⁴⁰⁸, para motivar um projeto político onde teoria abre a possibilidade de um novo modelo de socialismo: *“... the new political art—if it is indeed possible at all—will have to hold to the truth of postmodernism, that is, to say, to its fundamental object—the world space of multinational capital—at the same time at which it achieves a breakthrough to some as yet unimaginable new mode of representing this last, in which we may again begin to grasp our positioning as individual and collective subjects and regain a capacity to act and struggle which is at present neutralized by our spatial as well as our social confusion.”*⁴⁰⁹

Estes dois apelos são antecédidos da disjunção de estimativas estéticas quanto à relação entre dois conceitos, cujo próprio significado está em contenção, a relação entre *consciência* e *realidade*; o resultado dessa relação é determinante da interpretação dos fenómenos sociais. Há uma disjunção do modelo da *psique* que um e outro adotam, que se explica nas diferenças entre o modelo tripartido de Lacan - ao qual Jameson está afiliado através do trabalho de Althusser⁴¹⁰ - e a esquisoanálise de Deleuze e Guattari à qual Lyotard parece estar afiliado. A análise Deleuziana, quando voltada para a política, interessa-se fundamentalmente pela função do desejo e a natureza libidinal entre sujeitos políticos nos relacionamentos socioeconómicos. A demanda ética, passa pela emancipação do desejo mediante a aceitação da *diferença*. A *diferença*, por sua vez, tem uma qualida-

403 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 54

404 Ibidem, p. 90

405 Cf. Subcapítulo 4.1.3.2 - Modelo de Fredric Jameson

406 Cf. Subcapítulo 2.3.3.2 - Introdução à Ideia

407 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 82

408 JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92, p. 88

409 Ibidem, p. 92

410 Cf. Subcapítulo 4.1.3.2 - Modelo de Fredric Jameson

de metafísica, é tudo aquilo que habita o espaço *virtual* além/entre o que já está concebido, é o que preenche o “*desconhecido*”⁴¹¹ - a última palavra do texto principal de Lyotard. Isto assenta na pressuposição de uma *realidade* monádica, um *fluxo* de puro potencial. Até a ambição de Lyotard pela ciência paralogica acaba por ser uma versão tematicamente inflectida do conceito de *ciência nómada*⁴¹².

Esse aparato filosófico cria um vocabulário que nem Brenner nem Jameson aceitaram transportar para a teoria crítica. Para Brenner⁴¹³ o problema está menos no trabalho destes autores e mais no facto da introdução de certos conceitos *neo-Deleuzianos* ter resultado maioritariamente em matrizes interpretativas exclusivamente contextualistas - *urban assemblages*. Isso acontece porque a tendência pós-estruturalista da narrativa Deleuziana é rejeitar formas macroestruturais de argumentação, por outras palavras, valorizam a instabilidades e descrição livre acima de sistematização teórica reflexiva, o que vai directamente contra a abordagem da teoria crítica urbana - que embora exija reflexividade, também exige afirmação estruturada para poder reservar o estatuto de teoria⁴¹⁴.

*“Theories of difference (...), have tended to stress disjunction to the point at which the materials of the text, including its words and sentences, tend to fall apart into random and inert passivity, into a set of elements which entertain purely external separations from one another.”*⁴¹⁵

A disjunção torna-se ainda mais aparente, quando perspectivada segundo a pragmática sugerida por Jameson⁴¹⁶. Teoria crítica socorre-se da possibilidade de *profundidade* para afirmar a identidade propriamente teórica - nominal - de certos conceitos, essa possibilidade está entrelaçada com a possibilidade de autenticidade e autonomia. Na ausência de *profundidade* o espaço social resultante é uma superfície de dispersão - *simulacra* e pouco mais - uma coleção de textos cuja apresentação desarticulada - esquizofrénica - serve de máscara àquilo que os une⁴¹⁷, a *verdade* do sublime pós-moderno. O ponto de contacto com o *Real* que permite *imaginar* além da mera *ideologia* mas que nunca chega a ser representável, simbolizado.

411 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 67

412 Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix - *Capitalisme et schizophrénie: Mille Plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

413 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114, p. 92

414 Cf. Subcapítulo 4.2 - Teoria Crítica

415 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 75

416 Cf. Subcapítulo 4.2.1 - Teoria Urbana Crítica e Mapeamento Cognitivo

417 LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984, p. 75

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capítulo 05

5.1 Mapeamento Cognitivo

*“We should not presume that the only way to liberate ourselves is to have a theory of the structure of the whole, so that we can oppose this total vision to current fragmentation or to oppressive totalities. There can be a liberation resulting from the tensions and crossings we find ourselves within. We can care for the whole without a map of the whole.”*⁴¹⁸

Os modelos totalizantes pelos quais se mediam as coisas da *urbanidade* são cada vez mais vistos, como relíquias anacrônicas de configurações políticas, sociais e espaciais. A Escola de Chicago é frequentemente invocada na crítica às idealizações reificantes que mantêm alguma ressonância da sacralização moderna da *cidade*.

*“Sociólogos como Burgess y Park describieron con toda su crudeza la ambivalencia de la urbanización: la ciudad es un espacio de individualización al que debemos la mayor productividad económica y cultural, pero también un escenario donde se dan cita de todas las patologías de la sociedad moderna.”*⁴¹⁹

Este, era um tipo de mapeamento do *espaço* baseado em a índices de densidade e aglomeração, governado por princípios causais, racionalistas e ancorados em representações diagramáticas e significações morfológicas, teoricamente delimitadas. Nenhum destas propriedades - que constituíram teoria à maneira da Escola de Chicago, no início do séc. XX - surgiu *a priori*, de uma apreciação já de natureza teórica, mas sim de uma representação fenomenológica de cidade e urbanização profundamente ideológica, frequentemente qualificada como dicotômica.

O mapeamento do *real* nunca se resume a pura *epistemologia*, surge sempre associado a um mapeamento *fenomenológico* - neste caso é predicado na relação *estética* entre aquilo que é do *natural/rural* e aquilo que é do *urbano*⁴²⁰ - e a um mapeamento *ético-político* - um conjunto de pressuposições eticamente infletidas, por vezes até moralizantes, que esclarecem a teoria quanto ao que se deseja para a cidade e que não são um fator exclusivo desse período histórico:

“En el siglo XIX, la historia más contada era la de una decadencia de las costumbres y pérdida de orden en el nomadismo, el desarraigo y la inabarcabilidad de la gran ciudad industrial; en el siglo XX, la crítica de la ciudad se formula como pérdida de la

418 KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press, p. 54

419 INNERARITY, Daniel (2008). *Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadanía*. Comunicação apresentada na Conferência Inaugural, XII Encuentro Ibérico de Directores de Planes Estratégicos Urbanos y Territoriales, Ebropolis, Saragoça p.10

420 Cf. Subcapítulo 3.2.2 - Cidade como Representação do Processo Urbano

*urbanidad por la Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadanía construcción funcionalista de la ciudad. Con todo ello se mezcla también una vieja tradición de desprecio a la ciudad, ideológicamente recuperada en el siglo XX por Heidegger, Jünger o Spengler, que retoma el anterior rechazo a la civilización de muchos poetas románticos, el retorno a la vida campesina de Tolstoi o la huida hacia las tribus primitivas de Gauguin.”*⁴²¹

A legitimidade dos construtos urbanos modernos acaba por se diluir no tempo, fenómenos como a descentralização que trouxe o imaginário *salubre* das *ciudades-jardim*, acompanhadas pelas aglomerações de baixa densidade com perfil dito *sub* e *peri-urbano*, tudo isso revolucionou a localização e as funções do lazer e da habitação, dadas por adquiridas pela teoria urbana. As próprias funções características da cidade industrial são dispostas em novos modelos de organização laboral onde o contacto entre trabalhadores e o local de trabalho, bem como a relação entre serviço e consumidor já não deve tanto a estratégias de centralidade geográfica ou concentração em sede. A *interface* de relação entre indivíduos virtualizou-se, bem como a imagem que se tem do próprio relacionamento social que começa a ser pensado em *rede*.

Hoje fala-se de uma infinidade de denotações para qualificar os espaço invisíveis aos referenciais do passado, *urbanizações extensivas*, *ciudades continuadas*, *splintering urbanism* e outros filhos da *globalização*. A globalização marca o nosso tempo pelo desposicionamentos de praticamente tudo o que é da *vida* e ao leme da mudança está o *desejo*, a propriedade que me parece mais capaz de esclarecer quanto a um putativo cenário (*pós*)moderno.

*“La emancipación frente a la naturaleza y la comunidad, el autogobierno, la integración social son objetivos que ya no requieren la forma de la ciudad: la opinión política se realiza fundamentalmente a través de los medios de comunicación y no en las plazas o calles; la organización democrática ya no es una propiedad exclusiva de las ciudades sino de un principio de organización de los estados; con la globalización el mercado ya no es un lugar urbano; la diferencia entre lo privado y lo público se da igualmente en el campo; también fuera de la ciudad se puede vivir sustraído del poder de la naturaleza.”*⁴²²

O tempo encarrega-se das metamorfoses do espaço e da experiência urbana, no entanto como vimos anteriormente, qualquer interpretação que se faça da *história* - um batimento *rítmico* Nietzscheano, um processo *dialético* capitalista⁴²³, etc. -, revela que o tempo não tem vontade ou agência própria, a sociedade é que continua a fornecer o com-

421 INNERARITY, Daniel (2008). *Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadanía*. Comunicação apresentada na Conferência Inaugural, XII Encuentro Ibérico de Directores de Planes Estratégicos Urbanos y Territoriales, Ebropolis, Saragoça p. 10

422 INNERARITY, Daniel (2008). *Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadanía*. Comunicação apresentada na Conferência Inaugural, XII Encuentro Ibérico de Directores de Planes Estratégicos Urbanos y Territoriales, Ebropolis, Saragoça p. 27

423 Cf. Sub-capítulo 4.3.4 - Estética (Pós)Moderna

bustível para os modos de produção e reprodução social, o *desejo*. O *desejo* por sua vez, é geralmente atribuído a necessidades fundamentais, quase autoevidentes - que mesmo perante a indeterminação dos dias que correm ainda conseguem contrair algum *consenso* na figura dos direitos humanos -, mas a vontade para o poder, para o conforto, para o consumo, para a beleza, etc. são fruto de desejos mais difíceis de compreender, são altamente variegados, subjetivos e, mais importante, susceptíveis a influência *ideológica*. Quando os desejos ganham dimensão coletiva e são projetados para o *território*, devolvem representações político-sociais num espaço *físico* e *simbólico*.

*“La urbanidad ha de pensarse en categorías contradictorias y se realiza en el movimiento de sus contradicciones: entre el orden y el caos, entre lo público y lo privado, entre la indiferencia y el compromiso ciudadano, entre alienación e identificación.”*⁴²⁴

Mantendo presente a análise feita até aqui, estão finalmente reunidas as condições para avançar uma proposta pessoal de conceptualização para *mapeamento cognitivo*. O objectivo da tese nunca foi apresentar este conceito como metodologia de análise da qual resulta um objecto - um mapa/modelo propriamente dito.

A concepção que tenho em mente começa pela proposta de Jameson, onde encontrei uma definição extensiva e compreensiva de aplicação direta ao urbanismo. Essa concepção *crítica* admite uma diversidade de mapas tão grande quanto a reflexividade e criatividade permitam conceber - o trabalho desenvolvido pelo grupo de investigação Urban Theory Lab, do qual Brenner faz parte, é exemplo disso - e a propósito das mais diversas temáticas - não obstante que a terceira coordenada confere uma dimensão teórica/abstrata ao conceito, o que lança para as imediações da *epistemologia* e da teoria social e política. O exercício crítico de mapear já envolve uma cadeia de relações que vai desde proposições filosóficas até às tipologias espaciais mais concretas, mas ainda assim, mantém uma condição restritiva, porque é um construto integrante de uma estrutura teórica que por muito autocrítica e reconfigurável que seja, nunca consegue abandonar o seu ADN epistemológico e por motivos fáceis de se compreender, é sempre preciso algum tipo de base para suportar as ideias de uma postura construtivista, mesmo que se assumam temporárias e locais.

Revisitando a filosofia de Lyotard, parece-me que através da promoção do pensamento paralógico, já está lançada implicitamente uma demanda paralela por novos mapas cognitivos. À partida o termo é substancialmente incompatível, mas se o princípio Althusseriano que predica o significado de mapeamento cognitivo - na concepção proposta por Jameson - for substituído pelo modelo de *diferença* de Lyotard, qual seria o

424 INNERARITY, Daniel (2008). *Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadanía*. Comunicação apresentada na Conferência Inaugural, XII Encuentro Ibérico de Directores de Planes Estratégicos Urbanos y Territoriales, Ebropolis, Saragoça, p. 13

resultado? Provavelmente seria um enquadramento *perspectivista* do termo: talvez pudessem ser predicado nos conceitos de *desterritorialização* e *reterritorialização* de *substâncias* - na concepção de Deleuze⁴²⁵ -, uma alternativa à interpretação dialéctica na qual o pensante *nómada* ultrapassa as barreiras pragmáticas dos *territórios* ideológicos socioculturais para afirmar a sua *diferença* - conceitos incompatíveis com o pensante *autónomo* da teoria crítica que perspetiva a *desalienação*, mas que em todo o caso parecem assumir posições vagamente equiparadas dentro do respectivo aparato filosófico.

Não estou com isto a dizer que o *perspetivismo* serve melhor o urbanista que a teoria crítica no momento de coordenar dimensões ideologias com formações espaciais, ao contrário, diria que a autorreflexão do sujeito deve tomar precedência a qualquer compromisso ideológicos/filosófico *a priori*, por muito frutíferos que sejam no respetivo campo de atividade. O discurso urbano é incontornavelmente político, isso não é aqui negado, a única insistência que mantenho é a de possibilitar - através de recursos cognitivos - que o discurso ideológico expresse o retrato de uma atitude pessoal trabalhada, em vez da sua canonização à partida das ideologias dominantes do campo. É esse espírito heterogéneo que é constantemente apelado pelas proclamações de um qualquer (*pós*) *modernismo* diferenciado dos erros do passado.

No início da tese foi avançado um postulado pragmatista: O valor de VERDADE está sempre condicionado a um PROPÓSITO. As representações colectivas não traduzem o que a realidade *é*, mas o que *é concebível* e muito se perde na tradução. Estender essa máxima ao mapeamento cognitivo, é uma manobra de desbloqueio das restrições ideológicas originais do conceito que revela o seu potencial escondido.

Uma conceptualização mais democrática que permite acomodar as mais diferentes perspetivas, imaginadas pelas mais diferentes atitudes, para com a análise e estudo da condição urbana. Só através dessa conceptualização é que o mapeamento cognitivo pode aproximar uma atitude autónoma do campo interdisciplinar do urbanismo.

*“A new cognitive map is urgently needed, but its core elements have yet to cohere in an intelligible form.”*⁴²⁶

425 Cf. Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix - Capitalisme et schizophrénie: Mille Plateaux. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

426 BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture, p. 95

Bibliografia

BRENNER, Neil (2013). *Theses on Urbanization*. Public Culture. Duke University Press, vol. 25, nº 1 (69), p. 85-114. Disponível em http://www.urbantheorylab.net/site/assets/files/1015/public_culture.pdf

BRENNER, Niel (2009). *What is Critical Theory?*. City, vol. 13, nº 2, p. 198-207. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/13604810902996466>

DAWKINS, Richard (1976). *The Selfish Gene*. Nova York: Oxford University Press, 2006

DOMINGUES, Álvaro; TRAVASSO, Nuno, eds. (2015). *Território casa comum*. Porto: Circo de Ideias

DOMINGUES, Álvaro; PORTAS, Nuno; CABRAL, João (2011). *Políticas Urbanas II: Transformações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

FULLER, Mike (1996). *Is Science an Ideology?*. Philosophy Now, nº 15. Disponível em https://philosophy-now.org/issues/15/Is_Science_an_Ideology

HAWKING, Steven (1988). *Breve História do Tempo*. Lisboa :Gradiva Publicações, 2011

INNERARITY, Daniel (2016). *Nueve Valores Educativos para Sobrevivir en una Sociedad del Conocimiento*. Comunicação apresentada na Conferência Currículo para o Século XXI: competências, conhecimentos e valores numa escolaridade de 12 anos, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Conferencia_Ed_Sec_XXI/educacion_soc_del_conocimiento_daniel_innerarity.pdf

INNERARITY, Daniel (2015). *Order and Disorder: A Poetics of Exception*. Telos, Politics and Values: The Middle East and China, nº 171, p. 175-188. Disponível em <https://www.danielinnerarity.es/art%C3%A9culos/>

INNERARITY, Daniel (2008). *Las ciudades en un mundo globalizado: hacia una nueva forma de ciudadanía*. Comunicação apresentada na Conferência Inaugural, XII Encuentro Ibérico de Directores de Planes Estratégicos Urbanos y Territoriales, Ebropolis, Saragoça. Disponível em <http://www.ebropolis.es/files/File/Encuentros/2008/conferenciainnerarity.pdf>

JAMESON, Fredric (1984). *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. New Left Review, nº 146, p. 53-92. Disponível em <https://web.education.wisc.edu/halverson/wp-content/uploads/sites/33/2012/12/jameson.pdf>

KOLB, David (1990). *Postmodern Sophistications: Philosophy, Architecture, and Tradition*. Chicago: University of Chicago Press. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/322042996_Postmodern_Sophistications_Philosophy_Architecture_and_Tradition

KUHN, Thomas S. (1963). *The Function of Dogma in Scientific Research*. Scientific Change: Historical Studies in the Intellectual, Social and Technical Conditions for Scientific Discovery and Technical Invention, from Antiquity to the Present, New York: Basic Books, Pp. xii, 896, p. 301-325. Disponível em <https://classes.matthewjbrown.net/teaching-files/hps/kuhn-dogma-revolutions.pdf>

LYNCH, Kevin (1960). *The Image Of The City*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2011

LYOTARD, Jean-François (1979). *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Reino Unido: Manchester University Press, 1984

MITHÁ Ribeiro, Gabriel (2018). *Novo Manual de Investigação*. Lisboa: Contaponto

SHANAHAN, Kellan (2015). *The Paradox of Postmodernism*. Dodecahedron [blog]. Disponível em <http://dodecahedron.squarespace.com/blog/2015/3/11/the-paradox-of-postmodernism>

SILVANO, Filomena (2001). *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Celta Editora Lda

WACHSMUTH, David (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space, vol. 31, nº 1, p. 75-90. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/275321247_City_as_Ideology_Reconciling_the_Explosion_of_the_City_Form_with_the_Tenacity_of_the_City_Concept

